

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA ADJUNTA DE GRADUAÇÃO PRESENCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**DIOGO DO NASCIMENTO SOUZA
THASSYA ÁLVARES BEZERRA MACHADO SILVEIRA**

SOBREVIVENDO A UM RELACIONAMENTO ABUSIVO

Aracaju - SE

2018

DIOGO DO NASCIMENTO SOUZA
THASSYA ÁLVARES BEZERRA MACHADO SILVEIRA

SOBREVIVENDO A UM RELACIONAMENTO ABUSIVO

Projeto de Pesquisa apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

ORIENTADOR

Prof. José Juvino da Silva Junior

Aracaju - SE

2018

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 OS PRIMEIROS PASSOS DO JORNALISMO	7
3 JORNALISMO E LITERATURA.....	10
4 O LIVRO-REPORTAGEM.....	16
5 DO PROJETO AO LIVRO.....	22
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	36
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A violência é um dos traços mais sombrios da espécie humana que, mesmo sustentando o título de racional, carrega um longo histórico violento em todos os níveis de convivência. Um dos tipos mais silenciosos, e não menos grave, acontece no âmbito dos relacionamentos amorosos, os chamados relacionamentos abusivos. O assunto é polêmico e gera reações controversas nas pessoas que ora defendem as vítimas de parceiros abusivos, ora as culpam por tal situação.

Nos últimos anos, o assunto vem ganhando cada vez mais destaque na mídia e muito tem se falado a esse respeito. Uma em cada cinco mulheres considera já ter sofrido algum tipo de violência de parte de algum homem, segundo dados da Pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado (Fundação Perseu Abramo/SESC, 2010). A pesquisa ainda aponta que o parceiro, marido ou namorado, é o responsável por mais 80% dos casos reportados. A principal razão para a violência apontada por 46% das mulheres e 50% dos homens é o ciúme. Dentre outras causas, 23% das mulheres consideram o alcoolismo e outros desequilíbrios psicológicos. Já 19% delas citam a não aceitação e o desrespeito, por parte dos homens, na busca por autonomia.

No entanto, por estar inserido no contexto doméstico, muitos são os casos que não chegam nem mesmo ao conhecimento da família da vítima. E a informação é uma das principais armas para o combate deste tipo de violência, pois ajuda a entender e identificar traços comportamentais tanto de quem a sofre quanto de quem a pratica, encoraja as vítimas a buscarem ajuda e quebra preconceitos.

Segundo o dicionário Aurélio (1999), violência é o “estado daquilo que é violento, abuso de força”. Sinônimo de opressão, tirania e coação. A violência doméstica é definida como crime pela Lei “Maria da Penha”, nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 que a classifica em cinco tipos: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A Lei ainda define, no Artigo 8º, Inciso III, “respeito, nos meios de comunicação social, dos valores éticos e sociais da pessoa e da família, de forma a coibir os papéis estereotipados que legitimem ou exacerbem a violência doméstica e familiar” (BRASIL, 2006).

Os meios de comunicação têm papel fundamental no processo de conscientização da população. No entanto, esse tipo de pauta não ocupa muito espaço no jornalismo diário da grande mídia, ocupada em narrar os acontecimentos

cotidianos, exceto pelos casos extremos, como os de feminicídio. Segundo Kovach e Rosenstiel (2004), uma das funções do jornalismo, além de comunicar a verdade e dar voz àqueles sem voz, é fornecer informações para que os cidadãos possam ser livres e se autogovernarem.

Pela complexidade e gravidade do assunto, uma das alternativas para a cobertura é o jornalismo especializado, aquele voltado a uma temática ou público específicos. E, com o objetivo de colaborar com a discussão que circunda os relacionamentos abusivos e também as suas consequências, o livro-reportagem “Sobrevivendo a um Relacionamento Abusivo” reuniu relatos de pessoas que vivenciaram situações pertinentes à temática abordada. Cada relato foi construído em forma de narrativa para contar a história de suas vidas antes, durante e depois desse relacionamento, preservando as identidades das pessoas citadas, bem como datas e locais. O principal objetivo foi o de mostrar histórias de superação inspiradoras para outras pessoas vítimas desse tipo de relação e também para quem nunca viveu algo parecido, mas deseja saber mais e conhecer exemplos reais.

A reunião dos relatos coletados a partir de entrevistas resultou num livro-reportagem do tipo perfil que, segundo Lima (2009), destaca o lado humano de uma personagem pública ou anônima. Portanto, a temática do livro-reportagem são os relacionamentos abusivos, contando a trajetória de três pessoas que sobreviveram a este tipo de relacionamento. Para compor o livro, foram entrevistadas cinco pessoas que contaram suas histórias: quatro mulheres e um homem. Duas das mulheres passaram por desdobramentos dos seus antigos relacionamentos durante a realização deste trabalho e, por esse motivo, seus relatos foram suprimidos do produto final para manter-se alinhado à proposta inicial de contar histórias de quem deixou tal relacionamento para trás.

O livro-reportagem é um produto jornalístico, caracterizado por Pessa (2009) como impresso e não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento nos meios de comunicação periódicos. Como sendo narrativo e com maior profundidade no tratamento no tema, permite um trabalho mais elaborado, sem a urgência da notícia factual, explorando técnicas e estilos textuais que permitam a impressão de detalhes no texto que ajudam a obter uma nova visão sobre o assunto.

Os relacionamentos abusivos precisam ser debatidos, mas não de forma sensacionalista ao expor as desgraças causadas por eles, e sim falando sobre o

tema, seu impacto na vida de quem passa por isso e as consequências. Este livro-reportagem tem como objetivos específicos oferecer informação e exemplos para a sociedade, estimular o diálogo a esse respeito, ouvir o que as pessoas que saíram de relações abusivas têm a dizer e informar possíveis soluções.

Todas as cinco fontes foram entrevistadas em Aracaju/SE, entre os meses de junho e setembro, e seus relatos serviram de matéria-prima para a redação do texto narrativo sobre suas experiências. Dos três relatos selecionados, foram definidos os pontos de partida e fechamento de cada relato, de acordo com a permissão de cada uma das fontes, para que o texto contenha um início, desenvolvimento e desfecho.

A narração do “depois” foi a responsável por trazer o processo de superação após o fim do relacionamento abusivo, algo correspondente ao “final feliz” das histórias dos livros. Afinal, essas histórias destes verdadeiros sobreviventes podem servir de exemplo de força e de coragem para enfrentamento da violência, do preconceito, do comodismo, da apatia e do machismo que circunda a discussão sobre o tema.

Essas vozes foram ouvidas e projetadas e o livro resultante deste projeto é mais um meio para se falar nesse assunto. Um pequeno passo nessa luta, é verdade, mas ainda assim, uma forma de colaborar com o fim dos relacionamentos abusivos.

2 OS PRIMEIROS PASSOS DO JORNALISMO

O nascimento do jornalismo veio da necessidade, dentre outras coisas, de se contar histórias, educar e informar a população. Mas não há um marco ou uma data específica de seu surgimento, a prática jornalística se desenvolveu em épocas, regiões e contextos políticos e sociais diferentes.

Em seu livro *Teoria do Jornalismo*, Felipe Pena (2005) aponta que a história do jornalismo se confunde com a história da comunicação. A necessidade que o ser humano tinha de contar histórias levou ao desenvolvimento de linguagens e tecnologias que possibilitassem a transmissão de informações. O autor sugere que os relatos orais foram a primeira grande mídia da humanidade (PENA, 2005, p. 24), pois era na oralidade que as informações eram transmitidas ao público. Quando as primeiras técnicas de escritas surgiram há milênios, ainda havia uma limitação física e social para sua distribuição e ficava restrita a poucos indivíduos. Então a oralidade cumpria um papel importante na transmissão de informação para as massas.

Quem se debruça sobre o tema são os historiadores Asa Briggs e Petter Burke (2016), no livro *Uma História Social da Mídia*. Os autores traçam uma linha do tempo do que chamam de revolução da prensa gráfica que aconteceu após a invenção de Gutenberg e abordam, dentre outras formas de comunicações humanas, a oralidade, que mesmo com o desenvolvimento da prensa, não perdeu sua importância, pois “a arte da fala (e do gesto) era considerada pelos retóricos tão importantes quanto a da escrita” (BRIGGS e BURKE, 2016, p. 37). Tanto que o império britânico nos reinados da rainha Elizabeth I e do rei Carlos I falavam em “sintonizar os púlpitos” (BRIGGS e BURKE, 2016), tamanha a influência da oralidade na vida das pessoas da época, do poder de alcance dos sermões das igrejas e da sua influência na vida em sociedade.

Sobre o que se segue após a invenção da prensa gráfica e o desenvolvimento do mercado editorial, Pena (2005) atenta sobre a necessidade de distinguir os conceitos de mídia e imprensa. Segundo ele, mídia refere-se à manifestação cultural no espaço público, enquanto a imprensa trata-se da produção de notícias. O surgimento do jornalismo remonta a meados do século XVII, mas sua expansão só aconteceu mesmo no século XVIII com o desenrolar da Revolução Francesa. Aquele foi um período de rompimento com velhos padrões sociais, econômicos e religiosos e coube ao jornalismo colaborar com esse processo.

Esse cenário é descrito pelo sociólogo e jornalista, Ciro Marcondes Filho, em seu livro “Ser Jornalista: O desafio das tecnologias e o fim das ilusões”, em que explica como a “desconstrução do poder” fez com que o conhecimento conseguisse se libertar das paredes que os enclausuravam na Igreja e na Universidade. Com essa descentralização, o conhecimento pôde ser acessado por mais pessoas, num processo impulsionado pela invenção da prensa tipográfica por Gutenberg. Os primeiros passos do jornalismo seguiram a missão do iluminismo, a de trazer à tona todo o conhecimento mantido escondido por séculos e, nesse mesmo processo, a burguesia fazia questão de se expor o máximo possível.

Briggs e Burke (2016) explicam que os pensadores do Iluminismo escreviam sob um regime de censura, pois havia restrições oficiais que os impediam de abordar assuntos políticos. Em resposta a proibição, havia um apelo por liberdade de imprensa e, paralelamente, desenvolveu-se uma comunicação clandestina. Nessas comunicações, que assumiam formas variadas, “a maneira como as famílias reais eram apresentadas na mídia pode ter tido consequências políticas de longo alcance” (BRIGGS e BURKE, 2016, p. 102). Isso sugere que o envolvimento do “povo”, aquelas pessoas que tiveram acesso às ideias propagadas e se somaram ao movimento, na revolução não foi apenas causa, mas também linguísticos do envolvimento da mídia nesse processo. Desta maneira, a imprensa revelava seu poder de influência na opinião pública.

Em meio ao clima efervescente da Revolução Francesa, houve um grande crescimento da quantidade de periódicos e, só no ano de 1789, 250 jornais foram fundados na França. Briggs e Burke (2016) observam que o resultado desta revolução tem um ponto em comum com outras, como a guerra civil inglesa e Revolução Gloriosa de 1688: o desenvolvimento da “esfera pública”, a dimensão onde os assuntos públicos são debatidos pelos membros da sociedade.

Nesse contexto, o fazer jornalístico ainda não era voltado para o lucro. Em seus primeiros passos, o jornalismo tinha produção artesanal e economia elementar, período que Marcondes Filho (2009) chamou de pré-história do jornalismo, que aconteceu entre os anos de 1631 a 1789. Após a Revolução Francesa, o jornalismo já era “político-literário”, classificado pelo autor como primeiro jornalismo, no qual as páginas impressas “funcionam como uma caixa acústica de ressonâncias de ideias, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias” (MARCONDES, 2009, p. 19). Ou seja, a linguagem do meio

impresso era literária e o conteúdo era usado para a formação do público, disseminação das mais diversas ideologias e fortalecimento de determinados grupos políticos.

O jornal como empresa capitalista só surge no século XIX, com o avanço das tecnologias industriais. Para Marcondes Filho (2009), esse é o “segundo jornalismo” e suas principais características são o rompimento com a liberdade de criação, estilo e engajamento político da fase anterior. Neste momento, o jornal precisa ser rentável e se autossustentar, os textos são produtos que precisam ser, de certa forma, padronizados para a venda em massa. Com o desenvolvimento do meio, a venda de espaços para publicidade torna o jornal dependente do mercado e dos grandes grupos econômicos, é o que Marcondes Filho chama de inversão da preocupação e importância do caráter da mercadoria:

Seu valor de troca, a venda de espaços publicitários (para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica) passa a ser prioritária em relação ao seu *valor de uso*, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais (MARCONDES FILHO, 2009, p. 21, grifo do autor).

Isso significa que não cabe mais ao jornal o caráter pedagógico e sim a busca pela notícia, o furo de reportagem, mantendo a aparência de imparcialidade e independência. As empresas de comunicação se desenvolvem a tal ponto que, ao final do século XX, constituem monopólios e concentram boa parte da mídia nas mãos de poucos, esse é o cenário do *terceiro jornalismo*, segundo Marcondes Filho (2009).

3 JORNALISMO E LITERATURA

Como dito anteriormente, o jornalismo nasceu literário. Os escritores redigiam seus textos, eles eram impressos e distribuídos ao público. Esse conteúdo carregava não somente as técnicas e o estilo de escrita, mas também os ideais do autor. Cada texto tinha a intencionalidade de divulgar pensamentos e correntes ideológicas. Com o desenvolvimento e as transformações do fazer jornalístico e nas relações de poder entre imprensa e sociedade, os escritores foram substituídos por repórteres e o texto passou a ser “padronizado”, impessoal e neutro. Não mais uma “obra de arte” e, agora, um produto a ser vendido e gerar lucro. No entanto, o instrumento de trabalho, tanto do jornalismo quanto da literatura, ainda era a escrita e uma reaproximação era questão de tempo.

Essa reaproximação, segundo Lima (2009), aconteceu com a apropriação do fazer literário por jornalistas que produzem reportagens, principalmente as que se tornam livros. Quando a notícia evolui para a reportagem surge a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem (LIMA, 2009). Ou seja, a notícia é um relato breve e muito objetivo, ao contrário da reportagem que é mais aprofundada exige a construção de um texto narrativo e mais detalhado, portanto, mais próximo do literário.

Segundo Lima (2009), até os primeiros anos do século XX, não havia muita diferença entre literatura e imprensa. Os jornais disponibilizavam espaços em suas edições onde escritores publicavam obras literárias, como os folhetins, e outros suplementos literários. Este é o aspecto divulgador (LIMA, 2009) que fazia dos jornais uma espécie de vitrine para os escritores que podiam alcançar público e até mesmo a notoriedade tão sonhada. E essa era uma das diferenças mais profundas entre a literatura e o jornalismo, pois o jornal deveria divulgar notícias e informar o público e não promover escritores e suas obras que não obtiveram sucesso no mercado editorial.

Com o passar dos anos, este contato próximo com a literatura e com os escritores dos jornais, criou no jornalismo um ambiente propício para o surgimento de um novo gênero jornalístico alicerçado tanto na prática jornalística quanto na literária. Lima (2004) explica que o jornalismo absorve elementos do fazer literário, transforma-os e os utiliza para outras finalidades que não a ficção.

Aliam-se nesse aspecto os princípios de *competição* e *diferenciação*. Para crescer, o sistema deve competir e para competir em meio ao contexto do seu ambiente disponível deve obrigatoriamente encontrar um aspecto diferenciador na função aparente que desempenha (LIMA, 2009, p. 137, grifos do autor).

Ou seja, o trabalho dos jornalistas que também eram escritores foi responsável por criar um novo gênero jornalístico, o jornalismo literário. O jornalismo literário é uma alternativa para os jornalistas comprometidos com as pautas específicas e complexas, mas que esbarram no espaço reduzido dos veículos tradicionais.

O livro, *Jornalismo Literário*, de Rogério Borges (2013) fala que o jornalismo literário escapa da influência totalizadora do jornalismo objetivo convencional, porém atenta que essa análise pode tornar o estudo do Jornalismo Literário mais superficial, quando se observa somente as diferenciações no nível da linguagem. Ele critica reportagens de literatura contestável, de conotação emocional e repletas de clichês, classificadas como de jornalismo literário “pela simples razão de não estar dentro da norma da chamada “pirâmide invertida” (BORGES, 2013, p. 181). A solução proposta por ele para elevar a qualidade jornalística de tais reportagens é a aplicação das mesmas práticas e teorias do jornalismo convencional e defende que

Os recursos da literatura e os contratos de leitura específicos do texto informativo, quando retrabalhados em uma aliança discursiva – e não apenas somados como numa equação matemática -, têm um potencial excepcional de narrar, descrever, interpretar e aprofundar os acontecimentos, colaborando para a formação de um discurso autônomo e confiável. (BORGES, p. 191)

Por outro lado, a rotina agitada e a necessidade de rapidez e objetividade no texto jornalístico tradicional, além da falta de tempo, podem ser agravantes para quem deseja seguir pelo caminho literário. No livro, *Jornalismo Literário*, Felipe Pena (2006) enfatiza que não é fácil para os jornalistas sair das amarras das redações ou exercitar a veia literária em um livro-reportagem, pois é preciso dominar as técnicas de escrita jornalística tão bem quanto as literárias para a produção de um material de qualidade e relevante. Afinal, não se trata simplesmente de migrar de um gênero para outro e desconsiderar toda as técnicas e estilos. Trata-se, na verdade, de

Potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade,

exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 13)

Pena (2006) chama essas sete características de “a estrela de sete pontas” do jornalismo literário, taxando-as de imprescindíveis, por compor um conjunto harmônico e retoricamente místico. A medida que o produto jornalístico cumpre com esses objetivos, o material produzido torna-se relevante e aumenta sua sobrevivência no tempo e espaço. E faz isso mantendo sua relevância no dia seguinte e não sendo descartado como acontece com os jornais diários que, como o autor brinca, vão parar nas feiras como embrulho de peixe.

O movimento do “Novo Jornalismo”, ou *new journalism*, se desenvolveu na década de 1960, e teve como combustível principal a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com a rigidez das regras de objetividade e a estruturação do texto jornalístico. Foi o livro reportagem “A sangue frio”, do jornalista estadunidense Truman Capote, que impulsionou o movimento.

Diferente da literatura que trata de ficção, o novo jornalismo trata da realidade, mas se utiliza de métodos literários, linguísticos e estilísticos na construção da narrativa e exposição de personagens e cenários. Esse novo gênero desenvolveu-se também com a especialização do jornalismo, abordando temas mais específicos e fora do contexto factual. As pautas frias, tidas como menos importantes do que as quentes, não dependiam da pressa da descoberta e publicação do furo de reportagem.

Para Lima (2009), a ausência dessa urgência deu a estes jornalistas um certo espaço livre para experimentação e, com a necessidade de aprofundar o tema e ir além das matérias diárias, os jornalistas tinham a necessidade de encontrar novas formas de narrar para manter o leitor preso ao texto. E essa é uma das principais características do *new journalism*, a liberdade de criação, pois os textos não precisam seguir estruturas definidas e podem ser apresentados de diversas outras formas.

Ou seja, o trabalho do jornalismo ganha mais instrumentos que podem enriquecer o produto final, Pena (2006) cita Wolfe ao afirmar que a missão do novo jornalismo é “evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracterizam a tal imprensa objetiva”. Desta forma, o jornalista está livre não apenas para abordar

um tema ignorado ou pouco tratado pela mídia tradicional, mas também tem a possibilidade de ir além da pirâmide invertida, experimentando linguagens, técnicas e formatos variados. O autor enfatiza que o texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias, sendo possível, ainda, “abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações” (PENA, 2006, p. 54).

Além de oferecer um produto com valor estético, Faria (2011) cita outra função do jornalismo literário: a de educação do público em caráter cultural, artístico e literário. Para cumprir tal missão, a autora

3.1 Jornalismo Literário no Brasil

E o nascimento do jornalismo brasileiro também está intimamente ligado à literatura. Os primeiros jornalistas daqui foram escritores renomados como José de Alencar, autor de “Senhora”, “O Guarani” e “Iracema”; Machado de Assis, autor de “Dom Casmurro” e do conto “O Alienista”; Lima Barreto, escritor de “Triste fim de Policarpo Quaresma” e “Os Bruzundangas”; Graciliano Ramos, que escreveu o romance “Vidas Secas”.

Estes escritores/jornalistas trouxeram para os jornais impressos do Brasil o folhetim, descrito por Pena (2006) como um estilo discursivo, que marca a confluência entre Jornalismo e Literatura. Eram uma espécie de derivado de romances, publicados em periódicos em seções especiais dos jornais e com apelo popular. O autor cita Machado de Assis como o melhor exemplo brasileiro de “cronista folhetinesco” publicando críticas em jornais como a Gazeta de Notícias e O Correio Mercantil (PENA, 2006, p. 31).

Lima (2014) relembra a passagem do século XIX para o século XX como um período marcado por profundas mudanças no Brasil que se modernizava. Nessa época, o jornalismo também mudou e começou a dar os primeiros passos em direção à independência na literatura. O autor atribui ao escritor Euclides da Cunha papel fundamental nesse processo com o livro “Os Sertões”, publicado em 1902, e o classifica como sendo um desbravador da narrativa. Euclides é identificado como o estilo do profissional que fica no meio-termo curioso da ficção e da realidade para construir um relato de profundidade (LIMA, 2009).

Euclides tinha características diferenciadas que Lima (2009) citou, como: inteligência aguçada, erudição e capacidade de coleta de campo. A isso se deve o convite para cobrir o conflito de Canudos para O Estado de São Paulo, em agosto de 1897. O repórter possuía a habilidade de situar um evento no contexto que o cercava e levar para o leitor a retratação mais profunda do que testemunhava. A visão de Euclides se desdobrava em volta dos espaços e das condições imediatas que envolviam o conflito, exibindo um cuidado com a documentação que é característica dos bons repórteres de profundidade do futuro já que

a busca das raízes das forças desencadeadoras de Canudos, em Euclides, tinha um objetivo mais elevado do que simplesmente entendê-lo. O panorama de fundo com o qual o autor está preocupado é com o país em formação, sua nacionalidade, sua identidade. Euclides quer penetrar na sua descoberta de mundo e não mede esforços para transformar seus próprios instrumentos de entendimento do real e rejeitá-los, se a constatação de campo provar-se incompatível com o arcabouço teórico que lhe balizara os primeiros enfoques daquela realidade complexa. (LIMA, 2009, p. 162)

Lima (2009) conclui que Euclides foi um pioneiro que influenciou e contribuiu para o amadurecimento do jornalismo de profundidade enquanto reportagem. “Os Sertões” podia não ser, necessariamente um livro-reportagem como entendido atualmente, mas foi um precursor do gênero.

A presença de grandes escritores nas páginas dos jornais também contribuía para a democratização da cultura, já que os livros ainda eram artigos de luxo e grande maioria da população vivia na pobreza. Isso prejudicava os escritores que não conseguiam sobreviver de sua arte, então, ao terem suas obras publicadas nos jornais, passavam a ter trabalho e um salário. Conseqüentemente, os jornais aumentavam suas vendas, à medida que o público se envolvia com as narrativas.

No entanto, não bastava simplesmente dividir obras fechadas e publicar suas partes, “esses romances deveriam apresentar características especiais para seduzir o leitor. Não bastava escrever muito bem ou contar uma história com maestria. Era preciso cativar o leitor e fazê-lo comprar o jornal no dia seguinte” (PENA, 2006, p. 32).

Mas o crescimento do gênero jornalismo literário só aconteceu no país na década de 1960 com as revistas, como explica Angélica Fabiane Weise (2013), em seu artigo “Para compreender o jornalismo literário”. A autora aponta a revista

Realidade – que circulou no país entre as décadas de 60 e 70 – como “a gênese do texto de revista no Brasil”, porque foi no veículo que os jornalistas desenvolveram o aprofundamento e as técnicas narrativas e, desta forma, se aproximaram de uma experiência literária. A revista levava ao público narrativas complexas que ultrapassavam a estrutura e o tamanho do que se convencionava fazer e, muitas delas se transformavam em livros.

Mas o jornalismo literário não fica somente entre a capa e a contracapa de livros impressos e também se insere em outras plataformas como os jornais impressos, as redes de televisão e rádio e a internet. No Brasil, um bom exemplo disso são os conteúdos produzidos para a Agência Pública, citado por Monica Martinez (2017) como um expoente do gênero no meio digital, no qual suas reportagens são reproduzidas por uma rede de mais de 60 veículos, sob a licença Creative Commons (MARTINEZ, 2017).

4 O LIVRO-REPORTAGEM

Antes de falar em livro-reportagem, é necessário conhecer o conceito de livro. No dicionário Michaelis, trata-se de um conjunto de folhas de papel, impressas ou manuscritas, coladas ou costuradas num dos lados, cobertas por uma capa. Essa definição, óbvio, deixa de lado o livro digital, disponibilizado para leitura em dispositivos como celulares, computadores, tablets, etc., e que têm ganhado popularidade. A ABNT estipula que um livro deve possuir, no mínimo, 49 páginas, sem contar com a capa e a contracapa.

Já um livro-reportagem é uma ampliação minuciosa da notícia. Para Lima (2004, p. 29), é “um veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação periódicos”. Sua maior característica é, portanto, conter uma abordagem mais rica de detalhes sobre o tema tratado e, por não ser periódico, dispõe de um intervalo de tempo maior para seu planejamento, preparo e finalização.

Com mais tempo à sua disposição, o jornalista tem a possibilidade de pesquisar mais e experimentar linguagens e construções diferentes. No entanto, isso não quer dizer que todo livro-reportagem vá possuir uma linguagem literária, aquela próxima de obras de ficção como romances. Borges (2013) aponta que o livro-reportagem não é necessariamente escrito como um texto literário, apesar de a literatura ser uma das ferramentas usadas na construção das narrativas e dos relatos que compõe a obra. Por outro lado, ele lembra que formato do livro pode estimular o autor a produzir um trabalho que se encaixe nos padrões da indústria editorial.

Lima (2009) ainda diferencia os livro-reportagens de outros livros no que se refere a determinadas condições. A primeira é quanto ao conteúdo, pois o livro-reportagem se debruça sobre a realidade e não sobre a ficção. A segunda é quanto ao tratamento, já que se apresenta como um produto jornalístico em sua linguagem, montagem e edição. A terceira e última condição definida pelo autor é quanto à função, que se relaciona com as finalidades que a narrativa construída assume sobre o tema, seja ela educativa, orientadora, explicativa, etc.

Com isso, Lima (2009) se aproxima do que Borges (2013) disse sobre a linguagem do livro-reportagem, pois há diferenças profundas entre o texto literário e

o jornalístico, mas uma não exclui a outra. Ao tratar de determinada realidade, o jornalista pode se utilizar de um estilo de narração que é mais comum na ficção e, mesmo assim, preservar o teor jornalístico da obra. Desta maneira, pode-se dizer que é um veículo de experimentações, pois o jornalista pode percorrer técnicas e estilos de ambos os gêneros.

Quanto aos temas abordados, um livro-reportagem permite uma extensão maior de temáticas e abordagens. No geral, são apresentados aqueles considerados como da atualidade, entretanto este conceito de atual é, segundo Lima (2009), muito mais elástico. Refere-se ao tempo em que o assunto é relevante na mídia: “encontramos no livro-reportagem uma extensão do tempo presente superior àquilo que percebemos nos periódicos” (LIMA, 2009, p. 31). Desta forma, superando o prazo do factual do jornalismo diário, os desdobramentos dos fatos noticiados acumulam uma crescente quantidade de fatos e dados, o que leva a uma necessidade de análise e interpretação.

Diferente do que é habitual no jornalismo diário, no literário, em especial nos textos biográficos como os perfis, a pauta geralmente está localizada no passado. Os fatos do passado vão ser revisitados por meio de pesquisa e entrevistas para a construção de uma narrativa que conte essas histórias. Cabe ao jornalista, estudar o assunto, suas fontes e o material colhido para definir como o trabalho será feito e o conteúdo final produzido. Barretos (2018) fala em uma reconfiguração de memórias à medida que a narração dos episódios não acontece apenas no tempo, mas também ao longo dele.

“(…) há a reconfiguração de memórias que carregam diversos sentidos e saberes acerca dos eventos abordados e, ainda que pertençam ao passado, são ressignificadas pelo presente na trama da narrativa, bem como possíveis desdobramentos e afetações na vida dos sujeitos que apontam para o futuro”. (BARRETOS, 2018, p. 136)

O que é explicado por Borges (2013) como uma exigência para os livro-reportagens, pois eles devem possuir um grau mínimo de ineditismo nos fatos apresentados, mesmo que sejam totalmente centrados em assuntos do passado. Entretanto, isso não significa dizer que tais acontecimentos não estão, de alguma forma, relacionados à pauta diária comum. “Em muitos casos, conta-se uma história passada há algum tempo, mas que ainda traz implicações para o presente, nem que seja a mera curiosidade” (BORGES, 2013, p. 261). Falar do passado ajuda a

compreender o presente, ou mesmo fatos passados, e cabe ao jornalista trazer esses assuntos à tona sob uma perspectiva que permita uma nova reflexão e um novo entendimento sobre o tema.

À medida que trazem material inédito que não somente informam o leitor, mas também apresenta novos conhecimentos e perspectiva a ele, os livros-reportagens são como portais para realidades diversas. No entanto, para que o leitor experimente essa “viagem” é necessária uma narrativa de profundidade. Para Lima (2004) a função de informar e orientar o leitor pode apresentar diferentes níveis e em dois sentidos, considerando que a profundidade da reportagem possa ser horizontal, no sentido extensivo, e de forma vertical, no sentido intensivo, ou mesclando ambos.

Lima (2009) detalha o aprofundamento extensivo, ou horizontal, como aquele no qual o leitor é brindado com dados, números, informações, detalhes que ampliam quantitativamente sua taxa de conhecimento do tema (LIMA, 2009, p. 37). Já o aprofundamento intensivo é aquele que oferece informações qualitativas ao leitor. O autor explica que, na melhor hipótese, esse aprofundamento apresenta-se de forma extensiva e intensiva, de uma forma que o número e qualidade dos detalhamentos enriqueçam a narrativa.

Já quanto a categorização, Lima (2009) divide os livros-reportagens em dois grupos iniciais. O primeiro é o livro-reportagem originado de uma grande reportagem ou da compilação de uma série de reportagens veiculadas na imprensa. O segundo é aquele originado de um projeto elaborado especificamente para livro, como é o caso da proposta do presente trabalho. Já quanto a finalidade e a natureza do tema abordado, Lima (2009) classifica o livro-reportagem em 13 grupos. São eles:

- *Livro-reportagem-perfil*: “procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima” (LIMA, 2009, p. 45).
- *Livro-reportagem-depoimento*: “reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou testemunha privilegiada” (LIMA, 2009, p. 45).
- *Livro-reportagem-retrato*: focaliza em “uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão” (LIMA, 2009, p.45).
- *Livro-reportagem-ciência*: “serve ao propósito de divulgação científica, geralmente em torno de um tema específico” (LIMA, 2009, p. 46).

- *Livro-reportagem-ambiente*: “vincula-se aos interesses ambientalistas, às causas ecológicas” (LIMA, 2009, p. 46).
- *Livro-reportagem-história*: é focado no passado recente ou mesmo mais distante no tempo. “O tema, porém, porém, tem geralmente algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum como o leitor atual” (LIMA, 2009, P. 46).
- *Livro-reportagem nova consciência*: “focaliza temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas que surgem em várias partes do mundo [...]” (LIMA, 2009, p. 47).
- *Livro-reportagem-instantâneo*: “debruça-se sobre um fato recém-concluído, cujos contornos finais já podem ser identificados” (LIMA, 2009, p. 47).
- *Livro-reportagem-atualidade*: “seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos” (LIMA, 2009, p. 48).
- *Livro-reportagem-antologia*: aquele que reúne “reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas na imprensa cotidiana ou até mesmo em outros livros. (LIMA, 2009, p. 48).
- *Livro-reportagem-denúncia*: trata-se de um produto investigativo, “apela para o clamor público contra as injustiças [...], focalizando casos marcados pelo escândalo” (LIMA, 2009, p. 49).
- *Livro-reportagem-ensaio*: possui a opinião do autor sobre o tema “conduzida de forma a convencer o leitor a compartilhar do ponto de vista do autor” (LIMA, 2009, p. 49).
- *Livro-reportagem-viagem*: narra uma viagem a uma região específica, “o que serve de pretexto para retratar, como um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local” (LIMA, 2009, p. 49).

São diversos tipos de livros com as mais diversas finalidades, mas todos seguem a premissa de viajar fundo dentro de algo específico, seja um tema, um personagem, um local, uma época, uma cultura, um cenário político, social, econômico, etc. Todos têm a missão de oferecer ao leitor a possibilidade de expandir seu conhecimento sobre algo, conhecer novos pontos de vistas e, com isso, formar sua própria opinião a respeito.

O tipo de produto realizado neste trabalho foi, portanto, um *livro-reportagem-perfil* que retratou a experiência de três pessoas que viveram um relacionamento abusivo durante uma fase de suas vidas. Quanto ao aprofundamento, os relatos trazem em maior grau o intensivo, vertical, com histórias de vida que podem inspirar outras pessoas. E em menor grau, o extensivo, quando são apresentados dados a respeito da violência.

Ormaneze (2018) define perfil como um texto jornalístico justificado pelos critérios de noticiabilidade da prática jornalística e que se centra “em retratar um indivíduo, que se torna, ao mesmo tempo, foco e protagonista da pauta concretizada” (ORMANEZE, 2018, p. 55). Tais personagens podem ser pessoas que se destacaram na política, economia, direitos, saúde, educação, etc. Ou, ainda, pessoas que passaram despercebidas pela grande mídia, mas viveram grandes histórias que valem a pena ser contadas.

Sob essa ótica, Ormaneze (2018) considera que o jornalismo deve ser entendido, como uma manifestação da memória discursiva. Ou seja, na narrativa não estarão impressos apenas fatos e características relacionadas aos personagens, mas também características do próprio fazer jornalístico que, segundo o autor, “determina formas de dizer, de construir personagens (em biografias ou não) e de relacionar sujeitos, uns com os outros, numa trama ou num conjunto delas que se une numa antologia” (ORMANEZE, 2018, p. 66). No final da produção, a obra carrega a história de seus personagens ao mesmo tempo em que se apresenta como resultado de uma longa jornada de produção, pesquisa e redação jornalísticas.

Por antologia, Ormaneze (2018) define os livro-reportagens que compilam textos jornalísticos, publicados anteriormente ou não, em periódicos. Sobre este tipo de compilação, o autor observa existir um sentido de unidade quando os textos são agrupados o que acaba se configurando em uma nova narrativa. “Eles passam a fazer parte de um todo que, de outro modo e antes, não existi(ri)a” (ORMANEZE, 2018, p. 56). Isso implica dizer que a seleção dos textos deve seguir algum critério em que algum aspecto específico tenha ligação com todos as narrativas e produza, por fim, o sentido de unidade citado por ele.

Há muitos exemplos de livro-reportagem, inclusive de sucesso editorial. Eliane Brum é um nome de destaque do gênero, ela assina obras como “A vida que ninguém vê” e “A menina quebrada”. O livro “Holocausto Brasileiro” foi publicado em 2013 e é uma reportagem sobre um antigo hospital psiquiátrico escrita pela jornalista

Daniela Arbex, que narra os horrores de um antigo hospício de Minas Gerais que funcionou durante o século XX. Tanto Brum quanto Arbex foram premiadas com o Prêmio Jabuti, importante premiação literária do país e mostram o poder de alcance das narrativas do jornalismo literário.

O livro “Sobrevivendo a um relacionamento abusivo”, portanto, apresenta a característica da unidade a partir do momento em que cada fonte conta uma história única, mas, em conjunto, todas apresentam uma característica em comum: o relacionamento abusivo. Inicialmente, cinco pessoas foram entrevistadas e todas contaram suas histórias, no entanto, somente três continuaram no projeto, por representarem melhor o objetivo do livro. As três narrativas foram redigidas na terceira pessoa do singular e os textos são centrados na memória e emoção das fontes entrevistadas. Ao final de cada perfil, o ponto comum entre essas pessoas não foi apenas o fato de terem vivido esse tipo de relacionamento, mas também terem sobrevivido a ele e, hoje, sentirem-se recuperadas e livres para falar sobre o assunto.

5 DO PROJETO AO LIVRO

Escrever um livro-reportagem exige um alto número de informações recuperadas ou obtidas por entrevistas, consulta a livros, registros históricos, busca na internet e banco de dados, etc. Em meio à tantas informações, o jornalista tem a tarefa de selecioná-las, ordená-las e estruturá-las a tal ponto que a história posteriormente narrada faça sentido e os personagens e fatos sejam fiéis ao material levantado.

O jornalista Eduardo Belo (2006) escreveu o livro “Livro-reportagem”, da editora Contexto, no qual detalha as características deste tipo de produto jornalístico e sugere procedimentos para sua escrita. O jornalista se preocupa com o passo a passo que vai desde a ideia até a conclusão da obra e propõe um *checklist* a ser seguido. Desta forma, evidencia-se que um livro-reportagem, assim como grande reportagem, é um verdadeiro empreendimento que exige tempo, esforço, recursos e um planejamento detalhado.

5.1. PAUTA

A pauta é o guia básico do trabalho do jornalista na prática de sua profissão, inclusive para os jornalistas literários. É com este guia em mãos que o jornalista vai em busca das informações e encontra fontes necessárias à construção de suas reportagens. No livro *Apuração da Notícia*, Luiz Costa Pereira Junior (2006) define a produção da pauta como uma pesquisa prévia, feita a partir de uma apuração preliminar e da busca de fontes, documentos e publicações. É, portanto, uma base de informações que sustenta, justifica e determina a viabilidade de uma investigação.

Para Belo (2006) a pauta é um instrumento necessário para a construção de um livro-reportagem, tal qual acontece nos jornais convencionais, no entanto, ela apresenta diferenças do que é praticado nas redações tradicionais. A maior diferença está na quantidade de informação prévia presente, pois ela precisa de detalhamento, pois sua função também é a de antever o que será o produto final. Precisa prever os caminhos que a apuração tem de seguir e antecipar, pelo menos em parte, o produto final. (BELO, 2006, p. 75), afinal um livro é um projeto que demanda tempo, esforços e dinheiro, portanto exige organização e planejamento

desde as primeiras etapas do trabalho. O autor fala, ainda, que por representar o ponto inicial da reportagem, a pauta deverá influenciar todo direcionamento da reportagem.

No jornalismo convencional, os fatos mais recentes dominam as pautas realizadas nas redações. Por outro lado, no jornalismo literário, a pauta oportuniza temas mais complexos e variados, atemporais, portanto, sem compromisso com o factual, ou aquelas que não ganham muito aprofundamento no jornalismo diário. Na pauta literária, temas atemporais ganham espaço, já que é possível trabalhar temas mais antigos, desde que aprofundados e com algum efeito sobre a atualidade.

Do ponto de vista de Júnior (2006), a pauta não é tema, não é camisa-de-força e tampouco busca confirmar o que já sabe (JÚNIOR, 2006, p. 78). Para oferecer informações prévias úteis ao repórter, a pauta deve ser escrita baseada em leituras sobre os assuntos que serão tratados. Belo (2006) atenta que

da mesma forma que nos jornais, a pauta de um livro reportagem nasce da leitura (de periódicos, outros livros), das informações colhidas na rua, de uma sugestão de amigos, ou de leitores, de uma observação empírica (BELO, 2006, p. 75).

Para Júnior (2006), a elaboração da pauta é o primeiro contato de pesquisa, é apuração preliminar, a exploração das fontes, documentos e publicações, em uma pesquisa para elaboração da pauta. Neste ponto, a pré-produção é a estratégia de análise das fontes, avaliando a confiabilidade da informação, dada pelas fontes através de alguns critérios sugeridos por Júnior (2006).

- A hierarquia da autoridade: onde os jornalistas preferem fazer referência a fontes oficiais ou que ocupem posição institucional de autoridade;
- A produtividade: que é a quantidade e qualidade de informação que a fonte pode dar, poupando tempo e esforços dos jornalistas para consolidar informações;
- A credibilidade: onde as informações das fontes exigem o mínimo de controle por se tratar de fontes confiáveis.

Após essa pesquisa inicial, Júnior (2006) recomenda que seja feito um plano de ação para a reportagem. Para ele, a pauta traça o caminho do trabalho e define os objetivos, ela deve ser mais do que um guia para a redação do texto e, sim, a

base para um plano de trabalho completo, que especifique o tema, a abordagem, cronograma, entrevistas, partes da obra, etc.

Na pré-produção do produto que acompanha este trabalho, a pauta foi feita após consulta a reportagens sobre violência doméstica, participação de eventos sobre o assunto e vídeos com depoimentos de quem viveu um relacionamento abusivo. Com base nessas informações iniciais, a pauta determinou o formato da obra, previsão de datas, número de entrevistados e possíveis fontes, tanto para os relatos, quanto fontes oficiais e especializadas. Após isso, a busca por pessoas dentro do perfil proposto no livro começou.

Belo (2006) reforça que manter uma ordem e planejamento na produção é importante, pois, durante todo o processo de produção, pode haver confusão com excesso de informações, dificuldades na escolha das fontes e demais imprevistos. Manter tudo isso sob controle pode ser difícil, por isso, a pauta inicial deve ser transformada em projeto.

5.2. PROJETO

Tão importante quanto a pauta, o projeto do livro-reportagem guiará todo percurso construtivo da obra. Belo (2006) observa que reportagens e bons livros podem ser executados sem planejamento, mas, para ele, um plano bem-feito, é garantia de bons resultados. E continua dizendo que, mesmo o planejamento não influenciando muito o resultado final, evitará mais trabalho durante o percurso, à medida que direciona o autor tal qual um roteiro, auxilia nos muitos imprevistos de apuração, além de servir, inclusive, como um diferencial na apresentação da proposta do livro-reportagem às editoras, aumentando as chances de o projeto ser aprovado.

Quando o jornalista entrega seu projeto para o editor, este já pode ter acesso ao que o autor propõe, ao que a obra pode oferecer e, também, sugerir alterações na proposta inicial. Belo (2006) destaca a experiência os editores e diz que ela pode auxiliar no planejamento da obra e, até mesmo, pode ser decisiva para o sucesso da missão do livro-reportagem. No entanto, Belo (2006) frisa que mesmo que haja uma visão romântica na execução do livro-reportagem e sua importância social, é importante pensar no projeto com viabilidade comercial, seja em relação aos custos ou aos lucros posteriores.

Assim como na etapa de produção da pauta, para um projeto ser bem-sucedido, é preciso ampliar a pesquisa introdutória, capaz de promover domínio do assunto por parte do jornalista. A pesquisa deve avançar e incluir cada tarefa necessária para a obtenção de informações ou para a escrita propriamente dita, como um *checklist*.

Como sendo um material que transita entre os mercados jornalísticos e editorial, o projeto de um livro-reportagem também deve ser atrativo para as editoras. Um bom projeto aumenta as chances de publicação por uma boa editora, no entanto, é preciso conhecer bem o mercado, sua própria escrita e o produto para saber a quem buscar. Sobre isso, Belo (2006) faz dois alertas:

Primeiro, é preciso ter cuidado ao estabelecer o plano de trabalho. Muitas vezes, os dados constantes do projeto acabam entrando para o contrato de edição, o instrumento pelo qual a editora aceita o trabalho e estabelece seu relacionamento legal com o autor. Se apresentar um plano “vendedor” em demasia, aquele que promete muito mais do que entrega, o autor pode se ver em situação delicada, com consequências desagradáveis. Uma proposta “enfeitada” demais para um resultado pobre pode levar a editora a optar por um tratamento mais burocrático e menos caprichado ao livro – num reconhecimento de que a qualidade está abaixo da esperada –, a simplesmente desistir da obra ou até entrar com uma ação judicial contra o autor. Tudo depende do que estiver estabelecido em contrato e da predisposição das partes. E segundo: o repórter deve procurar uma editora que tenha alguma afinidade com o tema e o perfil do projeto. (BELO, 2006, p. 80)

Desta forma, nota-se que não há um padrão a ser seguido, um modelo de projeto que guie todos os livros-reportagens, pois cada um constitui um empreendimento diferente. No geral, um projeto de reportagem deste tipo precisa conter um quantitativo considerável de informação prévia, histórico do assunto, boas fontes, etc. Com isso em mãos, Belo (2006) sugere que, sempre que possível, o projeto estime o tamanho do livro, seus capítulos, o material iconográfico e o prazo de finalização.

“Sobrevivendo a um relacionamento abusivo” foi estimado inicialmente com sete capítulos, posteriormente, projeto com cinco: apresentação; primeiro relato; segundo relato; terceiro relato; conclusão. Sendo cada relato, acompanhado com uma ilustração encomendada com um profissional de designer para tal. Gastos como esse são comuns na produção de um livro-reportagem e não podem ser esquecidos pelos jornalistas que empreendem tal projeto.

5.3. CUSTOS

Além do tempo diferenciado para sua produção, um livro-reportagem também envolve o fator financeiro. São muitas as tarefas que representam gastos, alguns maiores outros menores, que ao final da reportagem somam um valor considerável. Sobre isso, Belo (2006) classifica como um dos pontos menos agradáveis do plano de trabalho, afinal uma reportagem pode sair cara. Para o autor, os custos de tais reportagens foi o responsável pela saída delas das páginas dos jornais. Afinal, cada vez mais, os veículos impressos têm adotado política de redução de custos e uma grande reportagem exige tempo, dedicação e tarefas como telefonemas, deslocamentos, passagens, viagens, hospedagem, refeições, gastos com pesquisa, fotocópias, dentre outras que surgem no percurso.

Para ter uma noção de quanto custará a obra, o autor pode realizar um orçamento simples, baseado na pesquisa inicial feita no projeto. Os números não serão exatos, mas podem oferecer uma estimativa do que será gasto até o final do projeto. A depender da estrutura da empresa de comunicação, a própria redação pode oferecer apoio com os gastos, mas esse não é o caso de quem trabalha por conta própria. Nesse caso, o ideal é criar sua própria planilha de custos, com todos os gastos que podem ser realizados e o autor classifica como de bom-tom estipular uma margem para imprevistos de 15% ou 20% do orçamento total (BELO, 2006, p. 82).

Os gastos exigidos para a realização deste projeto não foram altos, a maioria dos primeiros contatos foi feita por meio de mensagens de texto, economizando com tarifas de ligação. Além disso, os gastos se resumiram ao transporte com táxis e Uber. Estes gastos estavam previstos e não atrapalharam o encaminhamento do projeto.

Belo (2006) aponta que o planejamento de reportagem permite a avaliação do plano de trabalho, além de mostrar se as exigências da pauta podem ser atendidas, informação fundamental para o autor decidir-se a encarar o projeto ou não (BELO, 2006, p. 86). Com as etapas de pré-produção concluídas, o jornalista pode seguir em frente com a produção.

5.4. PRODUÇÃO

Uma das tarefas principais do jornalista, a apuração é a busca e conferência de informações. Para Belo (2006), é o trabalho de produção de reportagem propriamente dito, que exige persistência do profissional para lidar com os imprevistos e as dificuldades, além de humildade para que o jornalista não passe a acreditar que já domina tudo sobre o assunto de que trata.

Júnior (2006) indica que, para a apuração das informações, implica-se em uma determinada sequência de procedimentos. Para ele o planejamento da apuração de informações também vai colaborar com a organização da edição e com a sequência produtiva. O autor afirma que o planejamento pode facilitar a apuração jornalística a partir de uma sequência de tarefas sugerida por ele: elaboração da pauta, pré-produção e produção. Já Belo (2006) recomenda que tudo seja registrado enquanto se recolhe dados, seja em blocos de papel ou em arquivos de digitais para que nada se perca ou se misture.

Organizar e gerir a informação coletada também ajuda o jornalista a pré-visualizar o produto final e comparar com o que foi planejado inicialmente. Com o avançar da produção, o repórter mergulha cada vez mais profundo na temática e fica mais fácil seguir as tarefas seguintes.

“O texto flui mais facilmente. Profissionais experientes e organizados sabem que determinadas reportagens se “escrevem sozinhas” justamente por estarem bem apuradas e consolidadas na cabeça de quem as faz. O domínio do assunto pelo autor atinge um nível que lhe permite encadear todos os fatos de maneira lógica, clara e coerente durante a produção do texto”. (BELO, 2006, p. 86).

A produção, segundo Júnior (2006), é o contato direto com as fontes, a oportunidade daquele que foi envolto na notícia. Nesse sentido, é o momento de o repórter identificar erros de avaliação da pauta e corrigi-los. Para tanto, é preciso ter um controle de tudo o que já foi colhido para determinar o que ainda não foi abordado e, em seguida, continuar o trabalho. Júnior (2006) também recomenda que o jornalista cheque as informações e não se contente apenas com um dos possíveis aspectos da história.

O repórter não pode bancar uma informação sem confirmá-la. A pressa não é desculpa para a má apuração. É de natureza do jornalismo ser feito em tempo curto. Na linha de produção da notícia,

o levantamento e o rigor na checagem estabelecem a qualidade da informação. (JÚNIOR, 2006, p. 87)

Já no início da produção, o jornalista literário precisa pensar em como vai dispor, em sua reportagem, as informações colhidas para que elas façam sentido e ofereçam uma experiência de imersão ao leitor.

Belo enfatiza que cabe à reportagem dar a dimensão dos fatos, fazendo-se valer de informações que possibilitem ao leitor entender como as coisas se conectam no mundo, possíveis ligações com sua vida ou, até mesmo, saber como funciona a lógica particular de um personagem. Esta última, relaciona-se com a proposta de trazer perfis no livro-reportagem “Relacionamentos Abusivos”, já que as entrevistas realizadas com as fontes serviram de base para a criação das narrativas sobre elas. Para casos como esse, Belo (2006) fala que os perfis devem expor traços das personalidades das fontes, pois isso confere uma dimensão humanizada à narrativa, o que desperta o interesse do leitor.

Belo (2006) também trata sobre a precisão das informações ao alertar que um erro pode resultar em um desastre para a credibilidade da obra e recomenda rigor na apuração. “É importante não deixar pontas soltas. Claro que nem sempre isso é possível, diante das várias limitações a que o trabalho possa ser submetido” (BELO, 2006, p. 89). Em caso de dúvida quanto a uma informação, caso não seja possível nem confirmar nem refutar, Belo (2006) sugere que a informação seja excluída, caso não seja tão importante para toda a obra em si, ou se adota o expediente escasso de registrar versões ou possibilidades existentes, mas o jornalista atenta que esse é um método que vem sendo utilizado pelos periódicos de forma preguiçosa e mecânica, e é confundido com a prática eticamente obrigatória de dar direito de defesa a qualquer acusado.

Durante a produção do livro-reportagem proposto aqui, duas das cinco fontes foram tiradas do livro, mesmo com as entrevistas gravadas e os textos de suas respectivas narrativas iniciados. As duas mulheres aceitaram participar do livro assim que foram sondadas. A primeira delas foi entrevistada na sua casa, onde mora com seus dois filhos, um deles com diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção com hiperatividade. Assim como as demais, aquela era uma história delicada, que envolveu agressões físicas, assédio moral, disputa pela guarda das crianças e alienação parental. Depois de alguns anos, ela estava pronta para falar,

já se sentia recuperada e aquela era só uma lembrança triste de seu passado. No entanto, ela não tinha com quem deixar seus filhos, principalmente o menino com DDAH, pois exige muita atenção e energia, por isso, deixar com a avó não era uma ideia. Mesmo com as crianças em casa, ela tentou conceder a entrevista, no entanto, as crianças estavam agitadas e ela temia que ouvissem coisas sobre o pai que pudesse agravar a situação de alienação parental vivida há alguns anos. Por essas dificuldades e em respeito a ela e aos seus filhos, a entrevista foi cancelada na metade e seu relato excluído do livro.

Aquela que seria a quinta história do livro, também foi cancelada, desta vez, por conta de um novo desdobramento do próprio relacionamento que ela narrou. A entrevista com ela aconteceu normalmente, ela contou como foi o casamento de 13 anos com as idas e vindas, agressões, traições e chantagens e como foi superar um estado depressivo e voltar a trabalhar. Dois meses depois da gravação da entrevista, ela aceitou o ex-marido em casa novamente e reataram. Com essa reviravolta, o relato dela também foi excluído, afinal fugia da proposta de superação do livro-reportagem.

Nesse caso, não se tratou necessariamente de averiguar se as informações eram verdadeiras ou falsas como Belo (2006) recomenda, afinal, neste projeto, a fonte conta sua história como julga correto e o papel do jornalista aqui não é confrontar as vítimas de relacionamentos ou condená-las por qualquer motivo. Aqui, a apuração se voltou na observação do desenrolar dos fatos, tendo em vista que falar do relacionamento poderia ser complicado para aquela mãe que não tinha com quem deixar seus filhos. Foi essa análise que também serviu para acompanhar um pouco mais e mostrar que aquela fonte que voltou para o marido agressor não representa a proposta do livro, apesar de não a condenar por suas escolhas.

5.5. ENTREVISTA

O ato de entrevistar é um método básico de capacitação de informação do jornalismo. É uma prática que pode ser bastante reveladora, pois é um contato muito direto e, a depender da pauta, íntimo do jornalista com as fontes. As cinco pessoas que viveram relacionamentos abusivos, assim como duas fontes especialistas no assunto, foram gravadas para criar o texto apresentado no produto. As entrevistas

foram gravadas individualmente e posteriormente decupadas e transformadas em narrativas. Sem elas, este projeto não seria possível.

Lima (2009) define entrevista como o momento em que o jornalista entra em contato com sua fonte e estabelece um diálogo para colher as informações que precisa para a construção de sua reportagem. E este é o tema do livro *Entrevista - O diálogo possível*, de Cremilda Medina (2008), que discute o ato de entrevistar como sendo muito mais que uma técnica fria de perguntas e respostas, mas sim um ato de interação humana que envolve todas as suas emoções.

Medina (2008) considera que, enquanto os jornalistas insistirem em se manter frios e afastarem o significado humano de sua prática, pouco se avançará para o diálogo possível com a sociedade. Ou seja, a entrevista deve ser mais que uma fonte respondendo um questionário e um jornalista “prevendo” suas respostas. Na verdade, deve ser uma relação de interação e descobertas. A autora ainda defende a humanização do contato jornalista-entrevistado quando diz que

quando, em um desses raros momentos, ambos - entrevistado e entrevistador - saem "alterados" do encontro, a técnica foi ultrapassada pela "intimidade" entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada auto compreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível (MEDINA, 2008, p. 21, grifos da autora).

Isso quer dizer que esse contato humano permite ao jornalista captar o mundo a volta de sua fonte e do tema abordado, oferecendo a ele um leque muito maior de possibilidades para a construção de seu texto. A entrevista como relacionamento também é defendida por Pinto (2009) ao lembrar que ela depende da capacidade de conversar do entrevistador para saber extrair as informações necessárias. E ainda lista algumas dicas para se fazer uma entrevista como, por exemplo, recomenda leitura e pesquisa sobre o assunto e a criação de uma lista com os fatos principais relacionados a temática.

Lima (2009) trata esse tipo de entrevista como perfil humanizado, caracterizado pela “abertura e proposta de compreensão ampla do entrevistado em vários aspectos, do histórico de vida ao comportamento, dos valores aos conceitos” (LIMA, 2009, p.76). A proposta inicial do livro-reportagem “Sobrevivendo a um relacionamento abusivo” foi construir uma narração da vida de cada entrevistado antes, durante e depois do relacionamento abusivo vivido. Desta forma, no livro, são

contadas histórias de vida, o que, segundo Lima (2009), são um recurso de captação utilizado para a construção de um livro-reportagem

aparecendo em forma clássica de entrevista – com a reprodução do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado – ou como depoimento direto, ou ainda numa mescla em que se combinam essas modalidades de apresentação com a narrativa em primeira ou terceira pessoa. (LIMA, 2009, p. 90).

As entrevistas com as fontes tiveram um tom mais humano, como um diálogo sobre o tema e os fatos vividos por elas. A conversa tinha um roteiro básico que pedia o antes, o durante e depois das histórias, não havia uma lista de perguntas específicas, pois cada entrevistado exigiu perguntas únicas, dada suas particularidades. Foram entrevistas longas, com um média de uma hora e meia cada, que exigiram muito da memória e das emoções das fontes, pois eram fatos passados que lhes causaram sofrimento. Então havia certos limites que deveriam ser respeitados e, toda vez que alguém chorava, a entrevista era interrompida até que a pessoa se sentisse bem para continuar falando. As fontes também poderiam desistir ou pedir para excluir algum trecho que lhe causassem algum constrangimento ou sofrimento, mesmo sendo um relato anônimo, mas nenhuma se utilizou desse direito.

Belo (2006) destaca que quando se trata de perfis, biografias e narrativas de história de vida, é imprescindível utilizar os relatos de personagens que conviveram com o protagonista, pois vai enriquecer o texto e trazer para ele um olhar mais humano. No entanto, no caso de “Sobrevivendo a um relacionamento abusivo”, a proposta foi a de ouvir as vítimas e dar-lhes voz para que contassem sua experiência. Seria possível ouvir pessoas próximas, mas seria um trabalho delicado que poderia provocar incômodos e transtornos para as fontes iniciais. Além do mais, as fontes concordaram em narrar suas histórias preservando suas identidades e confrontar os fatos narrados em sigilo, com pessoas próximas, seria violar esse acordo inicial.

Por esse motivo, as fontes secundárias escolhidas foram especialistas e oficiais do direito e da psicologia, complementando os fatos relatados com a visão de profissionais de suas respectivas áreas. Tais fontes foram selecionadas pela proximidade de sua área de atuação com o tema abordado, ambas são da Coordenadoria da Mulher, do Tribunal de Justiça de Sergipe. Para entrevista-las foi

usada a pesquisa inicial da pauta e questionamentos que surgiram após as conversas com as vítimas de relacionamentos abusivos. A respeito disso, Belo (2006) sustenta que, para realizar uma entrevista, é necessário ter preparo, pois se um jornalista vai para uma entrevista sem o mínimo de conhecimento sobre o tema da pauta, mesmo que detenha de inteligência e perspicácia para contornar situações, não terá muitas abordagens a fazer ou deixará de aprofundar e enfatizar pontos importantes.

Por fim, Belo (2006) lista algumas estratégias básicas para dar a entrevista um tom mais leve e fazer que flua melhor para ambos os lados:

- Nunca demonstrar timidez, ansiedade e agressividade;
- Preparar-se e saber tudo que irá perguntar, e se possível fazer perguntas que surpreendam o entrevistado, mas com respeito;
- Se o assunto não fluir, fazer perguntas genéricas até encontrar o caminho certo;
- Não é necessário escrever uma reportagem com *lead*, mas que as perguntas devem trazer respostas relacionadas ao *lead* (quem, quando, onde, como e por quê);
- Não demonstrar euforia com informações inéditas, pois a fonte pode querer reavaliar o que disse;
- Observar o comportamento dos entrevistados;
- Falar com clareza de ideias e boa dicção;
- Fazer uma pergunta por vez;
- Demonstrar confiança, mas sem arrogância;
- Evitar excesso de formalidade com o entrevistado e também intimidade excessiva;
- Se possível, entrevistar antes outras pessoas acerca do mesmo assunto ou até mesmo sobre a própria fonte;

5.6. O TEXTO

Em “Sobrevivendo a um relacionamento abusivo”, as histórias reais foram escritas com o auxílio de recursos literários, como dito antes, e sua exposição não será em vão, pois a missão deste projeto foi, sem dúvidas, a elaboração de um

produto capaz de inspirar outras pessoas, informar pelo exemplo. O tema é delicado, polêmico e a tratativa foi dispendiosa, a escrita dos relatos não poderia incluir descrições físicas ou informações mais detalhadas que pudessem comprometer o acordo de sigilo das fontes.

Belo (2006) enfatiza que, para se escrever uma reportagem, é preciso dar vida a uma história real, tendo caráter exclusivo, não se tratando apenas de enumerar fatos. Para o autor, esse texto resgata o chamado “texto de autor” que permite que o jornalista insira seu estilo próprio na narrativa, oferecendo uma concepção mais literária e, ainda, diferentes construções, que não são permitidas em um jornal.

Isso porque o jornalismo diário exige pressa e objetividade, não dando ao jornalista o espaço para que pratique sua veia literária. Inclusive em periódicos, como são as revistas, nem sempre esse espaço é aberto, o que Belo (2006) considera levar o livro reportagem a ser praticamente o único meio de se exercer, no Brasil, o jornalismo literário, gênero em que a experimentação é possível e em que forma e conteúdo gozam de igual importância” (BELO, 2006, p. 119).

Não há uma fórmula fechada de como deve ser um texto jornalístico literário, pois cada obra trará características próprias de quem as produziu. Uma grande-reportagem, dentro da estrutura proposta por cada jornalista, deve trazer uma narrativa detalhada e coesa. Para tanto, é preciso dominar técnicas da norma culta de escrita e conhecer bem os gêneros textuais que se misturam durante a escrita.

O primeiro passo para a escrita dos textos do livro-reportagem proposto foi usar o material coletado nas entrevistas. O que envolveu conferir as anotações, ouvir o material gravado, traçar uma linha do tempo com a história das fontes que deveria ser preenchido com os fatos narrados. Logo, foi possível confirmar que a obra teria um tamanho relativamente grande e organizar todo esse material foi o primeiro desafio, pois muito dos relatos brutos estava cheio de idas e vindas no passado das vítimas e foi necessário colocar tudo isso em ordem cronológica.

Quem falou sobre a escrita de textos não-ficção foi escritor e professor William Zinsser (2017), o autor atentou para a dificuldade de muitos escritores e jornalistas em lidar e produzir materiais longos:

"Como editor e escritor, descobri que a técnica menos falada e mais subestimada da escrita não ficcional é como organizar um texto longo: como reunir todas as peças do quebra-cabeças. Escritores

costumam falar sem parar sobre como escrever uma frase clara" (ZINSSER, 2017, p. 206)

Por esse motivo, é importante que o jornalista que empreenda um projeto como um livro-reportagem faça um planejamento completo, como sugerido por Belo (2006). Além disso, preparar um texto a partir de uma entrevista exige atenção especial, pois, além de serem materiais longos, podem estar com excesso de informações, aquelas que não acrescentam nada à história a ser contada. Então cabe ao jornalista identificar o que é realmente aproveitável desse grande volume de dados acumulados. A respeito disso, Zinsser (2017) alerta que o jornalista deve resistir ao impulso de usar tudo o que foi dito.

Você sentirá a tentação de usar todas as palavras constantes das suas anotações, pois executou a trabalhosa tarefa de registrá-las integralmente. Mas trata-se de autoindulgência - nada justifica obrigar o leitor a fazer o mesmo esforço. A sua função é destilar o que há de essencial" (ZINSSER, 2017 p. 132)

O professor sugere que em um primeiro momento, o jornalista isole as frases e trechos mais relevantes e, partir daí, comece a trabalhar no texto, sempre tirando os excessos. Já Belo (2006) considera o ato de escrever mais fácil quando o autor tem o domínio da história, compreende por completo o tema e o encadeamento dos fatos. E completa, que realizar um roteiro de como as informações devem ser apresentadas e sua sequência, facilitam ainda mais a preparação do texto. Pois com o roteiro, o autor vai saber o que já foi mencionado no texto, e assim irá evitar repetições de informações.

Apesar da liberdade criativa que um livro-reportagem pode oferecer ao seu autor, nem tudo é permitido e é preciso tomar inúmeros cuidados. Zinsser (2017) considera que um autor de não ficção não tem certos privilégios como os de ficção, que não tem compromisso com a realidade. Para ele, os autores de não-ficção têm infinitas responsabilidades: com os fatos, os entrevistados, os locais das histórias e os fatos que ali ocorreram. Além disso, é preciso cuidado com as regras de seu ofício e os riscos inerentes aos exageros e confusões em seu texto: perder o leitor, confundir o leitor, irritar o leitor, não prender a atenção do leitor do começo ao fim do texto. (ZINSSER, 2017, p. 194).

O desafio do texto literário é cumprir todas essas exigências e, ainda assim, ser um texto atrativo e agradável para o leitor final. A experimentação se torna uma grande aliada do jornalista, que livre das amarras da diagramação dos jornais ou da

rapidez da internet, consegue mesclar gêneros, linguagens e referências diversas para compor um produto único com sua identidade.

E a profundidade é uma das principais marcas das grandes reportagens justamente por essa dilatação dos prazos e das diversas possibilidades. O texto precisa ir além do conteúdo veiculado em uma mera notícia, deve contar em detalhes uma história, com seus personagens e cenários inseridos no tempo. Esse mergulho rumo à profundidade já começa nas primeiras etapas da produção da reportagem e se intensifica quando o jornalista começa a transformar tudo que viu, ouviu e sentiu em texto, porque, antes de aquilo tudo fazer sentido para o leitor, precisa fazer sentido para o autor. Para Lima (2009)

O autor está embarcado numa missão de compreensão. Assim, não lhe interessa, em princípio, a verdade absoluta, isenta e imparcial, pois essa, no nível dos seres humanos comuns (quase todos nós), não existe. O que lhe move é compreender um tema a partir das perspectivas dos personagens nele mergulhados. (LIMA, 2009, p. 377-392).

Belo (2006) complementa que escrever com profundidade faz o texto atrair o leitor através da emoção e o incentiva a ler a reportagem e atenta que essa emoção seja transmitida pelo modo de contar a história, não com o uso de adjetivos. Nesse caso, também vale a característica do jornalismo tradicional de ter um texto simples e acessível. Palavras difíceis ou jargões podem dificultar a compreensão do leitor e afastá-lo ao invés de prendê-lo até as últimas linhas da história.

Outra sugestão de Belo (2006) é que o autor ouse, use a criatividade, invente, empregue fórmulas da literatura e coloque um pouco de suspense para fisgar a leitura. O mesmo suspense que faz o leitor de ficção ficar ansioso pela próxima página do livro, no entanto, é preciso alinhar essa tática com a prática jornalística e informar o leitor. Belo (2006) também cita elementos de ligação na história, recursos como *flashbacks*, discurso direto e diálogos, que conferem naturalidade ao relato.

No produto apresentado, foram utilizados discursos diretos complementares às narrações, para inserir a visão da fonte nas cenas ali retratadas. Diálogos também foram utilizados em momentos de tensão e reconstituição de fatos importantes relacionados ao tema.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como resultado de uma pesquisa qualitativa, o produto final do projeto foi um livro-reportagem do tipo perfil, conforme a classificação de Lima (2006). A ideia do projeto surgiu justamente da necessidade de mostrar a visão de quem se descobriu em um relacionamento abusivo. Ainda durante a redação das primeiras linhas do livro, um caso de feminicídio aconteceu no interior de Sergipe. O caso foi noticiado em um jornal impresso do estado, onde se falou de tudo, menos o nome da mulher assassinada. No texto, ela era apenas um detalhe, a causa da prisão do seu assassino. Aquele foi um caso extremo, mas há inúmeras outras pessoas – homens e mulheres –, que vivem relacionamentos abusivos e enfrentam diariamente dificuldades que vão desde crises até agressões físicas e psicológicas.

Após a escolha do tema “Sobrevivendo a um relacionamento abusivo”, a pesquisa prévia foi iniciada com a leitura de reportagens e artigos relacionados ao tema, assim como livros sobre o que são e como são feitos os livro-reportagens. Ao compreender o que são relacionamentos abusivos, aqueles que envolvem os mais variados tipos de violência, foi iniciada a busca pelas fontes que seriam entrevistadas para o projeto. Com a ajuda de amigos e conhecidos que sabiam de algum caso próximo, sete pessoas foram contatadas, todas elas tinham vivido um relacionamento abusivo em algum momento de suas vidas e consideravam estar totalmente recuperadas dos seus efeitos.

Após algumas desistências, cinco pessoas aceitaram contar suas histórias no livro. Foram quatro mulheres e um homem, todos desconhecidos uns dos outros, de idades e classes sociais diferentes. A estas pessoas, foram dados nomes fictícios para preservar suas identidades, são elas.

Laura: mulher, negra e lésbica, que viveu um casamento tumultuado com uma mulher mais velha.

Carlos: homem, negro e gay, vivia numa comunidade carente quando conheceu um homem com quem embarcou num relacionamento meteórico e conturbado.

Ana: mulher, branca, heterossexual e muito extrovertida que viveu duas experiências de relacionamentos abusivos que repercutiram efeitos em sua autoestima e saúde.

Mariana: mulher, branca e heterossexual que viveu um casamento de 13 anos marcado por traições, agressões físicas e tortura psicológica.

Cláudia: mulher, branca, heterossexual que sofreu com agressões físicas, verbais e financeira num casamento que terminou com uma batalha judicial para guarda dos dois filhos.

A primeira entrevista realizada de todo o projeto foi a de Laura, no dia 21 de junho de 2018. Ela escolheu conceder a entrevista a Diogo Souza em sua casa no período da tarde. A conversa não tinha um roteiro fechado, apenas deveria revelar o antes, durante e depois dos relacionamentos. Tudo foi gravado com aplicativo “Gravador de Voz” para *Android*. Foi informado e acordado que a identidade dela e das pessoas citadas seriam preservadas, datas e locais também seriam modificados ou ocultados para dificultar a identificação da fonte, o mesmo aconteceu com as demais fontes. Laura, a princípio, estava tímida e parecia insegura por mexer uma ferida depois de tanto tempo, mas decidiu ir em frente afirmando querer ajudar mais pessoas. A conversa fluiu com alguns momentos de choro e silêncio por parte da entrevistada, pausas foram sugeridas, mas ela preferiu continuar. Ao final daquela tarde o áudio com sua história somava 1h 26min 53s.

A segunda entrevista aconteceu no dia cinco de junho de 2018, com Ana, ela escolheu ser entrevistada por Diogo Souza em seu trabalho, na sua sala, em uma manhã sem muito movimento. Após ouvir as explicações sobre o projeto, Ana contou sua história, ela se emocionou várias vezes e a entrevista precisou ser parada algumas vezes. Extrovertida e detalhista, ela falou tudo o que podia lembrar dos relacionamentos abusivos que viveu e a entrevista terminou com 2h 03min 55s.

O terceiro entrevistado foi Carlos, que escolheu ser entrevistado por Diogo Souza, no Parque da Sementeira, na Zona Sul de Aracaju, na tarde do dia nove de agosto de 2018. Apesar do barulho de carros e algumas interrupções durante a conversa, a entrevista fluiu bem, terminando com 2h 15min 28s de gravação.

A quarta entrevista aconteceu na casa de uma amiga de Mariana, no dia 19 de agosto de 2018. Quem intermediou o contato inicial foi a dona da casa que articulou com Diogo Souza para a realização da entrevista naquele dia. A dificuldade da entrevista foi resumir treze anos de casamento numa tarde, mas Mariana se esforçou e respondeu todas as perguntas. Por fim, o áudio foi concluído com 1h 21min 10s.

A última entrevistada foi Cláudia. Desta vez, a entrevistadora foi Thassya Bezerra que foi à casa dela para ouvir seu relato, no dia 30 de agosto de 2018. No entanto, logo no início foi sentida a dificuldade em executar a entrevista. Cláudia estava pronta para falar, estava disposta a mostrar sua história de superação, porém não tinha com quem deixar seus dois filhos, especialmente o menino com diagnóstico de Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade. A primeira dificuldade foi a agitação do menino que exigia atenção constante de sua mãe, a segunda foi a própria presença dos dois durante a entrevista. Cláudia contaria toda a sua história com o ex-marido, pai de seus filhos, com quem teve um relacionamento de final traumático. Além disso, havia uma batalha judicial em torno das crianças, relacionada a alienação parental. Ao ouvir a história contada pela mãe, as crianças poderiam reagir de maneira imprevisível e agravar a problemática na justiça. Em respeito a ela e aos seus filhos, a entrevista foi interrompida e cancelada e o projeto do livro seguir com quatro relatos.

Além das vítimas de relacionamentos abusivos, também foram contatados alguns especialistas e entidades da área do direito, psicologia e assistência. A psicóloga Sabrina Duarte Cardoso atua há seis anos na Coordenadoria da Infância, Adolescência e da Mulher do Tribunal de Justiça de Sergipe (TJ/SE) aceitou conversar sobre relacionamentos abusivos e compartilhar um pouco de sua experiência na área, além de analisar de modo geral os relatos dos entrevistados. A conversa com ela aconteceu na sede do TJ/SE, no dia 18 de setembro 2018 e resultou num áudio de 18'46".

Também do TJ/SE, à frente da mesma coordenadoria, a juíza Dra. Iracy Ribeiro foi entrevistada durante um evento da Secretaria de Estado da Inclusão Social (Seidh), no dia 26 de setembro. Na ocasião, o projeto foi apresentado a ela que gostou da ideia e aceitou colaborar. A juíza trouxe um olhar jurídico acerca da problemática dos relacionamentos abusivos e da violência doméstica como um todo. A gravação de sua fala resultou num áudio de 08'13".

Ao final de todas as entrevistas, foi gravado um total de 07h 33min 58 de áudio. Todos os arquivos foram salvos em subpastas e enviadas para o serviço de hospedagem de arquivo na nuvem, Google Drive. A etapa seguinte foi ouvir cada áudio e listar os principais fatos que guiariam as narrativas, organizando-os em antes, durante e depois. Os fatos foram escritos em forma de tópicos e serviram como um esqueleto do que viria a ser o texto.

Os áudios foram transformados em texto a medida em que eram ouvidos, para isso foi necessário usar fones de ouvidos e dividir a tela do computador com as janelas do editor de texto e do media player que reproduzia os áudios. Boa parte do que era dito foi transformado em texto narrativo ou descritivo e falas importantes e de maior impacto foram aproveitadas como citações diretas ou indiretas.

Neste ponto da produção, a jornalista Acácia Mérci colaborou com algumas sugestões quanto ao estilo e estrutura empregados nas narrativas. Ela observou nos primeiros textos que a presença do narrador no texto não acrescia em nada o texto, pois as histórias eram tão complexas e sugeriu narrador/jornalista ali deveria se ocultar e servir como um veículo entre a fonte e o leitor da obra.

Foi assim que o livro começou a ganhar forma. As narrativas eram em terceira pessoa com o narrador contando a história sob a ótica da personagem principal. No entanto, não foi uma escrita fácil. O tema delicado provocou momentos de emoção já durante as entrevistas e, para a escrita, era necessário ouvir os trechos várias vezes e, de certa forma, viver e reviver tais cenas. A violência, a tristeza e a angústia vivida e narrada pelas personagens pareciam tornar a escrita pesada e torturante, exigindo dos autores momentos de pausa e repouso, a fim de não afetar a si mesmos e, também, o encaminhamento da obra.

Em meados de setembro, quando o texto sobre a história de Cláudia estava já na metade, chegou a informação de que ela havia voltado para o ex-marido, o mesmo de quem tinha relatado tantos problemas e agressões. Sua vizinha, a mesma que colaborou com a entrevista confirmou o fato e, por esse motivo, a história de Cláudia foi retirada do livro-reportagem, pois não representava mais o objetivo do projeto que era o de contar histórias de superação de quem havia saído e sobrevivido a um relacionamento abusivo.

A obra seguiu com três relatos, sem prejudicar a proposta inicial, pois traziam histórias de superação de pessoas que representavam grupos diversos da sociedade, como mulheres heterossexuais, mulheres lésbicas e homens gays. Ao final da escrita desses relatos, a produção se voltou ao texto que abriria e fecharia o livro-reportagem.

Para essa reportagem, foram utilizadas as informações e falas cedidas pela psicóloga Sabrina Duarte e pela juíza Dra. Iracy Mangueira em suas respectivas entrevistas. A apresentação do livro foi redigida para introduzir o leitor no assunto e explicar sobre o que está por vir nos relatos. Já o texto de conclusão foi

uma reportagem sobre a temática dos relacionamentos abusivos, onde se apresentaram dados sobre violência doméstica e se fez uma relação dos casos narrados com o que é explicado pelas especialistas. Ao final alguns serviços gratuitos foram listados, dentre eles, números para denúncias, locais que oferecem suporte assistencial, psicológico e jurídico.

Com o final destes textos, o livro ganhou forma e foi organizado em capítulos. A jornalista Acácia Mérci foi convidada para prefaciar a obra e escreveu sobre o que achou do projeto, dos autores e da obra em si. Cada capítulo de relato foi nomeado com um trecho da fala de cada fonte e foram organizados na seguinte ordem:

1. Prefácio
2. Apresentação
3. “Cabelo cresce!”
4. “Ele falava que eu tinha que mudar, mas ele não mudava nada do jeito dele”
5. “Meu pai me criou para ser uma selvagem, para não aceitar bronca de qualquer um”
6. Sobrevivendo a um relacionamento abusivo

O livro-reportagem passou por duas revisões, além das que foram realizadas pelos próprios autores e o orientador deste projeto.

CONCLUSÃO

Com base no embasamento teórico e na metodologia apresentados, o livro-reportagem “Sobrevivendo a um relacionamento abusivo” foi produzido e concluído dentro de seu objetivo de dar voz às pessoas que viveram experiências traumáticas e as superaram, como também informar e inspirar outras pessoas a respeito.

Após meses de pesquisas, entrevistas e escrita intensa, o resultado deste trabalho é uma obra de seis capítulos, distribuídos em 55 páginas, com a introdução, os três relatos e a reportagem de encerramento. Ao final da execução do projeto, o produto foi enviado para avaliação de uma editora especializada em autores independentes, Editora Viseu, que aprovou a obra para publicação.

Foi um trabalho complexo que exigiu esforços dos mais variados tipos, mas que representou um divisor de águas em nossas carreiras e em nossas vidas pessoais também, já que tantas histórias nos mostraram que o respeito e empatia são fundamentais no combate aos relacionamentos abusivos.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6029. Informação e documentação - Livros e folhetos – Apresentação. Rio de Janeiro, p. 3. 2002.
- BELO, Eduardo. Livro-reportagem. Editora Contexto, 2006.
- BORGES, Rogério. **Jornalismo literário: teoria e análise**. Florianópolis: Insular, 2013.
- BRASIL. Decreto Lei 11.340 de 7 de Agosto de 2006. **Lei Maria da Penha: Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Política para as Mulheres, 2008.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Zahar, 2016.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Arquipélago Editorial Ltda, 2016.
- FARIA, Nídia Sofia. **Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas Características**. Comunicação Pública, n. Especial 01E, p. 29-44, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FPA - Fundação Perseu Abramo) / Sesc - Serviço Social do Comércio. **Pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado**, 2010. [online] Disponível na internet via WWW. URL:
<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/pesquisas/pesquisa-mulheres-brasileiras-nos-espacos-publico-e-privado-fundacao-perseu-abramosesc-2010/>.2010. Arquivo consultado em 08/05/2017, às 16:46
- JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **A apuração da notícia**. Editora Vozes Limitada, 2011.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão da literatura e do jornalismo**. 2009.
- MAIA, R.; MARTINEZ, M. Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas [recurso eletrônico]. In: ORMANEZE, F. et al. (Orgs.). **Do passado ao presente pelo fio da memória: por uma abordagem semântico-discursiva de perfis**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018. cap.1, p.54-68.

MAIA, R.; MARTINEZ, M. Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas [recurso eletrônico]. In: BARRETOS, D. C. et al. (Orgs.). **Um olho na escrita e outro no escritor**: desafios metodológicos na análise de narrativas jornalísticas autorais. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018. cap.2, p.132-146.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista**: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões. Paulus, 2009.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário**: revisão conceitual, história e novas perspectivas. Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 40, n. 3, 2017.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática. 95, 96p. Princípios, v. 105.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. Editora Contexto, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. Editora Contexto, 2005.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem**: origens, conceitos e aplicações. Regiocom, Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo diário**: reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

WEISE, Angélica Fabiane. **Para compreender o jornalismo literário**. Observatório da Imprensa, edição, v. 730, 2013.

ZINSSER, William; AJZENBERG, Bernardo. **Como escrever bem**: o clássico manual americano de escrita jornalística e de não ficção. Trad. Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

APÊNDICE 1:

Projeto de pesquisa

UNIVERSIDADE TIRADENTES

DIOGO DO NASCIMENTO SOUZA

THASSYA ÁLVARES BEZERRA MACHADO SILVEIRA

SOBREVIVENDO A UM RELACIONAMENTO ABUSIVO

Aracaju - SE

2018

DIOGO DO NASCIMENTO SOUZA
THASSYA ÁLVARES BEZERRA MACHADO SILVEIRA

SOBREVIVENDO A UM RELACIONAMENTO ABUSIVO

Pré-Projeto de Pesquisa apresentado à
Universidade Tiradentes como um dos pré-
requisitos para a obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social com
Habilitação em Jornalismo em Publicidade e
Propaganda

ORIENTADOR

Prof. José Juvino da Silva Junior

Aracaju - SE

2018

SUMÁRIO

1.	TEMA	04
1.1.	Delimitação do Tema	04
1.2.	Problema.....	04
2.	INTRODUÇÃO	05
3.	OBJETIVOS DA PESQUISA	
3.1.	Objetivo Geral	08
3.2.	Objetivos Específicos	08
4.	QUESTÕES NORTEADORAS.....	09
5.	ESTADO DA ARTE (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA)	10
6.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
7.	CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA	19
	REFERÊNCIAS	20

1 TEMA: RELACIONAMENTO ABUSIVO

1.1 A trajetória de superação de cinco pessoas que sobreviveram a um relacionamento abusivo.

2 INTRODUÇÃO

A violência é um dos traços mais sombrios da espécie humana que, mesmo sustentando o título de racional, carrega um longo histórico violento em todos os níveis de convivência. Um dos tipos mais silenciosos, e não menos grave, acontece no âmbito dos relacionamentos amorosos, os chamados relacionamentos abusivos. O assunto é polêmico e gera reações controversas nas pessoas que ora defendem as vítimas de parceiros abusivos, ora as culpam por tal situação.

Nos últimos anos, o assunto vem ganhando cada vez mais destaque na mídia e muito tem se falado a esse respeito. Uma em cada cinco mulheres considera já ter sofrido algum tipo de violência de parte de algum homem, segundo dados da Pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado (Fundação Perseu Abramo/SESC, 2010). A pesquisa ainda aponta que o parceiro, marido ou namorado, é o responsável por mais 80% dos casos reportados. A principal razão para a violência é apontada por 46% das mulheres e 50% dos homens é o ciúme. Dentre outras causas, 23% das mulheres consideram o alcoolismo e outros desequilíbrios psicológicos. Já 19% delas citam a não aceitação e o desrespeito, por parte dos homens, na busca por autonomia.

No entanto, por estar inserido no contexto doméstico, ou seja, confinado entre as quatro paredes do casal, muitos são os casos que não chegam nem mesmo ao conhecimento da família da vítima. E a informação é uma das principais armas para o combate deste tipo de violência, pois ajuda a entender e identificar traços comportamentais tanto de quem a sofre quanto de quem a pratica, encoraja as vítimas a buscarem ajuda e quebra preconceitos.

Segundo o dicionário Aurélio (1999), violência é o “estado daquilo que é violento, abuso de força”. Sinônimo de opressão, tirania e coação. A violência doméstica é definida como crime pela Lei “Maria da Penha”, de nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 que a classifica em cinco tipos: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A Lei ainda define, no Artigo 8º, Inciso III, “respeito, nos meios de comunicação social, dos valores éticos e sociais da pessoa e da família, de forma a coibir os papéis estereotipados que legitimem ou exacerbem a violência doméstica e familiar” (BRASIL, 2006).

Os meios de comunicação têm papel fundamental no processo de conscientização da população. No entanto, esse tipo de pauta não ocupa muito

espaço no jornalismo diário da grande mídia, ocupada em narrar os acontecimentos cotidianos, exceto pelos casos extremos, como feminicídios. Segundo Kovach e Rosenstiel (2004), uma das funções do jornalismo, além de comunicar a verdade e dar voz àqueles sem voz, é fornecer informações para que os cidadãos possam ser livres e se autogovernarem.

Pela complexidade e gravidade do assunto, uma das alternativas para a cobertura é o jornalismo especializado, aquele voltado a uma temática ou público específicos. E, com o objetivo de colaborar com a discussão que circunda os relacionamentos abusivos e também as suas consequências, este trabalho visa reunir relatos de pessoas que vivenciaram situações pertinentes à temática abordada, construindo uma narração de sua vida antes, durante e depois desse relacionamento, preservando sua identidade e das pessoas citadas. Mostrando, desta forma, histórias de superação que sirvam como fonte de inspiração para outras pessoas vítimas desse tipo de relação.

A reunião dos relatos coletados a partir de entrevistas resultará num livro-reportagem do tipo perfil que, segundo Lima (2004), destaca o lado humano de uma personagem pública ou anônima, uma de suas variantes é o livro-reportagem biografia que se volta mais ao passado que ao presente da pessoa.

O livro-reportagem é um produto jornalístico, caracterizado por Pessa (2009) como impresso e não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento nos meios de comunicação periódicos. Como sendo narrativo e com maior profundidade no tratamento no tema, permite um trabalho mais elaborado, sem a urgência da notícia factual, explorando técnicas e estilos textuais que permitam a impressão de detalhes no texto que ajudam a obter uma nova visão sobre o assunto.

Os relacionamentos abusivos precisam ser debatidos, não de forma sensacionalista ao expor as desgraças causadas por eles, mas sim falando sobre o tema, seus impactos na vida de quem passa por isso e as consequências. A proposta deste livro-reportagem tem como objetivos específicos oferecer informação e exemplos para a sociedade, estimular o diálogo a esse respeito, ouvir o que as pessoas que saíram de relações abusivas têm a dizer e informar possíveis soluções. As 5 fontes serão entrevistadas e seus relatos serão a matéria-prima para a redação do texto narrativo sobre suas experiências. Desta forma, serão definidos os pontos

de partida e fechamento de cada relato, de acordo com a permissão de cada uma delas, para que o texto contenha um início, desenvolvimento e desfecho.

Este último, segundo a proposta deste livro, será a superação após o fim do relacionamento abusivo, algo correspondente ao “final feliz” das histórias dos livros. Afinal, essas histórias destas verdadeiras sobreviventes podem servir de exemplo de força e de coragem para enfrentamento da violência, do preconceito, do comodismo, da apatia e do machismo que circunda a discussão sobre o tema. Suas vozes serão ouvidas e projetadas e o livro resultante deste projeto será mais um meio para se falar nesse assunto. Um pequeno passo nessa luta, é verdade, mas ainda assim, uma forma de colaborar com o fim dos relacionamentos abusivos.

3 OBJETIVOS DA PESQUISA

3.1 Objetivo Geral

- ✓ Escrever um livro-reportagem para narrar a história de cinco pessoas que conseguiram se libertar de um relacionamento abusivo.

3.2 Objetivos Específicos

- ✓ Entrevistar quem viveu um relacionamento abusivo;
- ✓ Construir uma narração de sua vida antes, durante e depois desse relacionamento, preservando sua identidade e das pessoas citadas;
- ✓ Mostrar sua história de superação como fonte de inspiração para outras pessoas vítima desse tipo de relação.

4 QUESTÕES NORTEADORAS

- Como foi o processo de superação dessas pessoas?
- Quais os traços psicológicos de pessoas 'abusivas'?
- Quais os dados relacionados a esse tipo de relacionamento?

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 Os primeiros passos do jornalismo

O nascimento do jornalismo veio da necessidade de se contar histórias, educar e informar a população, seu surgimento remonta a meados do século XVII, mas sua expansão só acontece mesmo no século XVIII com a Revolução Francesa. Isso porque este foi um período de rompimento com velhos padrões sociais, econômicos e religiosos e coube ao jornalismo colaborar com esse processo.

Esse cenário é descrito pelo sociólogo e jornalista, Ciro Marcondes Filho, em seu livro “Ser Jornalista: O desafio das tecnologias e o fim das ilusões”, em que explica como a “desconstrução do poder” fez com que o conhecimento conseguisse se libertar das paredes que os continham na Igreja e na Universidade. Com essa descentralização, o conhecimento pôde ser acessado por mais pessoas, num processo impulsionado pela invenção da prensa tipográfica por Gutemberg. Os primeiros passos do jornalismo seguiram a missão do iluminismo, a de trazer à tona todo o conhecimento mantido escondido por séculos e, nesse mesmo processo, a burguesia fazia questão de se expor o máximo possível.

Nesse contexto, o fazer jornalístico ainda não era voltado para o lucro. Ele era “político-literário” na qual as páginas impressas, segundo Marcondes Filho (2009, p. 19), “funcionam como uma caixa acústica de ressonâncias de ideias, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias”. Ou seja, a linguagem do meio impresso era literária e o conteúdo era usado para a formação do público, disseminação das mais diversas ideologias e fortalecimento de grupos políticos.

O jornal como empresa capitalista surge no século XIX, com o avanço das tecnologias industriais. Para Marcondes Filho (2009), esse é o “segundo jornalismo” e suas principais características são o rompimento com a liberdade de criação, estilo e engajamento político da fase anterior. Neste momento, o jornal precisa ser rentável e se autossustentar, os textos são produtos que precisam ser, de certa forma, padronizados para a venda em massa. Com o desenvolvimento do meio, a venda de espaços para publicidade torna o jornal dependente do mercado e dos grandes grupos econômicos, é o que Marcondes Filho chama de inversão da preocupação e importância do caráter da mercadoria:

seu *valor de troca*, a venda de espaços publicitários (para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica) passa a ser prioritária em relação ao seu *valor de uso*, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais (MARCONDES FILHO, 2009, p. 21, grifo do autor).

Isso significa que não cabe mais ao jornal o caráter pedagógico e sim a busca pela notícia, o furo de reportagem, mantendo a aparência de imparcialidade e independência. As empresas de comunicação se desenvolvem a tal ponto que, ao final do século XX, constituem monopólios concentrando boa parte da mídia nas mãos de poucos, esse é o cenário do *terceiro jornalismo*, segundo Marcondes Filho (2009).

5.2 Jornalismo e literatura

Como dito anteriormente, o jornalismo nasceu literário. Os escritores redigiam os textos que eram impressos e distribuídos ao público e esse conteúdo carregava, além da técnica e do estilo, os ideais do autor. Com as transformações no fazer jornalístico e nas relações de poder entre imprensa e sociedade, os escritores foram substituídos por repórteres e o texto passou a ser “padronizado”, impessoal e neutro. No entanto, o instrumento de trabalho, tanto do jornalismo quanto da literatura, ainda era a escrita e uma reaproximação era questão de tempo.

Essa reaproximação, segundo Lima (2004), aconteceu com a apropriação do fazer literário por jornalistas que produzem reportagens, principalmente as que se tornam livros. Quando a notícia evolui para a reportagem surge a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem (LIMA, 2004). Ou seja, a notícia é um relato breve e muito objetivo, ao contrário da reportagem que é mais aprofundada exige a construção de um texto narrativo e mais detalhado, portanto, mais próximo do literário.

E o nascimento do jornalismo brasileiro também está intimamente ligado à literatura. Os primeiros jornalistas daqui foram escritores renomados como José de Alencar, autor de “Senhora”, “O Guarani” e Iracema; Machado de Assis, autor de Dom Casmurro e do conto O Alienista; Lima Barreto, escritor de “Triste fim de Policarpo Quaresma” e “Os Bruzundangas”; Graciliano Ramos, que escreveu o romance “Vidas secas”.

Segundo Lima (2004), até os primeiros anos do século XX, não havia muita diferença entre literatura e imprensa. Os jornais disponibilizavam espaços para escritores publicando folhetins e suplementos literários. Este é o aspecto divulgador (LIMA, 2004) que fazia dos jornais uma espécie de vitrine para os escritores que podiam alcançar público e até mesmo a notoriedade tão sonhada. E essa era uma das diferenças mais profundas entre a literatura e o jornalismo, pois o jornal devia divulgar notícias e informar o público e não promover escritores e suas obras que não obtinham sucesso com os livros.

Com o passar dos anos, este contato próximo com a literatura e com os escritores, criou no jornalismo um ambiente propício para o surgimento de um novo gênero jornalístico alicerçado tanto na prática jornalística quanto na literária. Lima (2004) explica que o jornalismo absorve elementos do fazer literário, transforma-os e os utiliza para outras finalidades.

Aliam-se nesse aspecto os princípios de *competição* e *diferenciação*. Para crescer, o sistema deve competir e para competir em meio ao contexto do seu ambiente disponível deve obrigatoriamente encontrar um aspecto diferenciador na função aparente que desempenha (LIMA, 2004, p. 137, grifos do autor).

Ou seja, o trabalho dos jornalistas que também eram escritores foi responsável por criar um novo gênero jornalístico, o jornalismo literário.

Diferente da literatura que trata de ficção, o *new journalism* vai tratar da realidade, mas se utilizando de métodos literários linguísticos e estilísticos na construção da narrativa e exposição de personagens e cenários. Esse novo gênero desenvolveu-se também com a especialização do jornalismo, abordando temas mais específicos e fora do contexto factual. As pautas frias, tidas como menos importantes do que as quentes, não dependiam da pressa da descoberta e publicação do furo de reportagem. Para Lima (2014), a ausência dessa urgência deu a estes jornalistas um certo espaço livre para experimentação e, com a necessidade de aprofundar o tema e ir além do que as matérias diárias, os jornalistas tinham a necessidade de encontrar novas formas de narrar para manter o leitor preso ao texto. E essa é uma das principais características do *new journalism*, a liberdade de criação, pois os textos não precisam seguir estruturas definidas e podem ser apresentados de diversas outras formas.

5.3 O livro-reportagem

Para começar é preciso conhecer o conceito de livro. Segundo, o dicionário Michaelis, trata-se de um conjunto de folhas de papel, impressas ou manuscritas, coladas ou costuradas num dos lados, cobertas por uma capa. Essa definição, óbvio, deixa de lado o livro digital, disponibilizados para leitura em dispositivos como celulares, computadores, tablets, etc., que têm ganhado popularidade. A ABNT estipula que um livro deve possuir, no mínimo, 49 páginas, sem contar com a capa e a contracapa.

Já um livro-reportagem é uma ampliação minuciosa da notícia. Para Lima (2004, p. 29), é “um veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação periódicos”. Sua maior característica é, portanto, a abordagem mais rica de detalhes sobre o tema tratado e, por não ser periódico, possui um tempo maior para seu planejamento, preparo e finalização.

Lima (2004) ainda o diferencia de outros livros no que chama de condições especiais. A primeira é quanto ao conteúdo, pois o livro-reportagem se debruça sobre a realidade e não na ficção. A segunda é quanto ao tratamento, já que se apresenta como um produto jornalístico em sua linguagem, montagem e edição. A terceira e última condição definida por ele é quanto à função, que se relaciona com as finalidades que a narrativa construída assume sobre o tema, seja ela educativa, orientadora, explicativa, etc.

Os temas abordados são considerados como da atualidade, mas este conceito de atual é, segundo Lima (2004), muito mais elástico. Refere-se ao tempo em que o assunto é relevante na mídia: “encontramos no livro-reportagem uma extensão do tempo presente superior àquilo que percebemos nos periódicos” (LIMA, 2004, p. 31). Desta forma, superando o prazo do factual do jornalismo diário, os desdobramentos dos fatos noticiados aumentam a quantidade de fatos e dados, levando a necessidade de análise e interpretação.

Já quanto a categorização, Lima (2004) divide os livros-reportagens em dois grupos iniciais. O primeiro é o livro-reportagem originado de uma grande reportagem ou da compilação de uma série de reportagens veiculadas na imprensa. O segundo é aquele originado de um projeto elaborado especificamente para livro, como é o

caso da proposta do presente trabalho. Já quanto a finalidade e a natureza do tema abordado, Lima (2004) classifica o livro-reportagem em 13 grupos. São eles:

- *Livro-reportagem-perfil*: “procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima” (LIMA, 2004, p. 45).
- *Livro-reportagem-depoimento*: “reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou testemunha privilegiada” (LIMA, 2004, p. 45).
- *Livro-reportagem-retrato*: focaliza em “uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão” (LIMA, 2004, p.45).
- *Livro-reportagem-ciência*: “serve ao propósito de divulgação científica, geralmente em torno de um tema específico” (LIMA, 2004, p. 46).
- *Livro-reportagem-ambiente*: “vincula-se aos interesses ambientalistas, às causas ecológicas” (LIMA, 2004, p. 46).
- *Livro-reportagem-história*: é focado no passado recente ou mesmo mais distante no tempo. “O tema, porém, porém, tem geralmente algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum como o leitor atual” (LIMA, 2004, P. 46).
- *Livro-reportagem nova consciência*: “focaliza temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas que surgem em várias partes do mundo [...]” (LIMA, 2004, p. 47).
- *Livro-reportagem-instantâneo*: “debruça-se sobre um fato recém-concluído, cujos contornos finais já podem ser identificados” (LIMA, 2004, p. 47).
- *Livro-reportagem-atualidade*: “seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos” (LIMA, 2004, p. 48).
- *Livro-reportagem-antologia*: aquele que reúne “reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas na imprensa cotidiana ou até mesmo em outros livros. (LIMA, 2004, p. 48).
- *Livro-reportagem-denúncia*: trata-se de um produto investigativo, “apela para o clamor público contra as injustiças [...], focalizando casos marcados pelo escândalo” (LIMA, 2004, p. 49).

- *Livro-reportagem-ensaio*: possui a opinião do autor sobre o tema “conduzida de forma a convencer o leitor a compartilhar do ponto de vista do autor” (LIMA, 2004, p. 49).
- *Livro-reportagem-viagem*: narra uma viagem a uma região específica, “o que serve de pretexto para retratar, como um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local” (LIMA, 2004, p. 49).

São diversos tipos de livros com as mais diversas finalidades, mas todos seguem a premissa de viajar fundo dentro de algo específico, seja um tema, um personagem, um local, uma época, uma cultura, um cenário político, social, econômico, etc. Todos têm a missão de oferecer ao leitor a possibilidade de expandir seu conhecimento sobre algo, conhecer novos pontos de vistas e, com isso, formar sua própria opinião a respeito.

O tipo de produto proposto nesse projeto é, portanto, um *livro-reportagem-perfil* e retratará a experiência de cinco pessoas que viveram um relacionamento abusivo durante uma fase de suas vidas. Serão pessoas anônimas que terão suas identidades preservadas. O texto construído será uma narrativa, em terceira pessoa do singular, através do ponto de vista das fontes e vai apresentar os personagens, fatos, cenários e conflitos envolvidos na fase em questão. O ponto comum entre elas não deve ser apenas o fato de terem vivido esse tipo de relacionamento, mas, sim, sobreviveram a ele e, hoje, sentem-se recuperadas e livres para falar sobre o assunto para, desta forma, estimular o diálogo e inspirar outras mulheres nessa luta.

5.4 A entrevista como captação de informação

A captação de informação é um dos passos iniciais mais importantes para a construção do livro-reportagem e também é tratado por Lima (2004) que destaca a importância de se estabelecer metas, realizar o planejamento por meio da elaboração da pauta e a definição dos meios de coleta de material, no caso deste trabalho, a entrevista gravada em áudio por meio de gravador digital. Um dos instrumentos citados por ele é a entrevista, o momento em que o jornalista entra em contato com sua fonte e estabelece um diálogo para colher as informações que precisa para a construção de sua reportagem.

E este é o tema do livro *Entrevista - O diálogo possível*, de Cremilda Medina (2008), que discute o ato de entrevistar como sendo muito mais que uma técnica fria de perguntas e respostas, mas sim um ato de interação humana e todas as suas emoções. Segundo Medina (2008), enquanto os jornalistas insistirem em se manter frios e afastarem o significado humano de sua prática, pouco se avançará para o diálogo possível com a sociedade (MEDINA, 2008). Ou seja, a entrevista deve ser mais que uma fonte respondendo um questionário e um jornalista “prevendo” suas respostas, deve ser uma relação de interação e descobertas.

Medina (2008) ainda defende a humanização do contato jornalista-entrevistado quando diz que

quando, em um desses raros momentos, ambos - entrevistado e entrevistador - saem "alterados" do encontro, a técnica foi ultrapassada pela "intimidade" entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada auto compreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível (MEDINA, 2008, p. 21, grifos da autora).

Isso quer dizer que esse contato humano permite ao jornalista captar o mundo a volta de sua fonte e do tema abordado, oferecendo a ele um leque muito maior de possibilidades para a construção de seu texto. A entrevista como relacionamento também é defendida por Pinto (2009) ao lembrar que ela depende da capacidade de conversar do entrevistador para saber extrair as informações necessárias. E ainda lista algumas dicas para se fazer uma entrevista como, por exemplo, recomenda leitura e pesquisa sobre o assunto e a criação de uma lista com os fatos principais relacionados a temática. Lima (2004) trata esse tipo de entrevista como perfil humanizado, caracterizado pela “abertura e proposta de compreensão ampla do entrevistado em vários aspectos, do histórico de vida ao comportamento, dos valores aos conceitos” (LIMA, 2004, p.76).

Um dos objetivos específicos desta proposta de livro-reportagem é a de construir uma narração da vida dos entrevistados antes, durante e depois o relacionamento abusivo. Trata-se, portanto, de contar sua história de vida numa narrativa, na terceira pessoa do singular, baseada no seu relato. Segundo Lima (2004), as *histórias de vida* são um recurso de captação utilizado para a construção de um livro-reportagem

aparecendo em forma clássica de entrevista – com a reprodução do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado – ou como depoimento direto, ou ainda numa mescla em que se combinam essas

modalidades de apresentação com a narrativa em primeira ou terceira pessoa. (LIMA, 2004, p. 90)

Portanto, a captação de informações para a criação do livro proposto aqui se dará por meio de entrevistas, com um tom mais humano, um diálogo a ser estabelecido sobre o tema e os fatos vividos pelas fontes em relação a eles.

Um exemplo de livro-reportagem com algumas dessas características é “A vida que ninguém vê”, da jornalista Eliane Brum. A obra é um compilado de crônicas, reportagens e entrevistas, todas com caráter literário, que foram publicadas no jornal Zero Hora nos anos 90. Os textos trazem fortes traços literários e cada história é contada de uma forma diferente, tanto quanto à forma e ao conteúdo, evidenciando a liberdade que o gênero oferece aos autores. O livro foi o ganhador da 49ª edição do Prêmio Jabuti, ocorrida em 2007.

No caso do livro proposto aqui, as histórias narradas também serão diferentes entre si, mas haverá um tema em comum: o relacionamento abusivo. As histórias reais serão escritas com o auxílio de recursos literários, como dito antes, e sua exposição não será em vão, a missão deste projeto é, sem dúvidas, a elaboração de um produto capaz de inspirar outras pessoas, informar de uma forma muito comum na vida cotidiana, o exemplo. O tema é delicado, polêmico e a tratativa será dispendiosa, mas o resultado final deverá compensar o esforço dos envolvidos e retornar para a sociedade como uma colaboração, ainda que humilde, para avanço nessa discussão. O livro-reportagem “Sobrevivendo a um relacionamento abusivo” será um meio de comunicação impresso em favor dessa causa, um espaço para dar voz a quem quer falar abertamente sobre o assunto com o intuito de ajudar mais pessoas.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O produto final deste projeto será um livro-reportagem narrativo sobre pessoas que viveram e saíram de relacionamentos abusivos. A abordagem da pesquisa será qualitativa, sendo um dos estágios iniciais da elaboração do livro a leitura sobre o que são e como são feitos os livro-reportagens, além de artigos e reportagens relacionados ao tema para reunir conhecimento e colaborar para a compreensão do assunto tratado. Simultaneamente, será realizada a busca pelas cinco personagens que serão retratadas, a elaboração de pautas e perguntas para a realização de entrevistas que servirão de base para a criação do texto narrativo, assim como a elaboração da sinopse da obra e a escolha de nomes fictícios.

As fontes que concordarem em falar serão entrevistadas em encontros individuais. As conversas serão gravadas em dispositivo gravador de mp3, serão transcritas e servirão como base para a elaboração da narrativa em terceira pessoa do singular, que comporão o produto final. Essas entrevistas serão guiadas por um roteiro de perguntas com o objetivo de obter informações sobre a vida das personagens, traços de suas personalidades e, principalmente, o desenrolar dos fatos em relação ao relacionamento vivido. Portanto, saber como elas eram antes, como conheceram o parceiro na época, como foi o início da relação, quando e quais foram os momentos de abuso, como e quando percebeu e aceitou que precisava de ajuda, como e quando conseguiu sair desse relacionamento e o que tem a dizer às outras pessoas que sofreram com o abuso.

Será, portanto, um livro-reportagem do tipo perfil, em terceira pessoa do singular sob o ponto de vista desses entrevistados. Uma reunião de cinco relatos diferentes sobre os relacionamentos vividos pelas fontes, narrando a história de vida de cada uma dessas pessoas. Para, desta forma, dar voz a essas pessoas que hoje em dia lutam para que outras pessoas não sofram com esse tipo de relacionamento.

7 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA

ATIVIDADE	SEMESTRE 2017/2				
	AGOSTO	SET	OUT	NOV	DEZ
Análise e adequações pré-projeto	X				
Revisão da literatura	X	X			
Elaboração das Pautas	X				
Entrevistas	X	X			
Decupagem	X	X			
Criação de Roteiro		X			
Redação		X	X	X	
Revisão ortográfica e literária				X	
Diagramação				X	
Apresentação a banca de qualificação					X

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6029. Informação e documentação - Livros e folhetos – Apresentação. Rio de Janeiro, p. 3. 2002.
- BELO, Eduardo. Livro-reportagem. Editora Contexto, 2006.
- BRASIL. Decreto Lei 11.340 de 7 de Agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**: Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Secretaria Especial de Política para as Mulheres, 2008.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Arquipelago Editorial Ltda, 2016.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FPA - Fundação Perseu Abramo)/ Sesc - Serviço Social do Comércio. **Pesquisa Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado**, 2010. [online] Disponível na internet via WWW. URL:
<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/pesquisas/pesquisa-mulheres-brasileiras-nos-espacos-publico-e-privado-fundacao-perseu-abramosesec-2010/>.2010. Arquivo consultado em 08/05/2017, às 16:46
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão da literatura e do jornalismo. 2004.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista**: o desafio das tecnologias eo fim das ilusões. Paulus, 2009.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática. 95, 96p. Princípios, v. 105.
- PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem**: origens, conceitos e aplicações. Regiocom, Universidade Metodista de São Paulo, 2009.
- PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo diário**: reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

APÊNDICE 2:

Produto livro-reportagem

Diogo Souza

Thassya Bezerra

Sobrevivendo a um relacionamento Abusivo

*“Se me der um grito não calo
Se mandar calar mais eu falo”
(Recado – Gonzaga)*

*Dedicado a John Santanna, Acácia Mérici, Thiarlley Valadares,
Rebecca Mello, ao professor Juva, e a cada pessoa que, direta
ou indiretamente, colaborou com a realização deste projeto.*

SUMÁRIO

Prefácio	3
Apresentação	5
Cabelo cresce!	7
“Ele falava que eu tinha que mudar, mas ele não mudava nada do jeito dele”	18
“Meu pai me criou para ser uma selvagem, para não aceitar bronca de qualquer um”	31
Sobrevivendo a um relacionamento abusivo.....	50

Prefácio

Impactante. Ao conhecer o foco do projeto, percebi que os dois autores estavam dispostos a se debruçar em uma pesquisa que provavelmente resultaria em ajuda para muitas pessoas que buscam uma luz em situações críticas. Através de um trabalho que foi em busca de sujeitos que estavam sofrendo abusos nos relacionamentos, percebeu-se, pela visão dos autores, um cuidado com os personagens, a delicadeza das palavras, a preservação das fontes e uma cautela ao explicar histórias (e vitórias) de vida.

Sabemos que o tema é bastante delicado e merece a devida atenção. Cada página levará o leitor à reflexão, à análise e ao despertar para ajudar a si e outras pessoas que o rodeiam. Cada depoimento é um desabafo real e, por vezes, nos mostra a angústia de estar envolvido em um relacionamento dessa natureza. Vale ressaltar que abusos não são apenas os da violência física, mas também os verbais e emocionais que, infelizmente, a vítima que se encontra no êxtase da paixão, não consegue enxergar que está diante de um problema.

Tive o privilégio de acompanhar o comprometimento dos escritores. Eles uniram o rigor jornalístico com doses de afetividade. Isso resultou em uma obra emocionante.

Através da leitura, é possível entender as características de um relacionamento conturbado. A cada capítulo nos são reveladas situações estarrecedoras. Adianto ao leitor que cada caso tem personagens de diferentes idades, orientação sexual e classe social, o que faz, portanto, a obra ficar bastante interessante e que esse problema não escolhe suas vítimas.

Instigante e envolvente, 'Sobrevivendo a um relacionamento abusivo' é muito mais que obra literária. É um farol para pessoas que estejam passando por esse problema possam se sentir encorajadas a se libertar em busca de uma vida feliz, completa e sem traumas. Além do que, podemos ficar atentos para que essa situação não aconteça conosco ou com pessoas próximas.

O livro é também um exercício de resgate a autoestima pois, felizmente, cada caso terminou com o despertar do sujeito em busca de sua felicidade.

As pessoas são diferentes, criam vínculos, têm sonhos. Um relacionamento amoroso é algo para ser saudável, prazeroso, partilhado, com companheirismo, projetos, bons sentimentos e, principalmente, respeito. Os personagens, como todo ser humano, embarcam em suas viagens com esse pensamento.

Parabéns, Diogo Souza e Thassya Bezerra, pela grandeza da pesquisa, pela sensibilidade do tema, por proporcionarem uma leitura agradável, coerente e por mostrar alguns indicativos que servem de alerta no dia a dia. 'Sobrevivendo a um relacionamento abusivo' é um instrumento que vai muito além de um trabalho de conclusão de curso. É um mecanismo transformador.

Acácia Mérici
Jornalista

Apresentação

Você consegue se imaginar em um relacionamento com alguém que te chame de gorda (o), feia (o), incapaz, vulgar ou te ameace e agrida por simplesmente você ser quem é? Provavelmente não, pode dizer que jamais permitiria algo do tipo e talvez não entenda como alguém “se preste” a esse papel. Pode ser surreal, mas esse é um pequeno recorte da realidade de quem vive um relacionamento abusivo. Estes são relacionamentos possessivos, marcados por ciúmes, crises constantes e agressões físicas e psicológicas.

A pauta dos relacionamentos abusivos tem ganhado espaço na mídia, mas nem sempre as vítimas desse tipo de relação são ouvidas, muitas vezes por que não querem se expor por vergonha ou por medo, é verdade. Os casos mais extremos – aqueles onde há agressões e mortes – ocupam páginas policiais e o foco geralmente está no agressor, na sua captura e “castigo”.

Ainda durante a redação do projeto, um caso de feminicídio aconteceu no interior de Sergipe. O caso foi noticiado em um jornal impresso do estado, onde se falou de tudo, menos o nome da mulher morta. No texto, ela era apenas um detalhe, a causa da prisão do seu assassino. Aquele foi um caso extremo, mas há inúmeras outras pessoas – homens e mulheres –, que vivem relacionamentos abusivos e enfrentam diariamente dificuldades que vão desde crises até agressões físicas e psicológicas.

Mas quem são essas vítimas? Pelo que elas passam? O que sentem? Sabemos que cada caso tem suas particularidades, mas é preciso entender as vítimas, saber as dificuldades que enfrentam, até mesmo para não culpá-las pelas coisas que sofreram ou ainda sofrem.

Neste livro, são apresentadas três histórias reais de pessoas que viveram e sobreviveram a relacionamentos assim, mostrando o antes, o durante e depois desses relacionamentos. A ideia do projeto surgiu justamente da necessidade de mostrar a visão de quem se descobriu num relacionamento abusivo.

No total, cinco pessoas foram entrevistadas, no entanto, a quarta não conseguia conversar sobre o assunto na presença dos filhos, pois não tinha com quem

deixá-los e eles eram alvo de uma batalha judicial delicada, falar sobre o divórcio na presença deles poderia causar mais conflitos e optamos por encerrar a entrevista antes do fim em respeito a ela. Já a quinta entrevistada, meses após ter narrado sua jornada de traições e agressões que enfrentou, voltou para o ex. Como nosso foco é contar histórias de superação concluídas, preferimos deixá-las de fora, mas registramos suas existências aqui para evidenciar que este tipo de coisa é normal quando se trata de relacionamentos amorosos e seus complexos desdobramentos.

Ouvimos e narramos a história de uma lésbica, uma mulher heterossexual e um gay, de classes sociais, idades e locais diferentes. Seus nomes e os das pessoas citadas estão preservados, substituídos por nomes fictícios. E as entrevistas foram realizadas individualmente, em locais e datas escolhidos por cada um deles. Em cada encontro, uma história de vida diferente e inspiradora se revelava. As primeiras respostas eram sempre tímidas e cheias de receio, mas, à medida que a conversa avançava, as memórias delicadas vieram à tona.

As lágrimas vieram – de ambos os lados –, mas cada entrevistado fez questão de contar tudo o que considerou importante contar. Durante e depois das entrevistas, também surgiram pedidos para tirar algo que poderia ser exposição demais. Mesmo separados no tempo-espaço, os três se uniram no que parecia ser uma missão a cumprir: inspirar e ajudar quem pode estar enfrentando situação semelhante em seus relacionamentos. E este também é o propósito do “Sobrevivendo a um Relacionamento Abusivo”, ajudar quem vive ou viveu, além de mostrar para as outras pessoas que este é um assunto sério que mexe profundamente com a vida dos envolvidos. Porque informar e falar sobre pode ajudar a mudar a vida das pessoas.

Cabelo cresce!

Laura era uma jovem de 18 anos, negra, gorda e lésbica. Em 2010, ela morava num município do interior de Sergipe e sua maior ocupação era a escola, onde terminava o ensino médio. Também dedicava uma parte do tempo com o cabelo e fazia inúmeros tratamentos alisantes todos os meses. Aluna dedicada, sempre teve o boletim preenchido com boas notas, mas sua hiperatividade também lhe rendia alguns sermões de professores e diretores do colégio. Perdeu o pai muito cedo e, desde pequena, tem uma relação muito forte com a mãe, que não se surpreendeu quando a filha declarou a homossexualidade.

Naquela época, ela ainda não tinha vivido nenhum relacionamento amoroso, apenas alguns casos aqui ou ali, mas isso estava prestes a mudar. Faltava poucos meses para o fim do ano letivo, quando o colégio onde Laura estudava foi visitado por uma mulher. Ela era Bárbara, que trabalhava viajando o estado visitando instituições de ensino. Era uma mulher bonita, perto de seus quarentas anos e dona de um carisma único. Numa dessas visitas, Bárbara conheceu Laura no corredor do colégio. Numa rápida conversa, as duas trocaram número de telefone e prometeram entrar em contato.

Ambas trocaram mensagens de texto via SMS e, assim, iniciaram uma amizade que, rapidamente, se transformou em algo mais. Elas falavam de suas rotinas, anseios e trocavam elogios, palavras carinhosas. Após as mensagens de textos, logo surgiu o convite para a jovem visitar a casa da nova amiga e passear em Aracaju. E foi assim que o namoro começou.

Aquele era um mundo totalmente novo para Laura, pois, até então, nunca havia sido alvo de tanto afeto. Bárbara sabia como agradar e envolver. Ela mandava flores, enviava belas mensagens e a enchia de elogios e presentes. “Foi tudo muito rápido, parecia um conto de fadas. Ela me chamava de maravilhosa o tempo todo e dizia que tinha ciúmes de mim. Tudo que vinha dela era sempre positivo e eu acreditava nisso”, relembra Laura. Até quando Bárbara dizia que sentia ciúmes, fazia Laura se sentir amada.

No ano seguinte, as visitas se tornaram mais frequentes. Laura costumava ir para a casa da namorada a cada duas semanas e, algum tempo depois, passou a ir

todo final de semana. Após terminar os estudos e com mais tempo livre, começou a ficar também durante a semana e sua mãe percebeu a mudança: “quando eu voltava para casa, minha mãe comentava que eu estava passando tempo demais na capital”. Mesmo com a presença quase que constante de Laura em sua casa, Bárbara ainda considerava pouco. Ela queria mais que somente receber a namorada como visita.

A ideia de transformar seu primeiro namoro em casamento deixou Laura assustada, a proposta veio após uma conversa com Bárbara, que dizia querer mais tempo com a amada. “Eu acabei aceitando porque estava muito apaixonada. Quando eu vim, ela sugeriu que eu contasse para minha mãe que estava vindo para trabalhar e foi isso que fiz. Só depois do primeiro mês que eu revelei que, na verdade, estava casada. Ela ficou preocupada por ter tão pouco tempo de namoro, mas eu garanti que estava segura do que estava fazendo”, conta.

O durante

O clima de encantamento seguiu nos primeiros meses da relação. No início do casamento, Laura ainda passava o dia inteiro em casa, enquanto Bárbara trabalhava fora nos turnos da manhã e tarde. A partir do terceiro mês, as primeiras discussões surgiram e Bárbara revelou uma atitude agressiva. As brigas aconteciam pelos mais variados motivos e o ciúme era a principal causa das crises. “Ela sempre falava que tudo era coisa da minha cabeça, que eu era muito nova e não sabia nada da vida. Me fazia acreditar que eu estava errada toda vez”.

Desde então, as agressões verbais se tornaram corriqueiras e a relação se arrastou entre brigas e reconciliações pelos próximos anos.

Uma das lembranças mais vívidas e tristes de Laura aconteceu no terceiro ano de relacionamento, quando as tensões se agravaram a níveis extremos. Ela estava na cozinha preparando o jantar, enquanto conversava com a mãe ao celular, como tinha o hábito de fazer. A voz lhe faltou no meio da conversa. Sentiu uma pancada forte no meio das costas. “Minha mãe percebeu que algo tinha acontecido e perguntou, eu disfarcei dizendo que tinha batido o pé e desliguei”.

Aquela foi a primeira agressão física sofrida por Laura. Quando questionou Bárbara sobre o motivo, ouviu acusações de traição. “Nós brigamos feio e ela me falou um monte de coisas, fazendo com que eu acreditasse que eu estava errada e que a culpa era minha. Eu realmente cheguei a acreditar nisso, pensei que estava enlouquecendo”, desabafa.

Ela ouvia inúmeras coisas que feriam seu psicológico tanto quanto o físico. Além de ser chamada de feia e gorda, também ouvia que era burra, por ter estudado somente até o ensino médio. Nessa época, as coisas tinham mudado na casa e Laura era a única que tinha emprego, mas quem cuidava de seu dinheiro era a esposa.

Mesmo com uma rotina resumida à casa e ao trabalho, era acusada de infidelidade. A falta de confiança a perturbava, sentia-se triste e insuficiente. “Ela me acusava de coisas que eu não fazia e eu chegava a duvidar de mim mesmo. Ficava deprimida, chorava no ônibus e tinha crises de choro no trabalho, as pessoas perguntavam o que eu tinha e eu só dizia que estava triste”.

Após a agressão, Bárbara preparou uma surpresa para a esposa. Após o dia de trabalho, Laura foi recebida com um jantar especial e muitas promessas de mudanças. “Ela sempre fazia isso, depois das brigas e agressões, vinha se reconciliar e me fazia acreditar que ia mudar. E realmente mudava por um tempo, mas logo tudo voltava a ser como antes”.

E não demorou muito, juntas em uma festa na casa de uma amiga, as duas bebiam e se divertiam. Ao perceber que uma mulher olhava fixamente para a esposa, Bárbara queimou Laura com a ponta de seu cigarro. Sua única reação foi empurrá-la e ir para casa. Era uma fase de agitação e agressividade, pois estava sobrecarregada com tudo o que vinha vivendo e aguentando calada. Mas, mesmo depois desse episódio, as duas se reconciliaram, após novas promessas de mudança e melhora.

No entanto, as críticas à aparência de Laura se intensificaram. Ela estava acima do peso e o cabelo crespo era alisado quimicamente, estes eram os alvos dos ataques de Bárbara. “Quando minhas raízes ondulavam, ela dizia que meu cabelo era feio e que eu era gorda. Ela me fez acreditar que eu era feia, eu odiava meu cabelo e meu corpo”. Ao ouvir esse tipo de comentário, desistia de ir para festas ou

confraternizações e se isolava. Ficou obcecada em perder peso, fazia dietas restritivas e provocava vômito logo após ingerir alimentos.

Apesar de tantas atitudes destrutivas vindo da parceira, Laura não conseguia se desvencilhar daquela relação. Não sabia a quem recorrer, sentia-se só e Bárbara era a única pessoa que tinha na capital. Após o episódio do cigarro, decidiu procurar algum tipo de ajuda, ligou para uma de suas irmãs e desabafou. Ouviu de conselho que deveria sair daquela relação o quanto antes, mas não conseguia entender, muito menos aceitar a ideia. “Eu achava que as pessoas não queriam me ver feliz. Ela (Bárbara) sempre repetia que se terminássemos, ninguém iria me querer. E acreditei nisso! Eu não sabia que estava em um relacionamento abusivo, nunca tinha ouvido falar sobre, mas já sabia que aquilo não era normal”.

Após três anos e meio de relacionamento, Laura reuniu coragem e decidiu terminar o casamento. Naquela época, trabalhava e fazia um curso profissionalizante. Só o que lhe faltava para viver bem, era romper com Bárbara. Quando abandonou a casa e esposa, foi acolhida por uma amiga. E, durante três meses, Bárbara insistiu por uma reconciliação, sob novas promessas de amor e vida nova. Contrariando a amiga, Laura cedeu e voltou para a casa.

“Ela me tratou como no início, parecia que ia dar tudo certo, que ela estava mudada. Eu acreditei que, dessa vez, realmente daria certo”. Mas Laura estava errada e a primeira semana de reconciliação foi o bastante. O novo conflito girou em torno do aniversário de uma parente de Bárbara. As duas haviam sido convidadas, mas Laura foi proibida de ir. O motivo seria a presença de uma ex-namorada de Bárbara que estaria entre as convidadas. E o mesmo aconteceu na festa de ano novo. “Eu passei o réveillon em casa sozinha, muito triste e pensando em cometer loucuras. Eu sentia que ela estava tendo um caso com a ex. Pouco tempo depois, descobri uma outra traição e eu fiquei arrasada. Eu ainda a amava e ela estava me destruindo aos poucos”.

Quando questionou as proibições, Laura foi acusada de ser louca, imatura e mentirosa. Laura recorda que fazia de tudo para ter algum tipo de aprovação por parte de Bárbara. Quando falava algo, esperava que a esposa dissesse que estava certa ou não, já que sempre dizia ser mais experiente e mais inteligente. Chegou um

momento que pelo simples fato de ouvir a voz da companheira, Laura sentia calafrios, tinha tremedeiras.

“Ela ameaçava fazer barraco no meu trabalho e dizer para todo mundo que eu era ‘sapatona’ para que eu perdesse o emprego. Eu tinha muito medo de ficar sem emprego, porque eu ajudava minha mãe e minha família com aquele dinheiro e, na época, eu ainda não tinha uma profissão. Por isso suportei muita coisa”.

A rotina de trabalho e estudos de Laura tinha se intensificado, saía pela manhã e só retornava à noite, às vezes, de madrugada. E foi numa segunda-feira atípica que acordou muito bem tratada pela esposa, recebeu carinho e atenção. Foi uma maneira muito doce de começar o dia, saiu de casa revigorada e feliz. Porém, o que realmente marcou só aconteceu mais tarde. Ao chegar mais cedo do trabalho, sentiu que algo estava errado e aguçou os sentidos. Assim que abriu o portão, notou uma sandália que não era de nenhuma das duas. A suposição de estar acontecendo algo que não gostaria de ver na casa a fez dar meia volta.

Por cinco minutos, andou em círculos numa praça, respirou fundo e voltou para a casa. Lá dentro, a porta do quarto estava encostada e uma música de Marisa Monte tocava abafada entre sussurros e gemidos. Laura abriu a porta do quarto abruptamente e se sentiu paralisada. Bárbara estava na cama do casal com outra mulher. As lágrimas escorreram pelo seu rosto, mas nenhuma palavra saiu de sua boca.

“Não é isso que você está pensando”, arriscou Bárbara.

“Como não?!”, explodiu Laura e continuou: “Eu chego, vejo você com outra em nossa cama e me diz que não é nada. Eu estou ficando louca? É isso que você está dizendo?”.

Superando os ímpetos de partir para agressão, Laura recuou, trancou-se no quarto de hóspedes e desabou em prantos. Jarros, livros, cadernos, enfeites, travesseiros, sapatos e qualquer coisa que surgisse na frente era atirado por ela na parede. Ela bradava palavrões e coisas sem sentido.

“Elas acharam que eu ia fazer alguma coisa com elas. Na minha cabeça eu pensei até em matá-las, mas alguma coisa me dizia para não fazer nada. Fui para o

quarto e chorei muito, pensei em sair e esfaqueá-las e até mesmo em me matar, mas eu pensava na minha família e me continha”.

Na manhã seguinte, após faltar ao trabalho Laura percebeu que a forte dor de cabeça que sentia era o menor dos problemas que teria naquele dia. Quando Bárbara voltou do trabalho, revelou que a amante da noite anterior estava de mudança para a casa e ia morar com elas. A notícia caiu como uma bomba no colo de Laura que mal conseguia acreditar no cenário que se desenhava em sua vida.

Quando iniciou aquela relação, a menina do interior, como ela mesma diz, ainda era muito inocente. Saiu de casa em busca de um amor de contos de fadas que nunca chegou. Os ciúmes, as acusações, restrições, ameaças, agressões e a tortura psicológica foram tudo o que ela viveu em quase cinco anos de relacionamento. Àquela altura, não havia restado amor, inclusive o seu amor-próprio estava completamente ferido. Só lhes restou mágoas e tristeza.

“Foi bem difícil, mas chegou um momento que eu decidi que não podia mais aceitar aquilo. Só pensava em sair daquela casa, porque eu estava doente”. Apesar da decisão, o fator financeiro ainda pesava. Laura trabalhava para pagar o curso profissionalizante e sair da casa significava passar a apagar aluguel e, desta forma, abandonar o curso.

Mesmo sob toda a tensão que se instalou na casa, ela decidiu permanecer ali até o final do curso. “Convivendo” com a agora ex-esposa e a namorada, Laura basicamente se mudou para o quarto de hóspedes, onde passava a maior parte do tempo. Lá dentro, ouvia comentários a seu respeito, pois Bárbara costumava falar alto que tudo naquela casa era dela, quando na verdade, a grande maioria dos móveis e utensílios foram comprados por Laura.

Nesse período, ela tentou seguir sua vida de alguma maneira. Tentou conhecer outras pessoas, afinal, já estava solteira. Chegou a conhecer uma nova mulher com quem mantinha contato constante. Certo dia, em seu quarto – como sempre trancada –, acreditava que estava sozinha e conversava via celular com a nova pretendente. Quando saiu do cômodo, foi atacada por Bárbara com socos e pontapés.

Após a série de golpes, Laura esbravejou: “Você acabou de vir da igreja e está desse jeito? Você se diz tão inteligente e caridosa e faz isso. Você está com o demônio

no corpo”. Tais palavras atiçaram ainda mais a fúria de Bárbara que partiu para cima dela, deu-lhe um soco no rosto e começou a estrangula-la usando as duas mãos, enquanto vociferava ofensas a Laura.

“Nesse dia eu estava doente, não conseguia fazer nada. A única coisa que eu pedia era que ela parasse, eu não revidava. Quando ela tentou me enforçar, eu não conseguia mais falar, já estava sem forças. Não sei como, mas consegui empurrá-la para longe. Foi quando ela correu para cozinha como se fosse pegar alguma coisa e eu corri e me tranquei de novo no quarto. Sabia que não podia abrir a porta do quarto de jeito nenhum, pois tinha medo de que ela me matasse. Ela gritava, dizia que me mataria e eu entrei em pânico, joguei várias coisas na parede e chorei muito”.

A semana seguinte passou lentamente. Recuperando-se, escondia as marcas no pescoço com blusas de gola alta e atribuía a falta de voz à uma gripe. Trancada em seu quarto, Laura começou a arquitetar mais uma saída da casa. Tornou a pedir ajuda à amiga que a acolheu da primeira vez. Primeiro, foi para a casa dessa amiga para passar três dias e, quando voltou para a casa, foi para pegar as coisas e partir.

Era uma terça-feira ensolarada de um céu muito azul, quando Laura pediu para o motorista do táxi parar em frente à casa. A hora escolhida, no meio da manhã, foi justamente para evitar um encontro com Bárbara ou sua nova companheira. “A única coisa que eu levei foram as minhas roupas, minha cama, meu fogão novo e meu violão. Por mais que estivesse saindo praticamente sem nada e sabendo que ainda iria sofrer, eu sabia que precisava sair daquela casa para salvar minha vida. Minha amiga me apoiou muito, porque eu tinha que começar minha vida do zero e foi isso que fiz”.

O depois

Depois de tanto tempo, Laura conseguiu decidir ir embora da vida de Bárbara. Naquela manhã, saiu da casa sem nenhum tipo de cerimônia de despedida, tinha pressa, medo de encontrar a ex e do que poderia acontecer. Assim que chegou naquela que seria sua nova casa, onde dividiria o aluguel com uma amiga, sentou-se e deixou rolar todo o pranto represado em sua garganta.

Apesar de todo o sofrimento, aquele foi um momento de libertação. Foi ali que Laura finalmente conseguiu perceber o quanto tinha sofrido e se anulado em nome daquela relação. Mas as consequências ainda seriam sentidas por um longo tempo. Os traumas, ainda tão recentes, jogaram-na num ciclo depressivo. Passava horas trancada em seu quarto, não queria sair, nem se alimentar e o fantasma do suicídio voltou a rondar seu pensamento. “Eu pensei em tirar minha vida diversas vezes. Já tive vergonha de dizer isso abertamente, mas hoje não tenho mais, porque fui forte o suficiente para não ceder”. A colega de apartamento tornou-se uma conselheira para Laura, ouvia seus desabaços e, quando precisava, era dura com a amiga. “Ela disse que eu precisava voltar a viver e enterrar o passado, porque eu estava triste e me considerava culpada”.

Procurar ajuda profissional não foi uma tarefa fácil e Laura precisou quebrar muitos paradigmas até procurar acompanhamento psicológico. Na época, ela mantinha certas reservas com psicólogos e seus tratamentos porque, durante toda a sua vida, ouviu que eram médicos para loucos e coisas do tipo. “Eu ouvia muito isso quando morava no interior e fiquei bloqueada, tinha medo de ser medicada, ser internada. Mas minha amiga conseguiu me convencer e eu iniciei um acompanhamento”.

Foram três meses de terapia e, nesse processo, Laura conseguiu se perdoar e parar de se culpar pelo passado. Ela confessa, com certo arrependimento, que não levou o tratamento adiante por acreditar que já estava boa, porém reconhece que deveria ter prosseguido. “Foi muito importante, pois eu estava muito machucada. Antes, eu não conseguia externar minha dor, nem chorar. Ficava tudo preso. Foi muito difícil, mas consegui superar”.

Ela recorda que a principal recomendação da psicóloga, na época, foi para que se mantivesse ativa, fazendo coisas que lhe dessem prazer. A primeira atividade retomada foi uma paixão antiga: a escrita. Em um caderno, passou a escrever poesias e reflexões sobre a vida, o amor, a natureza e Deus. Desaguar as palavras e suas emoções em textos a faziam se sentir leve, mas ainda faltava algo para se sentir bem consigo mesma. Àquela altura, sua relação com o espelho já havia melhorado, tinha aceitado e aprendido a gostar do corpo fora do padrão de magreza da sociedade, mas o cabelo ainda não a agradava.

“Eu usava química para alisar meu cabelo, porque eu não o aceitava como era, crespo. Cresci ouvindo que era cabelo pixaim ou de Bombril, sempre coisas negativas e acabei odiando o meu cabelo e o meu corpo”. A primeira vez que Laura alisou o cabelo foi quando tinha somente cinco anos, desde então, nunca mais tinha tido a oportunidade de vê-lo e senti-lo natural, pois, assim que a raiz crescia, apressava-se em renovar o alisamento. Seu gasto com tais produtos e tratamentos giravam em torno de 200 reais a cada dois meses, somado a dificuldade financeira e a vontade de mudar, ela decidiu deixar o alisamento para trás e iniciou sua transição capilar, parou de alisar e deixou o cabelo natural crescer.

E foi nesse processo de decisão e execução da transição que ela fez novas amizades. Uma delas foi muito importante para seu processo de aceitação enquanto mulher negra, crespa e gorda, a idealizadora do Projeto Pérolas Negras, Raíssa Rosa. Laura seguia a página do projeto nas redes sociais e enviou mensagens com algumas dúvidas, pois ainda tinha receio de cortar o cabelo. Prontamente, Raíssa não apenas respondeu às perguntas como estimulou a jovem a assumir seus cabelos crespos e indicou produtos específicos para seu tipo de fio. Ela disse uma frase que se tornou um verdadeiro mantra na vida de Laura: “Cabelo cresce!”.

“Algumas vezes, eu saía do salão chorando, em outras, me sentindo maravilhosa. Foi um processo de aceitação da minha cor negra, do meu corpo e meu cabelo. Nunca cogitei assumir meu cabelo antes, porque eu achava feio”. Todavia, como quem corta um mal pela raiz, Laura optou por passar pela transição capilar de maneira drástica. Ao invés de cortar o cabelo aos poucos, até a parte alisada ser totalmente retirada, ela sentou na cadeira do salão e mandou cortar tudo.

Ela recorda que, mesmo decidida, precisou de um tempo diante do espelho: “Eu tive que me preparar psicologicamente para ficar com o cabelo curtinho, porque eu sabia que ouviria comentários depreciativos sobre isso”. E o primeiro comentário veio justamente da cabelereira, que ao ouvir o pedido da cliente disparou:

“Tem certeza?! Vai ficar feio. Parecendo cabelo de homem”.

“Cabelo cresce!”, repetiu Laura.

E repetiu diversas outras vezes durante as semanas seguintes, sempre que alguém a chamava de louca por ter cortado os cabelos.

“Eu repetia as palavras da Raíssa Rosa para quem questionava minha decisão e também para as meninas e os meninos que queriam passar pela transição, mas ainda tinham medo. Cabelo cresce!”.

Se antes, Laura ouvia críticas destrutivas sobre sua aparência e seu cabelo e as absorvia, agora, ela passou a rebatê-las.

“Não foi só mudar o cabelo, foi mudar de vida. Eu até cheguei a ficar triste, porque cortei muito curto e isso mexeu com minha autoestima. Ouvi coisas terríveis como parece um macho, está ridícula, etc... Algumas vezes, eu era grosseira, rebatia com afrontas no mesmo tom. Porque eu não admitia mais ser ofendida e ficar calada. As pessoas têm que entender que estou bem do jeito que estou e ninguém tem o direito de falar nada sobre isso”.

Ela conta que reconstruiu seu amor-próprio e sua autoestima focando no cabelo. Junto com o cabelo antigo, a Laura antiga também tinha ficado para trás. Seu *black power* é símbolo de liberdade. O cabelo realmente cresceu e, hoje, seu “black” está cada vez maior e fazendo sucesso. “Quando aceitei meu cabelo crespo, percebi que também precisava me aceitar por completo. Parei de fazer dietas loucas, decidi que não iria entrar na academia simplesmente para fazer meu corpo entrar nos padrões de quem acha que gordo não é bonito. Eu decidi que, se eu tivesse que fazer alguma mudança em minha vida ou no meu corpo, seria porque eu quero”.

Seguindo os passos de Raíssa Rosa, Laura começou a compartilhar com amigas e pessoas próximas os conselhos e técnicas para cuidar do cabelo crespo. Entrou em diversos grupos e movimentos de identidade negra, se tornou militante e fez muitos amigos. Hoje, suas redes sociais são usadas como veículo de expressão e defesa dos direitos de comunidades de mulheres, LGBTQs e negros.

E é nesse tom que Laura escreve suas publicações nas redes sociais, sempre falando de empoderamento feminino, respeito às diferenças e combate ao preconceito. Sua caixa de mensagens está sempre repleta de pedidos de ajuda e conselhos sobre cabelo, relacionamentos, crises familiares, entre outras coisas. Pode até parecer cansativo, mas ela garante que faz isso com muito prazer e como forma de gratidão a Deus por ter conseguido sobreviver àquele relacionamento abusivo.

“Um dia eu estava ouvindo uma música. Fazia um dia lindo e eu parei em frente ao espelho e me achei maravilhosa. Como eu nunca tinha feito isso antes? Por que eu não me sentia assim antes? Passei por tudo aquilo e eu sobrevivi. Sei que muitas pessoas já passaram ou ainda passam pelas mesmas coisas ou até piores, então eu tenho obrigação de ajudá-las. Eu não posso simplesmente passar por isso e ficar calada, eu tenho que ajudar as pessoas a se sentirem maravilhosas também”.

Laura descobriu e se entregou a novas atividades, já praticou MMA e, hoje, é ciclista. Mas o que mais a encanta é a fotografia. “Antes de me aceitar, eu não gostava de me fotografar. Tinha vergonha de mim. Hoje, a fotografia é um ato político para mim de resistência e auto aceitação. Se eu fotografo a praia, sinto calma, a brisa e paz. Se fotografo pessoas, eu tento capturar os sentimentos e a energia das pessoas. A fotografia me ajudou, inclusive, a voltar a escrever”.

Ela não nega que ainda há fantasmas do passado que precisa expurgar e tenta fazer isso ajudando outras pessoas. Laura envia uma mensagem para quem está em um relacionamento abusivo, a mesma que envia aos seus seguidores nas redes sociais: “Não sintam vergonha, nem culpa por estar em relacionamento abusivo. Não sintam vergonha de pedir ajuda!”, e ela vai além: “Aos amigos e familiares, apoiem essas pessoas! Não digam a elas que estão nessa situação porque querem, porque não é bem assim”, finaliza.

Sua jornada foi longa e árdua, mas isso não a impediu de se recuperar, redescobrir e reinventar a si mesma. Seu cabelo, seu corpo, o esporte, a escrita se tornaram instrumentos e símbolos de amor e cura.

“Ele falava que eu tinha que mudar, mas ele não mudava nada do jeito dele”

No ano de 2015, Carlos era um rapaz de 22 anos que morava com o pai e os dois irmãos numa comunidade pobre de um município da Grande Aracaju. Apesar da falta de recursos e de uma casa muito pequena, aquela era uma família unida e feliz. Carlos costumava frequentar festas e saía muito com os irmãos, especialmente o caçula, a quem sempre foi mais próximo. Gay declarado, nunca enfrentou grandes problemas em casa por isso, embora sua mãe nunca tenha aceitado muito bem sua sexualidade.

Vaidoso, fazia questão de estar sempre com o cabelo arrumado e costumava fazer alisamentos químicos para dar mais movimento aos fios. A pele negra era sempre bem cuidada com produtos específicos. Porém, algumas coisas o angustiavam. O fato de estar desempregado o deixava triste e se sentia culpado por não conseguir colaborar com as despesas da casa. A maioria das contas ficavam a cargo de seu pai, Seu Edson. Quando conseguia algum trabalho, vez outra, ajudava em casa e guardava uma parte para si. E assim a vida fluía para ele.

Em dezembro daquele ano, em um sábado à noite, Seu Edson queria ir a uma festa na casa de um amigo, mas não queria ir sozinho, então convidou o filho Carlos. Ele não queria sair, pois aquele não tinha sido um dia fácil lidando com as angústias do desemprego. Queria mesmo ficar em casa e dormir. No entanto, seu pai insistiu para que o acompanhasse, pois tinha seus próprios interesses.

A festa seria na casa de um de seus amigos, Júlio, gay, com cerca de 35 anos. O motivo da insistência era uma mulher pela qual Edson estava interessado há muito tempo que estaria lá. Carlos relembra, aos risos, que seu pai estava usando de todos os artifícios para se aproximar da moça, inclusive ele mesmo. “Meu pai queria fazer um tipo de troca. Eu seria apresentado a Júlio e ele apresentaria a amiga para meu pai”.

Carlos realmente não foi, mas o próprio dono da festa foi à sua casa pessoalmente e ele acabou cedendo. A simpatia e o jeito extrovertido de Júlio despertaram a curiosidade do jovem que decidiu dar uma chance para aquela noite de sábado, até então despreziosa. Durante a festa, Júlio se aproximou de Carlos

e, após uma conversa descontraída, trocaram beijos. “Ele me chamou para dormir com ele naquela noite, mas eu não ia para a cama no primeiro encontro. Mesmo com muita insistência, voltei para a casa do meu pai”. Aliás, diferente do filho, seu Edson não teve muita sorte com sua pretendente naquela noite.

Mesmo sem perceber, Carlos despertou o interesse de Júlio que, já no dia seguinte o procurou para passar mais tempo juntos. Saíram juntos, conversaram e se beijaram por horas. E isso se repetiu em todos os dias daquela semana. A conversa fluía fácil e parecia não faltar assunto para os dois. Carlos percebia uma química muito grande entre os dois e se sentia diferente na presença de Júlio. O jeito sedutor e carinhoso dele fez Carlos se envolver e se encantar. O que ele não imaginava, era que as coisas fossem ocorrer tão rapidamente.

“Ele viu como as coisas eram complicadas na casa do meu pai por causa da situação financeira. Uma semana depois, ele me chamou para conversar e propôs que morássemos juntos, pois seria bom para os dois e eu teria mais privacidade e tranquilidade”. Considerando a proposta, Carlos ficou eufórico com todas as coisas que estava sentindo por Júlio e, ainda, considerou ser aquela uma maneira de aliviar os gastos da casa do pai e os seus próprios gastos. Antes de dizer sim, fez questão de lembrar ao novo namorado que, mesmo estando desempregado, costumava fazer trabalhos esporádicos e que não queria ser sustentado.

Para Júlio, isso não era um problema e garantiu que estava tudo bem e que o ajudaria no que precisasse. Uma semana após o primeiro encontro, Carlos colocou suas roupas numa mala e se mudou para a casa do namorado. As reações de sua família foram variadas, Seu Edson apoiava totalmente o casal, assim como os seus irmãos que torciam pela sua felicidade. Por outro lado, sua mãe não reagiu muito bem. “Ela nunca gostou da ideia de eu ser gay. Ela é daquelas que acha que o certo é homem casar com mulher. Quando soube que eu era gay me expulsou de casa”.

O durante

O relacionamento meteórico mudou toda a vida de Carlos, porém, em meio a toda a euforia provocada pela paixão, alguns comportamentos do novo parceiro já sinalizavam problemas. Uma das características de Júlio que, de imediato, não

agradou foram os vícios. Fumante e alcoólatra, ele praticamente trabalhava para manter os vícios. E, apesar de não gostar nem de cigarro nem de álcool, Carlos aceitou os hábitos do noivo porque “o lado bom dele superava o ruim”.

A rotina do casal durante a semana era tranquila, Júlio passava o dia fora cuidando do avô doente, serviço pelo qual recebia ajuda de custo e de alimentação da família. Já Carlos passava a maior parte do dia em casa, dedicando-se aos afazeres domésticos. Os finais de semanas costumavam ser mais movimentados, Júlio tinha o hábito de comprar bebidas e receber amigos em casa, enquanto Carlos trabalhava fora como garçom em eventos, como aniversários, casamentos e formaturas.

As contas da casa eram divididas meio a meio e, mesmo sem trabalho fixo, Carlos fazia questão de honrar seus compromissos. As frequentes visitas de amigos e a farra regada a álcool e nicotina logo causaram os primeiros conflitos entre eles. Júlio não consultava o noivo, não perguntava se ele teria alguma objeção e simplesmente trazia os amigos. “Em todo final semana e em toda folga dele tinha festa em casa. Ele gastava muito com bebida e, quando ele começou a cobrar de mim o dinheiro que ele poderia simplesmente economizar, eu fiquei chateado”.

Depois de três meses de relacionamento, Carlos seguia desempregado e fazendo bicos aos finais de semana. Pagando as contas e cobrindo os excessos de Júlio, ainda não conseguia dinheiro para comprar um celular e dividia com o noivo o mesmo aparelho. Certa vez, ele pegou o celular e percebeu notificações de aplicativos de encontros e pegação gay. Carlos sentiu o coração disparar e foi adiante, abriu os aplicativos e cada uma das conversas recentes que o noivo teve com outros homens. Na frente do companheiro, Júlio se desculpou e tornou a desinstalar todos os aplicativos. “A justificativa dele era que estava carente. Mas eu dava carinho e era atencioso. Quando tinha problemas com a família por causa de preconceito, eu conversava com ele e consolava. Como podia se sentir carente?”.

Os problemas citados por Carlos aconteceram quando a avó de Júlio teceu comentários homofóbicos e racistas. No início da relação, os dois frequentavam a casa da família de Júlio, mas havia um clima de hostilidade em relação a Carlos e as coisas chegaram ao extremo quando ele foi chamado de “preto e veado” pela avó do

namorado. A partir daí, Carlos parou de fazer visitas e o contato com a família do companheiro foi reduzido a quase nada.

O caso dos aplicativos foi perdoado e esquecido. Já as farras continuaram na casa em todos os finais de semana. Em uma dessas ocasiões, depois de muitas latas de cervejas, Júlio se desentendeu com uma de suas amigas e iniciou uma discussão. Durante o embate, a moça revelou para Carlos que os serviços de água e energia da casa eram frutos de ligações clandestinas.

“Foi aí que eu descobri que, muito antes de eu entrar, as contas estavam muito atrasadas e a água e luz já tinham sido cortadas. Mas eu pagava todo mês, ele me dizia o valor eu pagava minha metade. Só que era tudo gato”. Aquela era mais uma decepção para ele que só agora começava a conhecer de verdade seu parceiro. Ao observar a relação dele com os amigos, Carlos notou padrões de comportamento estranhos. “Ele era o tipo de pessoa que te ajuda, mas, quando ele se irrita, usa aquilo contra você. Ele fazia isso comigo o tempo todo! E, quando bebia demais, fazia com todos os amigos, inclusive os mais próximos”.

Apesar dos excessos de Júlio, o relacionamento seguia entre um desentendimento e outro. Um novo motivo para brigas surgiu quando Júlio passou a proibir a presença do irmão de Carlos na casa dos dois. Mesmo sem entender, ele acatou a determinação do namorado e passou a não receber a família dentro de casa. “Ele ameaçou me colocar para fora, caso chegasse e visse meus irmãos lá. Eu estava apaixonado e acabei aceitando. Uma vez, meus irmãos chegaram em casa e fiquei com medo de abrir o portão para eles e não entramos”.

Neste dia, ao chegar em casa, Júlio viu o namorado e os cunhados na calçada e entrou. Minutos depois, enviou mensagem para Carlos entrar, porque tinha coisas de casa para fazer. “Quando eu entrei perguntei se ele estava satisfeito por eu estar lá dentro e ele não me disse mais nada”.

Mas essa não foi a única proibição imposta. No quinto mês de namoro, os eventos faziam Carlos trabalhar fora de casa à noite aos finais de semana e, quando ele contou que foi paquerado por um homem em uma dessas festas, Júlio foi tomado pelo ciúme. “Eu sempre fui fiel e muito sincero. Eu comentava as coisas que aconteciam no trabalho e eu contei que esse cara deu em cima de mim e eu dei um

fora nele”. O comentário gerou uma crise e Júlio disse que Carlos não deveria mais trabalhar. “Na semana seguinte, eu não fui para um evento justamente para não contrariar. Mas depois voltei a trabalhar normalmente”.

Ao ceder a tais pressões, Carlos foi mudando sua rotina e o contato com os amigos e familiares diminuía gradativamente. “Meus irmãos e meus amigos me diziam que eu tinha me transformado em outra pessoa. Diziam que nunca imaginaram que eu fosse receber ordens de outra pessoa daquela forma”. Mas Carlos recorda que o pior acontecia entre quatro paredes, aos poucos, todos os dias. “Ele me tratava muito mal e gritava comigo. Dizia que eu era um vagabundo, acomodado e que não gostava de trabalhar. Mas na frente dos outros, era carinhoso e cheio de amor”. As constantes ofensas faziam Carlos se sentir diminuído e com o tempo passou a acreditar que realmente era um ‘acomodado’. “Remoía aquilo, achava que era tudo verdade, que ninguém mais gostava de mim. Sentia medo e, então, continuava com ele”.

Com restrições para ver amigos e parentes, Carlos passou a aproveitar o tempo em que Júlio estava no trabalho para visitá-los durante o dia, não sem antes fazer todos os afazeres domésticos. Foi assim que passou um dia agradável com uma amiga que morava por perto, ela passou o dia insistindo para que ele bebesse alguma coisa para relaxar, mas ele se recusava. Sem beber nada, Carlos se apressou em voltar para casa antes do namorado, que chegou com caixas de bebidas a tiracolo. “Eu perguntei por que, ao invés de pagar as contas, ele preferia comprar mais bebida e fazer novas dívidas. Ele jogou na minha cara que o dinheiro era dele e que fazia o que quisesse”. Sem interesse em mais uma discussão, Carlos decidiu voltar para a casa da amiga e levou consigo uma garrafa de Vodca, presente de Júlio.

Em frente à casa da amiga, Carlos se preparava para entrar quando seu namorado apareceu, bateu o portão e lhe tirou a vodca da mão.

“Quem te deu foi eu”, gritou Júlio antes de quebrar a garrafa no asfalto. Carlos ignorou as ordens dele e passou boa parte da noite com a amiga. Quando voltou para casa, manteve o silêncio e começou a arrumar as malas. “Eu avisei que estava voltando para a casa do meu pai e ele começou a chorar, me pediu mil perdões e disse que mudaria. Eu acabei ficando e nos reconciliamos”.

Três semanas depois, Júlio chegou em casa com passagens compradas para uma viagem para Alagoas. A surpresa foi bem-vinda, mas Carlos se mantinha receoso quanto às verdadeiras intenções do companheiro e temia que, mais cedo ou mais tarde, fosse cobrado por aquele mimo. O final de semana na praia foi romântico e agradável, quase como uma lua de mel. No entanto, a volta para Aracaju já mostrou indícios de novos problemas.

“No ônibus, eu queria que ele sentasse ao meu lado, mas ele preferiu ficar com amigos. Voltei sozinho na poltrona, eu dormi e nem sei o que ele pode ter feito na estrada”. Em casa, Carlos não escondeu sua frustração por ter sido deixado sozinho pelo namorado e isso causou mais uma briga. “Ele me disse que sentava onde quisesse, porque pagou a viagem. E ainda falou que não valia a pena me dar nada porque eu era um ingrato. Eu fiquei com muita raiva dele”.

Apesar dos problemas constantes, o casal ainda fazia planos para o futuro. No oitavo mês de relacionamento, numa rara fase de paz e romance, Júlio propôs casamento a Carlos, com direito a cerimônia e a papelada no civil. Além disso, surgiu a ideia de abrir um negócio em conjunto, transformar parte do terreno da casa em uma lanchonete. E o casal começou a trabalhar no novo projeto de vida. O primeiro passo foi dado, reuniram amigos em um jantar quando o noivado foi oficializado e os padrinhos escolhidos. A ideia era conseguir ajuda desses amigos para levar a adiante o projeto da lanchonete.

Cada padrinho concordou em colaborar com uma quantia para a construção do empreendimento. No entanto, de uma hora para outra, Júlio mudou de ideia e decidiu investir o dinheiro em uma cerimônia de casamento. Mesmo não concordando com isso, Carlos aceitou e decidiu usar o dinheiro de seus freelancers para começar a obra aos poucos. Com pouco mais de um salário mínimo em mãos, comprou material de construção e, com suas próprias mãos, começou a construir o que deveria ser a base da lanchonete.

“Os planos foram mudando e, a cada sugestão que eu dava, ele me criticava. Mas quando eu chegava já com o dinheiro como fiz com a obra, ele não dizia nada”. A cerimônia foi marcada para meados de novembro de 2015 e a discussão de praticamente cada detalhe ocasionou brigas. Precisando de mais mãos para ajudar nos preparativos, Carlos pediu ajuda aos irmãos que foram à casa do casal fazer as

comidas que serviriam na festa, aproveitando sua experiência em buffets para fazer doces e salgados. Desta vez, Júlio não se indispôs com a presença dos cunhados e também se envolveu na produção.

Com o crescimento do evento, precisaram alugar uma casa de praia para receber os convidados e celebrar. Carlos se dividia entre as tarefas da construção da lanchonete e da cozinha. Júlio trabalhava fora e, com o passar das semanas, foi diminuindo o ritmo de sua colaboração com os pequenos detalhes da festa, mas se comprometeu com a decoração do espaço. Todos os detalhes passavam por Carlos que se empenhava em fazer daquela, a realização de um sonho antigo. “Sempre sonhei em me casar, fazer uma cerimônia bonita e constituir uma família. Nós dois decoramos juntos, ficou tudo lindo, do jeitinho que tínhamos planejado”.

Em meio a tantas tarefas, os dias praticamente voaram e, na sexta-feira que antecedia a grande noite, Carlos ainda tinha muito que preparar na cozinha. Sua tarefa naquele dia era preparar os bem-casados e se dedicava para concluir ainda naquela madrugada. Júlio passou o dia trabalhando e, mais tarde que o normal, chegou acompanhado por dois homens a quem chamava de amigos, mas que Carlos nunca tinha visto. Júlio avisou que os dois dormiriam na casa com eles e a informação deixou seu companheiro alterado.

“Não quero eles aqui, ninguém vai dormir com a gente!”, esbravejou Carlos saindo da cozinha.

Diversos aspectos o perturbaram de imediato. O primeiro eram as dimensões da casa, que tinha somente um quarto, suficiente para apenas duas pessoas, não quatro. O segundo era a possibilidade de aquela ser uma tentativa de Júlio fazer uma “despedida de solteiro” entre os quatro. Ainda que seu noivo garantisse que eram só amigos e que só estavam ali para ajudar, Carlos não aceitou.

Mesmo com a negativa, Júlio manteve os amigos na casa durante a noite e toda a madrugada, conversando e bebendo, enquanto Carlos trabalhava na cozinha, ouvindo murmúrios a respeito dele. Quando perdeu a paciência, Carlos perguntou se não era melhor terminar de uma vez. “Ele disse que era a melhor coisa a se fazer, já que todo o dinheiro gasto era dele, mas isso não era verdade”. Além da presença

desagradável, os dois amigos de Júlio resolveram tomar partido na discussão e acusaram Carlos de ingrato e essa foi a gota d'água para aquela noite.

No final da manhã do sábado, Carlos dormia sozinho na cama de casal após horas seguidas em frente ao fogão. Foi acordado com um beijo de Júlio e um pedido de desculpas pelo comportamento durante a noite. “Mais uma vez, nos quarenta e cinco minutos do segundo tempo, eu acreditei nele e deixei rolar”. Revigorado depois da reconciliação, os dois se encarregaram de ajustar os últimos detalhes para a cerimônia e, para Carlos, era importante que tudo saísse como o planejado.

A festa tinha temática praieira, havia flores coloridas em arranjos e ramos nas colunas e paredes no jardim da casa, onde tecidos finos eram embalados pelo ritmo do vento. No jardim, um tapete de folhas secas seguia até a piscina, onde pétalas de rosas cercavam uma espécie de altar onde o casal trocava as alianças, na presença de amigos e familiares. Estava tudo em seu devido lugar para a alegria de Carlos.

Mas nem tudo foi perfeito. O cerimonial do evento ficou nas mãos de uma amiga de Júlio, ela tinha confirmado presença ao dizer que fazia questão de participar do momento mais importante da vida do amigo. No entanto, ela simplesmente não apareceu, não deu notícias e a noite foi salva por uma das convidadas de Carlos que improvisou um texto para celebrar o amor e união do casal.

Aquela foi uma noite de alegria e, acima de tudo, de aparências. Diante de amigos e familiares, a maioria de Carlos, Júlio se comportava como se não houvesse nada de errado na relação. Ao olhar em volta, percebia que ninguém de sua família quis participar e poucos amigos vieram. Após a troca de alianças, a celebração seguiu animada. Carlos planejou tudo para que tivessem dois dias seguidos de festa, com bebida e comida fartas. Durante a madrugada e a manhã do domingo, aproveitou para descansar após tantas semanas de trabalho. Em sua casa, tirou um longo cochilo antes de voltar à casa de praia, onde um grande churrasco aconteceria.

No princípio da tarde, Carlos voltou para o churrasco, onde encontrou o marido aos prantos. Cercado por latas de cerveja, Júlio chorava a ausência da família. Dizia que ninguém o amava, ninguém queria sua felicidade, inclusive seu companheiro. Coube a Carlos a tarefa de consolá-lo. Não foi tão difícil e, pouco depois, já tinha superado o momento deprimido. Mas suas emoções ainda estavam à flor da pele.

Uma convidada de Carlos decidiu aproveitar a piscina, tirou a roupa e ficou somente de biquíni. Enquanto ela dançava, uma prima de Júlio se aproximou e começou a acusar a moça de tentar seduzir seu marido. “Quando eu voltei para a festa, Júlio e a prima estavam discutindo com minha amiga, dizendo que ela era uma prostituta e que deveria respeitar os homens casados do local”. O problema ficou sério quando a moça ouviu e foi tirar satisfação. Júlio levantou a voz para ela e a chamou de vagabunda. Como resposta, ouviu que era bipolar.

Ao ouvir isso, Júlio ficou fora de si e a agrediu com tapas e puxões de cabelo. Outras pessoas se envolveram na confusão, a princípio na tentativa de separá-los, depois brigando entre si. Ao ver a confusão ficar fora de controle, a única reação que Carlos foi capaz de esboçar foi rir. Um riso incrédulo, acompanhado de lágrimas. Ao ver o riso do marido, a fúria de Júlio se voltou para ele.

“Era para ser um dia de alegria e você estragou tudo, Júlio!”, exclamou Carlos, com o riso transformado em prantos.

A gritaria silenciou por alguns instantes e todos voltaram o olhar para Carlos. Ele saiu da casa e sentou na sarjeta, ignorando os olhares de seus próprios convidados e dos vizinhos curiosos com o berreiro. A confusão foi retomada, Júlio arrastava a moça para fora da casa, ajudado pela prima e alguns amigos. Sentado com a cabeça apoiada sobre os joelhos e abraçado às próprias pernas, Carlos chorava e parecia não ouvir nada. Quando a confusão terminou, Júlio colocou a culpa no marido por ter convidado a tal moça.

“Aquele foi o pior dia da minha vida. Eu fiquei ali sentado um tempão, foi quando minha amiga sentou do meu lado e disse que estava decepcionada comigo. Quando perguntei o porquê, ela disse que eu estava com uma pessoa que não me merecia”. Carlos entrou em desespero e ficou abraçado com ela por algum tempo. Quando finalmente conseguiu se acalmar, levantou decidido a fazer alguma coisa e foi para a casa encontrar o marido.

“Você tem que pagar o dinheiro da conta de luz”, foi a primeira coisa dita por Júlio.

“Se você parar de gastar com bebida e cigarro dá para pagar todas as contas sozinho”, rebateu Carlos e, interrompendo os primeiros gritos do companheiro, disparou: “Eu vou arrumar as minhas coisas e ir embora”.

Silêncio.

Carlos pegou a mesma mala em que trouxe suas coisas 10 meses antes, colocou suas roupas nela e cumpriu com o prometido. Voltou para a casa do pai, onde foi bem recebido. Mas ele não cortou totalmente o contato com Júlio. Os dois criavam dois cachorros que ficaram na casa e, quando Júlio estava fora, Carlos aceitou ir cuidar deles. Durante a primeira semana, Júlio sempre chegava antes do horário para encontrar o agora ex-marido na casa e pedir uma reconciliação. Carlos chegou a ficar balançado, teve uma recaída e ficou com ele, mas se apegou à má lembrança da festa e recuou.

Entretanto, Júlio ainda não acreditava que aquele tinha um sido um final definitivo e continuou insistindo. Repetia que a confusão um dia após a celebração do casamento foi só um mal-entendido, algo que não deveria ter acontecido. “Mesmo assim, ele insistia que a culpa era minha. Que eu deveria mudar e deixar de sair com minhas amigadas. Como se a responsabilidade fosse só minha”. Passando mais tempo longe dele, Carlos conseguiu pensar e analisar coisas que antes não percebia. Foi quando sentiu que precisava se libertar totalmente.

“Ele falava que eu tinha que mudar, mas ele não mudava nada do jeito dele. Os vícios só aumentavam e as brigas sempre aconteciam por causa dele. Mas eu realmente acreditava que era por minha culpa”. Júlio insistiu por dois meses na tentativa de uma nova conversa e Carlos aceitou, com a condição de que fosse tarde da noite, quando mais ninguém estivesse na rua. Ele não queria passar pelo constrangimento de ser visto voltar, mais uma vez, para o ex. Anoteceu e Carlos seguiu para sua antiga residência decidido a recolher seus últimos pertences e virar, de uma vez por todas, essa página de sua vida. Júlio tentou beijá-lo e convencê-lo a ficar sob promessas de mudanças e amor eterno.

De joelhos, Júlio implorou por uma nova chance.

Carlos seguia irredutível.

“Se você for embora, eu vou pegar o celular que te dei de volta”, ameaçou Júlio, jogando sua última carta.

“Só se for agora!”, exclamou Carlos. Ele sacou o celular do bolso e jogou na cama. No aparelho, estavam as únicas fotos da cerimônia, jamais recuperadas.

Júlio assistiu Carlos ir embora em choque. Aquele foi o último adeus e o último contato entre os dois. Carlos saiu às duas da manhã, somente com o céu estrelado como testemunha daquele momento.

O depois

“Só depois eu descobri várias traições, mas não fazia diferença. Uma parte de mim ficou triste, porque eu gostava dele de verdade. Mas outra ficou aliviada e feliz pela libertação”. Após o rompimento, Carlos finalmente tornou a se sentir livre e sua primeira decisão foi mudar o visual. Antes daquele relacionamento, o seu cabelo encaracolado era alisado, mas Júlio dizia que era feio e que preferia natural. Mesmo sem gostar da ideia, Carlos raspou a cabeça e deixou os fios crescerem naturalmente, apenas para agradar o parceiro. Agora, solteiro, tornou a alisar e manter o cabelo conforme sua vontade.

Nem todos os dias que se seguiram foram fáceis e felizes, mas sua família esteve presente em cada um desses momentos para ajudá-lo a se reerguer. “A energia da minha família que não deixou eu me entregar à tristeza. Eu percebi que estaria tudo bem se eu estivesse com eles, não precisava de mais ninguém”. Outra mudança sentida por ele foi o fim das crises de sinusites, que antes eram constantes graças ao cigarro do ex.

Disposto a viver experiências que antes nem cogitaria, Carlos foi para um bloquinho de carnaval em Aracaju com amigos e voltou a sair e se divertir com os irmãos. Pouco depois, conseguiu um emprego fixo como vendedor e as coisas foram se ajustando em sua rotina e em sua mente. “Ele me dizia tanto que eu era incapaz e acomodado que eu acreditava e não tinha forças nem mesmo para tentar”.

Carlos precisou provar para si mesmo que conseguiria seguir a vida e se tornar independente. O maior desafio foi deixar para trás a sensação de fraqueza e culpa ao

lembrar das agressões verbais diárias que sofreu. Lutou contra as dificuldades e superou cada uma delas aos poucos.

Viver todas as emoções de formas tão intensas o fez lembrar de uma fase anterior de sua vida. Poucos antes daquilo tudo, ele tinha concluído o ensino médio e precisava trabalhar para ajudar com as contas em casa. Na época, viu uma nova oportunidade de trabalho surgir quando sua mãe, trabalhando como merendeira em um colégio público, soube que alguns alunos vinham tendo dificuldades nos estudos. Era uma escola municipal de ensino fundamental de um bairro carente da capital sergipana e vários alunos estavam com notas muito baixas e precisavam de um bom reforço para evitar a reprovação.

“Os meninos iam para casa estudar e, uma vez, perguntei quais os sonhos deles. Me disseram que queriam ser bandidos, porque, segundo eles, bandido não precisa trabalhar, ganha muito dinheiro e têm todas as mulheres. Ouvir aquilo doía em mim, pois eu lembrava do meu irmão pequeno que nunca pensou desse jeito. Ele queria estudar, se formar, trabalhar, ter uma casa, carro e família. Por que aquelas crianças não pensavam assim também? Que tipo de infância elas estavam vivendo?”

Em 2016, Carlos esteve às voltas com aquela lembrança. Sentia que precisava fazer alguma coisa para mudar a vida das crianças de seu bairro. Sua inquietação resultou em uma ideia. Quando o Dia das Crianças passou e ele não viu muita alegria nos rostos dos pequenos moradores do bairro, decidiu oferecer um dia especial para eles.

“Eu arrecadei brinquedos, roupas e comidas e, no domingo seguinte ao dia 12 de outubro, reuni todas as crianças num colégio e entreguei os presentes”. Alguns amigos ajudaram, mas a grande maioria dos presentes foi comprada com o dinheiro de Carlos que não mediu esforços para fazer sua ideia dar certo. E deu.

Cerca de 70 crianças compareceram e fizeram uma verdadeira festa com o “tio Carlos”. O sorriso e o olhar delas o emocionaram. Hoje, ele descreve o momento como “uma reconexão com Deus”. Carlos não pediu nem aceitou presentes usados, todos eram novos, tanto as roupas quanto os brinquedos, e havia um motivo. “Quando você dá uma coisa usada para uma criança, ela sabe. Ter a oportunidade de ter uma coisa novinha só para você é outra coisa. Dava para ver a emoção deles, o cuidado em

pegar e abrir os pacotes. Imagina esse cuidado com os brinquedos transformado no cuidado com a vida deles, com estudos, com a família... Eles se sentem especiais, dá para ver no olhar e isso é muito gratificante”.

O que Carlos chamou de reconexão com Deus também foi uma reconexão consigo mesmo e suas raízes. Seu jeito alegre de ser voltou, seus amigos logo notaram, e, por fim, conseguiu se perdoar e deixar a culpa e as mágoas para trás. Apesar da dor que sentiu, seu coração não endureceu e, por isso, foi capaz de se reerguer. Ele conta que outras pessoas vieram, novos amores, alguns mais complicados e outros mais tranquilos.

“Aprendi as lições que precisava e procurei não cometer os mesmos erros com outras pessoas. Quando me envolvi com um novo cara complicado, eu não deixei me levar e parti para a próxima”. Hoje, Carlos tem um namorado, trabalha e mora sozinho. Ele mantém o sonho de casar numa bela cerimônia e ter filhos, mas garante não ter pressa. “Antes de tudo, é preciso conhecer a pessoa com quem se pretende dividir a vida. Não se deixar levar por palavras bonitas. Não se iludir, porque o que vale mesmo são as atitudes”.

“Meu pai me criou para ser uma selvagem, para não aceitar bronca de qualquer um”

Dona de uma gargalhada envolvente, Ana sempre teve muita história para contar. Quando tinha 21 anos era conhecida por ser sempre a mais alegre, hiperativa, bem-humorada, comunicativa e decidida de sua família e de seu grupo de amigos. Ela nunca foi magra, mas o peso nunca foi problema, muito pelo contrário. Não escondia seu corpo e estava sempre exuberante. Sua mãe costuma dizer até hoje que Ana é a energia em pessoa, o tipo de gente que, mesmo calada e parada, consegue chamar toda atenção para si.

Foram muitos os pretendentes durante a adolescência, mas ela nunca levou nenhum deles a sério e preferia estar sozinha a estar com alguém que não valesse a pena. Cercada pelos amigos e pela família, a alegria sempre foi a sua principal marca, mas ela não podia imaginar que as coisas pudessem mudar.

Seu primeiro relacionamento sério veio no início da vida adulta, quando conheceu e se apaixonou por Renato, ambos tinham 21 anos. Os primeiros passos dessa relação se deram na internet, no extinto programa de chat “miRC”, famoso no início dos anos 2000. Mas não foi tão simples como pode parecer. Ana ri ao dizer que as coisas começaram um pouco confusas entre os dois. “Primeiro, eu conheci o irmão dele”, relembra, aos risos e continua: “Chegamos a trocar fotos, mas depois ele disse que tinha namorada. Quando questionei, ele disse que queria fazer amizade e a coisa morreu por aí. Tempos depois, apareceu o irmão dele, o Renato. Fomos conversando, saímos algumas vezes e começamos a namorar. Foi uma coisa muito leve, não foi nada errado, nada forçado”.

Ao contrário da namorada, Renato era um rapaz introspectivo, de poucos amigos e caseiro. Até mesmo a relação com os amigos era diferente: Ana considerava os seus como parte da família, enquanto ele mantinha os seus a uma distância maior e julgava os da namorada muito invasivos. Apesar das diferenças, a paixão falou mais alto e construíram uma relação promissora que, depois de algum tempo, tornou-se um noivado.

O durante

Recluso, Renato recusava todos os convites para sair com o grupo de amigos de Ana e preferia sair sozinho com ela, visitar algum amigo ou mesmo ficar em casa. Seu modo reservado e a constante ausência nos eventos frequentados por ela começaram a causar certo desconforto. Apesar de não implicar se ela saísse sozinha, não estar presente nos eventos sociais, noite após noite, despertou insegurança na jovem, que se esforçava para inventar justificativas toda vez que alguém perguntava pelo noivo. “Eu saía sozinha de boas, mas quando a autoestima começou a balançar, eu fui sucumbindo aos comentários do tipo: ‘cadê seu noivo?’. Uma vez ouvi que o meu noivo era virtual”.

Ouvir esse tipo de coisa era frustrante, mas Ana estava convencida de que aquela era a maneira de ser do noivo e não poderia fazer nada em relação a isso. Com o passar dos meses, ele também parou de frequentar as reuniões familiares. E, quando o nome de Renato surgia na mesa durante almoços e jantares, Ana inventava mais desculpas. Graças ao comportamento recluso, ele ganhou o apelido de “pacato”, dado pelos amigos de Ana.

Mas quando a ausência se transformou em indiferença, Ana se sentiu sozinha na relação e decidiu terminar. Ao ver a possibilidade de perder a noiva, Renato voltou atrás e, com declarações e promessas, conseguiu ‘salvar’ a relação e se reconciliaram. Mas isso não resolveu o problema e, com o passar dos meses, tudo se repetia: ela tentava terminar, ele prometia mudar e seguiam juntos.

Ana recorda que, naquele momento, sua autoestima estava sob ataque silencioso e isso a fez cair em certas armadilhas. “Quando a gente não sabe o que quer e o que a gente gosta, acaba aceitando muita merda. Nunca ouvi uma proibição sequer, porque as coisas vinham em forma de comentários sutis e negativos que iam me atingindo aos poucos e fui sucumbido a isso”.

O noivado seguiu nesse ritmo. Os problemas se agravavam e, em seguida, atenuavam-se. Em meados do quinto ano do relacionamento, em 2005, o casamento já tinha a data marcada, a igreja devidamente agendada e boa parte dos preparativos já estavam finalizados. A data foi uma decisão dos dois para coincidir com o sexto

aniversário de namoro. E foi justamente em meio aos preparativos que Ana descobriu a primeira traição.

“Eu estava na casa dele jogando no computador, quando a sementinha do mal veio na cabeça dizendo: ‘abra o e-mail dele’. Minha intuição sempre foi muito forte, eu nem consegui controlar. Quando dei por mim, já estava olhando e encontrei um e-mail dele para uma mulher”. Na mensagem, Renato dizia que tinha visto a moça com outro num supermercado e perguntava as razões do afastamento dela. “Quando eu fui tirar satisfação, ele disse que era só uma amiga. Mas eu não caí naquela conversa, porque sempre tive mais amigos homens e nunca tive esse tipo de declaração”.

O final de 2005 foi mesmo uma avalanche para o noivado, as brigas se tornaram rotineiras e, em uma das mais exaltadas, Renato levantou mão contra Ana e ameaçou batê-la. Ao ver a mão do noivo no alto, disse com o dedo em riste: “Se for me bater, bata para me matar, porque se eu levantar daqui você é um homem morto”. Aquele gesto a deixou indignada e representou o início do fim do relacionamento. “Tapa é uma coisa que eu não admito de jeito nenhum, nem no sexo, nem brincando. Não gosto e não admito!”.

Naquela época, Ana estava empenhada em ser aprovada em um concurso público federal, para o qual se dedicava há meses. No início da madrugada do domingo da prova, ela recebeu um telefonema desesperado de sua sogra pedindo ajuda. Renato tinha ido a uma festa, bebido e voltado fora de si. Passava de uma da manhã e Ana era a última esperança da família para conter o rapaz. “Quando cheguei lá, parecia cenário de guerra. Tinha um rastro de sangue que ia da porta até o quintal. Ele tinha cortado o pé com vidro e precisava ir ao hospital dar um ponto para fechar. E eu tive que ir”.

O drama levou boa parte da madrugada e, na manhã seguinte, Ana teve mais uma dificuldade na prova do tão esperado concurso: o cansaço. “Eu consegui ficar na lista de excedentes, mas nunca fui chamada. Algumas semanas depois, fui matar a curiosidade e refiz a prova em casa, com mais calma, e vi que dava para ter sido aprovada se não tivesse passado por aquilo. Foi o que me deu mais raiva”.

A culpa e a vergonha fizeram Renato se retrair por alguns dias, só na quarta-feira seguinte marcou um encontro para conversar com Ana. Ela aceitou de imediato

e sabia exatamente o que dizer. Quando ele chegou cabisbaixo e falando manso, Ana inquiriu:

“Quando estivermos casados e você tiver uma raiva desse tipo, você vai quebrar a casa em cima de mim?”

“Você está louca”, minimizou Renato.

A verdadeira preocupação de Ana era o fato do noivo ter sido aprovado no concurso da polícia e estar próximo de ser chamado para iniciar o trabalho.

“Quando você estiver trabalhando e com uma arma em casa, você vai descarregar em mim quando ficasse fora de si outra vez?”.

Desta vez, ele não disse nada. A força daquele questionamento o deixou sem reação. A própria Ana sofreu o impacto daquela possibilidade. Pensar nisso colaborou com o ruir do noivado e, à medida que 2005 terminava, os dois se afastavam cada vez mais.

Em 31 de dezembro, Ana e seus amigos planejaram uma festa para celebrar a chegada do ano novo. Seria uma celebração grandiosa e Renato concordou em participar da confraternização. Ana imaginou que, tão perto do casamento, aquela poderia ser uma chance de consertar as coisas entre os dois.

No entanto, Renato não fez muito esforço para estar presente. Para começar, chegou atrasado e, à sua espera, o grupo quase perdeu a queima de fogos na Orla de Atalaia. Depois, ainda sob as explosões dos fogos que anunciavam a chegada de 2006, ele avisou que estava de saída. “Eu perguntei se ele me deixaria sozinha mais uma vez. Ele virou as costas e foi embora. Naquele momento, eu tirei a aliança e coloquei na bolsa. Eu e meus amigos voltamos para a casa e, às duas da manhã, ele disse que estava indo para lá, até hoje não foi”.

O primeiro de janeiro tinha começado com uma grande festa, mas Ana não estava bem. Toda aquela situação tinha ficado difícil de sustentar, sentia-se triste e as incertezas quanto ao futuro a assustavam. Pouco depois das quatro da manhã, o grupo decidiu ir à praia ver o primeiro amanhecer do ano.

“Eu sentei na areia, fechei os olhos e comecei a rezar. Eu pedia a Deus que me ajudasse. Eu não queria um sinal ou alguma coisa para refletir, eu queria uma resposta

clara sobre terminar ou não. Quando eu abri os olhos, a água já estava na cintura”. Ana ficou uma hora em transe enquanto a maré subia. Suas amigas tentaram trazê-la de volta, mas ela parecia não estar lá.

Assim que terminou a meditação, foi para a casa de Renato e, sem pensar duas vezes, terminou o noivado. Renato não aceitou bem o término e recorreu à família dela. “Ele fez meu pai, minha mãe e até minha avó chorar. Recorreu a toda minha família e aos amigos deles que tinham alguma proximidade comigo. Mas não teve jeito. Fui trouxa muito tempo, mas quando decidi, nada me fez voltar atrás”.

O depois

O afastamento foi definitivo e, com o tempo, pessoas próximas foram até Ana para falar sobre outros casos de traição. Àquela altura, não fazia diferença para ela saber, ou não, o que Renato tinha feito e focou em seguir sua vida. De volta à vida de solteira, decidiu curtir o momento. “Eu caí na esbórnia. Parecia que chovia boys e todos queriam namorar e casar, mas eu não queria mais namorar. Todo dia tinha um evento, uma exposição, um lançamento de livro, festinhas na casa de amigos para ir. Meu final de semana começava na terça e terminava na segunda”.

Essa fase durou cerca de dois anos, foi um período intenso, mas as coisas começaram a mudar. “Eu não tratei as feridas que tinha que tratar, nem aprendi as lições que precisava. Eu passei batido”. O luto pelo fim da relação demorou, mas chegou e, quando isso aconteceu, Ana passou a avaliar suas escolhas recentes. “Eu ficava com caras que não valiam à pena e percebi que precisava mudar. Passei a ficar mais em casa, sozinha, fazia maratona de filmes e séries e programas mais tranquilos com meus amigos”.

Um novo relacionamento

Seis anos se passaram desde o término com Renato e Ana estava bem, entretanto, as pressões começaram a surgir, tanto que seu pai questionou quando teria um novo relacionamento. “Se o meu próprio pai estava me cobrando isso, quer

dizer que a coisa estava preocupante”. Esse tipo de comentário preparou o terreno para a chegada de uma nova fase em sua vida e, por consequência, um novo relacionamento. “Comecei a pensar que precisava de alguém. E essas coisas só acontecem quando estamos com a guarda baixa. Se eu estivesse bem como estou hoje, ele jamais teria entrado na minha vida”.

Uma das maiores paixões da vida de Ana sempre foi o ciclismo e ela era participante ativa de diversas atividades em grupo. Em 2012, foi a organizadora de um pedal, um passeio ciclístico realizado em grupo, que contou com a participação de dezenas de pessoas e, uma delas, era Douglas, um jovem de 21 anos. Quando se conheceram, iniciaram uma paquera, mas nada promissor. Pouco depois, Ana o viu aos beijos com uma das participantes do pedal, pensou ter se enganado quanto às intenções do rapaz, não deu muita importância para o fato e seguiu tranquila. Foi quando ele se aproximou.

Douglas a procurou para pedir conselhos sobre seu envolvimento com a tal colega de *bike* e seu grande dilema eram as diferenças religiosas. “Ele era de origem evangélica, já a moça era atea. Eu fui bem direta e disse que ninguém muda por ninguém. Se ela quisesse acreditar em Deus seria por ela, não por ele. Que se ele aguentasse o fato de ela não crer em Deus, se jogasse”. Aparentemente, as diferenças falaram mais alto e Douglas desistiu da pretendente.

“No dia seguinte, ele me disse que não queria mais a menina, me chamou para sair e eu fui”. O que o afastou da primeira moça foi justamente o que o aproximou de Ana. “Ele sabia que eu vinha de uma criação evangélica, começamos a sair, íamos ao culto da igreja que eu frequentava e, pouco depois, já estávamos namorando”.

Com seus 35 anos, Ana já havia morado sozinha, mas se dividia entre sua casa e a dos pais por causa de seu cachorro que precisava de espaço. Planejava há meses voltar a morar sozinha, mas desistiu da ideia quando iniciou o namoro com Douglas, pois ficou preocupada com “possíveis comentários”. Além da diferença de idade de 14 anos, ela também temia que o fato de morar sozinha causasse algum mal-estar entre os dois e suas famílias.

“Eu tinha medo de ficar sozinha, achava que precisava ter alguém e me preocupava em agradar a ele e a família dele. Até então, eram só as minhas próprias

cobranças internas”. Desde o começo, Douglas buscou alguém dentro de um padrão específico e Ana se dedicou a atender tais expectativas. As mudanças foram graduais, suas roupas foram mudando para um estilo mais sóbrio e recatado, seu modo de sentar e agir também mudou e os palavrões foram tirados do vocabulário. “Eu fui deixando de fazer essas coisas para caber naquela forminha dele, para ter um namorado novinho. Eram as minhas cobranças, as dele e as da família dele”.

No terceiro mês de namoro, no Natal, veio o primeiro evento familiar e Douglas levou sua namorada para conhecer sua família que morava na Bahia. Havia muita pressão em cada detalhe daquele encontro. “O drama maior era o fato de ele estar namorando uma mulher 15 anos mais velha, eles acharam que eu fosse uma mulher bem mais velha, agindo como se fosse novinha. Mas eu estava mais para uma Ivete Sangalo, uma mulher linda, maravilhosa e *fechosa*. Só que mais discreta, claro, com roupas comportadas, quase uma senhora evangélica tradicional. Eles tomaram um choque, nem sabiam como agir”.

No entanto, um dos parentes de Douglas assumiu para si a tarefa de provocar Ana. Seu nome era Raimundo, uma figura imponente que, aparentemente, detinha poder econômico e religioso, e exercia forte influência nas decisões da família. Cercada por um grupo evangélico composto totalmente por baianos, a sergipana ouviu calada comentários preconceituosos sobre Sergipe, coisas como estado ser o quintal da Bahia.

“Apesar de meu pai ser machista, ele me criou para ser livre, uma índia... Meu pai me criou para ser uma selvagem, para não aceitar bronca de qualquer um. Então quando Raimundo mandava as piadinhas, eu retrucava na mesma altura, mas me segurando para não mandar se foder. Eu tive que ativar o modo fina”.

Quando chegou a hora do amigo secreto, uma menina de cerca de 10 anos tirou o nome de Ana e, ao dar pistas sobre a amiga secreta, fez um discurso com as mesmas piadas usadas por Raimundo, menosprezando, em tom de brincadeira, os sergipanos. “Depois que ela falou aquilo tudo, eu a abracei bem forte, pois ela não tinha culpa. Ela só repetiu o que mandaram e todos ficaram constrangidos, com medo de eu descontar nela. Foi quando eu me virei para Raimundo e disse: ‘Coisa feia, usando uma criança de 10 anos para falar essas coisas, diga você mesmo’”. O clima ficou pesado, mas os outros parentes amenizaram fazendo brincadeiras com ele.

No dia seguinte, os comentários depreciativos continuaram quando Raimundo soube que Ana estava sem carro e seu meio de transporte era a bicicleta. Esse foi o novo motivo para implicância. “Estávamos todos num bar e ele começou a criticar os ciclistas com aquele discurso ‘carrocatra’, mas eu rebatia o tempo todo, já perdendo a paciência”.

Depois de alguns dias, Ana e Douglas voltaram para Aracaju e, ainda no caminho, conversaram sobre o comportamento ácido de Raimundo. “Ele disse que eu estava certa em não ficar calada, mas, dois dias depois de voltarmos, veio conversar comigo depois de ter ‘refletido’, me dizendo o contrário. Disse que eu não precisava ter sido grossa e que não era de bom tom uma mulher rebater um homem daquela maneira”. Imediatamente, Ana percebeu que aquele era o discurso vindo da família do rapaz e ficou incomodada com o fato de ele voltar atrás em seu posicionamento. “Eu achei um absurdo ter que baixar a cabeça para um otário, mas eu acabei cedendo para não criar problemas”.

Pouco a pouco, as atividades conjuntas foram tomando mais espaço na rotina do casal e o que, a princípio, era lazer acabou se tornando obrigação. O ciclismo sempre esteve na vida dos dois, porém, Ana praticava como um passeio prazeroso, enquanto ele mantinha um ritmo de atleta. E essa diferença causou desentendimentos. “Nos finais de semana, eu queria cuidar de mim, da casa, dormir... Mas tinha que acordar cinco horas da manhã para pedalar com ele, só que eu não conseguia acompanhar o ritmo dele. Daí começou a me cobrar performance e, quando eu não conseguia, ele fechava a cara e se frustrava. Eu me sentia mal, perdia o final de semana e desistia de fazer outras coisas”.

Douglas não gostava dos amigos da namorada e os programas dos dois raramente os envolviam. O afastamento causou estranheza entre seus amigos que questionaram a motivação de tantas mudanças que ela vinha promovendo. Eles não achavam certo vê-la mudando tanto por alguém, mas negava que ele fosse o motivo e culpava a idade e carreira. “Muitas coisas aconteciam e eu nem contava a eles por vergonha, porque como explicar que aquela Ana, mulher bem resolvida, estava sucumbindo a esse tipo de relacionamento”.

Até ali, ela não tinha parado para pensar sobre a falta de companhia de Douglas, ele frequentava diversos encontros e pedais, todavia não tinha amigos e não

estabelecia amizade duradoura com ninguém. Sem amigos, sua única companhia para pedalar era a da namorada. Só depois de muito tempo, ele fez seus primeiros amigos na cidade, quando se aproximou de um dos participantes dos pedais praticava *airsoft* – um esporte de ação que simula situações de combate – e Douglas decidiu entrar para o grupo. Ele era fascinado por tudo relacionado à armas, polícia e exército. Ana explica que ele cultivava uma visão errada do que é ser policial. “Na cabeça dele, era ser um justiceiro e não é bem assim. Eu tinha amigos militares e Douglas queria ir sempre visitá-los porque ele era obcecado por isso”. E foi praticando *airsoft*, que ele encontrou pessoas com os mesmos gostos e ideais. A partir daí, Ana notou alguns comportamentos que até então ele não costumava ter.

Ana tentou deixar essa atividade exclusiva para o namorado, como uma maneira de lhe dar espaço e ter mais tempo para si. Por outro lado, ele fez questão de ter a namorada ao seu lado e a levou para o time. Aquele era um ambiente essencialmente machista, mas isso não a incomodava. E foi cercado por essas pessoas que Douglas começou a fazer comentários preconceituosos. “Antes, com as pessoas do meu círculo social, ele não se sentia à vontade em mostrar seu lado machista, homofóbico, racista e mau caráter. No *airsoft*, ele me maltratava, me menosprezava e só me colocava para baixo na frente dos outros. Ele não mudou por causa das companhias, somente revelou quem realmente era”.

Durante as partidas, Ana ouvia comentários machistas dos competidores e não se deixava abater, respondendo e desconstruindo preconceitos. Tornou-se um ritual, toda vez que alguém tecia um comentário machista ou homofóbico, Ana reunia os jogadores e dizia que era a hora da pregação do feminismo. “Eu só usava bons argumentos e eles ficavam sem resposta porque machista não tem argumento. Eles resmungavam, mas, tempos depois, eu descobri que eles adoravam essas minhas pregações”. Quando isso acontecia, Douglas se divertia e apoiava a atitude da namorada, porém, dias depois, voltava atrás e dizia que ela não precisava fazer aquele tipo de coisa, pois constrangia a todos os presentes.

Com um próprio grupo de novos amigos, Ana não era mais a única companhia e prioridade do namorado. O namoro estava prestes a alcançar o primeiro ano quando o pai de Douglas resolveu morar em Aracaju. “O pai dele largou o emprego para vir morar aqui, depois que a família viu que o namoro estava durando. Porque eles

pensavam que o filho perderia o interesse na mulher mais velha e isso não aconteceu”. Antes, Douglas passava boa parte do tempo na casa de Ana, onde foi acolhido como um verdadeiro membro da família, mas isso mudou com a presença do pai na cidade, ele parou de ver os sogros quase não saía com Ana. “Só depois eu percebi que ele queria mesmo era uma família *step*, alguém para cuidar dele”.

Mesmo revelando essa necessidade por ter uma “família” próxima, Douglas sempre dizia detestar encontros familiares e se justificava lembrando experiências traumatizantes que a própria Ana pôde viver naquele Natal. A recusa por esse tipo de evento não se resumia à sua família, mas também a da namorada, ele não ia para reuniões familiares e ela acabava não indo também. “Minha sobrinha nasceu e eu não fui a nenhum dos três primeiros aniversários dela, porque Douglas não gostava de festas de família. Eu ficava muito mal, mas ele me convencia de que aquilo não era bom e eu entrava na dele, porque ele conseguia manipular as coisas ao ponto de eu realmente achar que ele estava certo e todos os outros errados”.

O distanciamento da sobrinha é um assunto que arranca lágrimas de Ana até hoje, pois sua família sempre foi sinônimo de união e, de repente, ela havia colocado todos os seus familiares em segundo plano, apenas para agradar a Douglas. “Meus sobrinhos me chamavam de chata. Eu chegava na casa do meu irmão e minha sobrinha não sabia nem quem eu era. Ela brincava com minha irmã, mas se recusava a brincar comigo”.

Isso lhe machucava muito, foi quando começou a perceber que alguma coisa estava muito errada, mas ainda não conseguia encarar a verdade. “Eu vivia em função dele, brigava com meus irmãos, com meus pais e me desentendia com meus amigos. Porque ele sempre semeava as discórdias de forma sorrateira, então uma sementinha aqui, gerava uma grande confusão mais à frente. Eu me afastei de todo mundo”.

Toda a rotina dela passou a ser moldada em relação ao que Douglas planejava ou improvisava, ela adiantava seus afazeres domésticos, os cuidados com o cachorro e com sua beleza e aguardava a confirmação dele para saber se fariam, ou não, algum programa. Douglas costumava pedir sugestões a ela de coisas para fazer, mas ele sempre descartava o que a namorada sugeria e acabavam fazendo algo da preferência dele.

E foi ficando cada vez mais difícil os dois se encontrarem. Quando ele ia praticar *airsoft* sozinho, não aparecia na casa dela depois, nem dava notícias. “Quando eu perguntava, ele dizia que estava cansado e precisava descansar”. Durante a semana, os horários apertados da rotina de trabalho de Ana impediam os dois de se encontrarem. “Nos finais de semana, ele não fazia questão de me ver. Era por isso que eu ia ao *airsoft*, para poder ver meu namorado”.

Ana sentia que estava chegando ao seu limite. Solitária e deprimida, sua vida se resumia a Douglas que, por sua vez, afastava-se gradativamente. Sentia-se cada vez mais perdida. Quando o casal finalmente estava junto, ele costumava tecer comentários negativos sobre o modo extrovertido dela, sugerindo que ela fosse uma pessoa mais discreta. “Num sábado à noite, saímos com os amigos dele. Eles costumavam me provocar com machismo para me ver discursar, mas, nesse dia, eu fiquei quieta e calada por toda a noite. Quando fomos embora, eu perguntei a Douglas se eu tinha me comportado do jeito que ele gostava. E ele me disse que eu tinha sido maravilhosa. Hoje eu rio disso, mas já chorei demais e senti muita culpa”.

Todo o esforço de Ana para mudar sua maneira de ser e agradar o namorado não adiantou muito. Chegaram a romper por algumas vezes, sempre por iniciativa dele. “Ele dizia que não dava para namorar comigo porque eu falava palavrões, era extrovertida demais... A culpa era sempre minha, por simplesmente ser quem eu era. Eu concordava, mas dois ou três dias depois ele voltava dizendo que me amava e eu o aceitava”.

A relação já não era a mesma e Ana foi percebendo mais mudanças no comportamento dele. Uma delas era o uso do celular. Antes, ele mexia no celular ao lado dela normalmente, mas, certa vez, recebeu uma mensagem de uma mulher e se contorceu para ler longe da vista da namorada. “Perguntei quem era e ele me disse que era uma amiga convidando para uma festa. Para tirar a prova, falei que deveríamos ir ao tal evento, já que não estávamos fazendo nada”. Ele desconversou e não foram a lugar nenhum.

Além desse tipo de problema, Ana ainda tinha que suportar os desaforos da família dele que agora morava perto. Com tudo o que vinha passando, sua paciência estava no limite e, se antes se continha para não falar palavrões na frente dos sogros, passou a usá-los sem economia, respondia às ofensas e questionava comentários

preconceituosos. “Eu tinha parado de falar palavrões por causa dele, mas comecei a soltar todos que estavam acumulados. Então, eles ouviram muitos caralhos, porras, vai se foder, vai se arrombar e muitos outros”.

Apesar dos problemas constantes, os dois seguiam juntos e apaixonados. Ana recorda que, em uma sexta-feira de feriadão, tiveram uma noite intensa de sexo e conversaram sobre os planos para o futuro. Aquilo a fez pensar que o amor ainda estava vivo, que havia um futuro para os dois. No dia seguinte, Douglas disse que iria à praia com o pai. Ana estava planejando ir também, mas considerou que seria bom dar um tempo para ele estar às sóz com o pai. “Mas ele insistiu que eu fosse e veio me buscar em casa. Lá na praia, os dois não falavam uma palavra e eu que ficava puxando assunto. Se ele queria ficar sozinho, por que diabos fez questão de me levar?!”.

O domingo chegou, o dia da já tradicional partida de *airsoft* do casal. Após a partida, enquanto Ana lanchava com os colegas, Douglas começou a transferir seus pertences do carro da namorada para o do pai. Ninguém entendeu o que se passava e ele permaneceu em silêncio todo o tempo. Por fim, quem se pronunciou foi o sogro que se aproximou dela e explicou que os dois almoçariam juntos e, mais tarde, Douglas a procuraria. “Ele entrou no carro, bateu a porta e não falou comigo. O primo, que estava dirigindo, arrancou e saiu cantando pneu. O pai dele que veio me dar alguma satisfação. Ninguém na mesa entendeu, todo mundo ficou constrangido e eu fiquei sem reação, enquanto ele saía daquela forma”.

Após o episódio, Douglas se manteve em silêncio até a segunda-feira, sem dar nenhuma explicação. Foi Ana quem enviou uma mensagem questionando suas atitudes. Combinaram de se encontrar no dia seguinte e, antes mesmo do encontro, ele enviou um texto terminando o namoro.

“Me mandou um textão, como sempre fazia, porque dizia que não tinha como conversar comigo já que eu dominava a oratória e ele não conseguia rebater argumentos. Ele me colocou no lixo, me chamou de preguiçosa porque não conseguia acompanhar o ritmo atlético dele, que eu não tinha gosto de viver... Sendo que eu perdi o gosto pela vida porque vivi em função dele”.

Aquele foi um golpe duro para Ana que já vinha se sentindo fragilizada há muito tempo. Mesmo sofrendo, tentou salvar a relação. “Eu estava no lixo, sabe? Eu chorei, pedi para voltar e insisti por alguns dias. Depois de uma semana, eu cansei e, quando parei de ligar, ele voltou dizendo que queria reatar. Mas aí eu não queria mais”. Por insistência dele, os dois marcaram um novo encontro, desta vez, para uma conversa decisiva. Antes disso, Douglas enviou um segundo texto para explicar a pauta da conversa. “Resumindo, ele queria continuar namorando, mas sem compromisso. Disse que eu deveria deixá-lo sentir minha falta e não cobrar sua presença. Na verdade, ele queria era uma foda garantida quando não tivesse mais ninguém”.

Dadas as condições, Douglas exigiu um posicionamento sobre o que fariam.

“Você leu o meu texto?”, questionou o rapaz.

“Sim”, disse Ana, seca.

“E o que me diz?”.

“Você leu seu próprio texto, rapaz? Ali mesmo você escreveu o que quer: ficar solteiro. Quer ficar comigo assim para quê? Para me humilhar ainda mais? Não tenho nada o que decidir”.

Mas ele não desistiu e tentou sustentar a proposta, afirmando que seria algo positivo para os dois, um novo começo.

“Tome vergonha nessa cara, antes que eu bata nela!”, Ana ameaçou, assumindo para si uma postura firme, diferente do que sentia por dentro com todo o desgaste emocional. Sentia que precisava assumir o controle da situação antes que caísse outra vez no jogo do ex. “Você tem que responder a três perguntas”, inquiriu Ana e continuou: “Você quer estar em um relacionamento? Quer estar em relacionamento comigo? E, se você decidir ficar comigo, me ligue com as malas prontas que nós vamos morar juntos e casar. Porque depois de três anos, não tem como querer ‘se conhecer’ de novo, sabemos os ônus e bônus de estarmos juntos. Então ou é tudo ou é nada”.

Os dois foram embora, após Ana recusar um beijo de despedida. Douglas ficou de pensar e retornar com sua resposta final, mas os dias se passaram e nenhum posicionamento veio. “Eu perguntei qual a decisão dele, para ter um ponto final oficial.

Ele só disse que não estava pronto para o casamento. Nos despedimos ali numa boa, ele queria manter contato, mas eu não aceitei. Eu estava bem só por fora, porque por dentro eu estava no fundo do poço”.

O depois

Mesmo tendo sido um final anunciado, Ana sofreu muito pelo término. Mas, segundo ela, superar aquela fase só foi possível graças ao acompanhamento psicológico que fazia na época. “Eu consegui entender certas coisas com o passar tempo e uma delas foi sobre um dos motivos do fim. Eu acho que, quando a pessoa não gosta de si mesma, ela não gosta de espelhos. E como eu vivi por Douglas, me tornei um espelho dele, igual a ele. Quando ele se viu em mim, parou de gostar de mim e foi embora”.

Encarar o fim fez Ana tomar uma decisão diferente da que tomou no primeiro relacionamento. Agora, estava decidida a viver o luto pelo rompimento e se dar o tempo de recuperação. Com as orientações de sua psicóloga, permitiu-se viver esse momento de tristeza, mas com cuidado, pois a ‘depressão estava sentada’ ao seu lado. “Eu sentia fortes dores, só chorava e queria morrer. Uma semana depois, ele já estava com outra e eu ainda muito mal. Eu queria morrer. Acho que só não me matei porque pensava muito no meu cachorro, pois meus pais não conseguiriam cuidar dele”.

O sofrimento crescia e parecia engoli-la, enquanto seu corpo respondia com fortes e constantes dores. À medida que o tempo foi passando, os sentimentos se misturaram e Ana caiu num ciclo de tortura psicológica. Se no começo sua maior dor era causada pelo fim do relacionamento, os dias seguintes chegaram carregados de culpa.

“Minha raiva se voltou contra mim. Como eu me permiti passar por aquilo? Várias pessoas diziam que tinha sido uma escolha minha. Mas como minha psicóloga explicou na época, era uma questão química também, quando você está triste, o corpo produz substâncias ruins, algumas até cancerígenas! Foi quando ela disse que eu precisava me mexer. Dançar, passear com o cachorro e estar com os amigos para produzir endorfina e hormônios bons e evitar a necessidade de medicação”.

Mas se manter em movimento foi só o primeiro desafio dos que estavam por vir. Apesar dos esforços, Ana nem sempre conseguia se manter de pé e seus colegas de trabalho se sensibilizaram com sua situação. “Meu chefe, na época, era um amigo de longa data e, de hora em hora, ele aparecia na porta da sala para ver como eu estava. Ele convivia comigo e com Douglas e não imaginava que nossa relação fosse tão problemática”. E foi esse mesmo amigo que muitas vezes a ajudou a levantar quando ela não suportava seguir em frente. “Quando eu sumia da minha sala, ele já sabia que eu estava trancada no banheiro, chorando. Uma vez, eu estava tão mal que estava jogada no chão, abraçada ao vaso sanitário e chorando desesperada. Ele batia na porta e me reerguia”.

E ele não foi o único, muitos outros se uniram numa espécie de mutirão para ajudá-la a superar aquela fase. Faziam-lhe visitas, passeavam, enviavam mensagens, telefonavam não apenas para consolar, mas, também para estimular. Augusto, um ex-colega de trabalho de Douglas trabalhava na mesma empresa que Ana e ela o procurou, na tentativa de entender o ex-namorado e buscar alguma justificativa para seu comportamento. “Douglas admirava muito esse colega e dizia que eram amigos próximos, mas quando fui conversar com ele, descobri que era mentira. Eram só conhecidos. Augusto me explicou que, no meio, ninguém gostava de Douglas por causa dos comentários ácidos que ele fazia em relação aos colegas de trabalho. Só aí que eu entendi porque ele não tinha nenhum amigo. Sempre queria que eu fosse pedalar com ele, porque ninguém o queria por perto”.

Entre altos e baixos, um ano se passou, Ana ainda evitava sair para eventos sociais e se recusava a conhecer pretendentes novos. Isso porque estava convencida de que todo e qualquer envolvimento resultaria em dor e sofrimento. Foi quando a esposa de Augusto, Cintia, lhe fez um convite inusitado. “Ela inventou de fazer um rapel e me chamou, do nada. Eu estava naquele momento de me mexer, então decidi ir para testar meu limite. O detalhe é que eu tenho PAVOR de altura. Mas lembrei que, antes, eu perguntava a Douglas se ele achava que eu conseguiria. Se a resposta dele fosse não, eu nem tentava”.

Decidida, Ana foi ao passeio que terminaria com um banho de rio, após a descida de uma ponte, claro. Com medo, ela procrastinou sua descida até o último momento. Quando todo o grupo desceu e ficou sozinha com o instrutor, colocou o equipamento

e se posicionou. Seu pé estava a 20 centímetros de onde começaria a descida da ponte, passava do meio dia e o calor estava insuportável no asfalto. Lá embaixo, o grupo já se refrescava na água do rio. “Eu empaquei igual a uma mula manca. Minhas pernas pareciam duas pilastras. Foi quando eu disse que não iria, o instrutor tentou me estimular e até se preparou para descer junto. Aquele foi o meu primeiro momento de libertação, porque eu disse não para uma coisa que eu sabia que não conseguiria fazer. Eu respeitei o meu limite e não me obriguei a fazer para agradar alguém. Saí da ponte, fui para o rio me juntar aos outros e não ouvi uma crítica sequer”.

Naquele momento, aquela Ana, tida como a alegria e a energia em pessoa começou a renascer. Desistir de algo nunca foi tão realizador para ela, pois não teve que enfrentar pressões nem as frustrações de ninguém, foi quando começou a se sentir livre outra vez. Ali no rio, Ana conheceu outra amiga, Fernanda, que fez várias fotos no local. Ela sempre tinha alguma coisa boa para falar e teve um papel muito importante no processo de recuperação da autoestima de Ana. “Um dia, saímos para tomar um café e ela me disse que eu estava no caminho certo. Eu chorei muito quando ela me contou que minha irmã tinha conversado com ela, dizendo que eu era sua inspiração e que, de certa forma, tinha me visto morrer, porque eu parecia um robô, esperando um comando”. Toda sua família havia sentido a mudança e estavam empenhados em trazer Ana de volta ao seu normal, mas este foi um processo lento e gradual.

Desde o término, Ana abandonou totalmente a bicicleta e isso deixava sua mãe muito triste, pois pedalar era uma paixão de sua filha desde muito pequena. “O pedal sempre fez parte da minha vida, aprendi com meu irmão quando tinha quatro anos. Mas quando terminei o namoro, eu não conseguia subir na bicicleta, quando pensava em pedalar eu vomitava. Só que minha mãe nunca aceitou isso, ela sempre dizia que não era justo ele tirar uma das minhas paixões mais antigas”. Mesmo desejando o retorno de sua filha aos pedais, a mãe de Ana não a pressionava e repetia que tudo aconteceria no seu devido tempo.

No dia de seu aniversário, Ana ganhou folga no trabalho e resolveu ir mesmo assim. Durante a manhã, percebeu que deveria aproveitar melhor o seu dia. “Avisei que estava indo embora e fui para casa, descansei, tirei um cochilo e, do nada, coloquei minha roupa, minha luva, peguei a bicicleta e saí pedalando. Passei por

minha mãe no trânsito, ela estava no carro com minha irmã e, quando me viu, gritou: essa é minha filha!”.

Ana seguiu pedalando, experimentando mais uma vez o vento na face e nos cabelos. Foi até a Orla de Atalaia, onde sentou em um banco. Mesmo depois de tanto tempo, Douglas ainda tentava conseguir informações dela com amigos e conhecidos, porque, desde o término ela havia abandonado as redes sociais. “Eu sabia disso e resolvi dar uma resposta a ele, reativei todas as minhas redes, tirei uma foto dando dedo e mostrando a bicicleta ao fundo e publiquei com a legenda: ‘Tô de volta, porra!’ Depois, eu soube que Douglas falou que era um absurdo eu ter postado uma foto dando dedo e xingando. E o meu irmão disse a mesma coisa no grupo da família e eu mandei ele tomar no cu. Sim, eu estava de volta”.

Quando voltou para casa, Ana se deparou com uma festa surpresa preparada às pressas, com bolo, brigadeiro, refrigerantes e bebidas. Talvez o momento mais marcante daquela noite foi o discurso feito por sua mãe que arrancou lágrimas dos presentes:

“Você não sabe a alegria que eu senti quando te vi naquela bicicleta. Meu ódio era imaginar que ele ia tirar isso de você. Minha alegria é ter minha filha de volta, porque ela tinha virado um zumbi. Eu não sabia onde ela estava. Minha filha ressuscitou!”.

Ressurreição, é justamente assim que Ana enxerga seu processo de recuperação. Foi uma longa jornada até o momento em que ela conseguiu voltar a si e se sentir bem sendo quem é. O maior desafio talvez tenha sido se perdoar, mas ela conseguiu e percebeu que precisava assumir para si uma responsabilidade importante de sua vida. “Minha felicidade é só minha, depende de mim e de mais ninguém. Quem quiser vir, vai se juntar a ela, mas se for embora, a felicidade fica porque ela é minha”.

Se antes, ela se mexia por necessidade, agora o faz por prazer e, além de voltar a pedalar, passou a fazer trilhas, correr e se dedicar às danças, como o pole dance, *fitdance* e dança do ventre. “No começo, eu vivia para a corrida, participava de todas, mas comecei a procurar as razões daquele exagero e vi que estava vivendo em razão daquilo. Diminuí e hoje corro para me divertir. Pouco depois, descobri o pole

dance. Foi um grande divisor de águas e me ajudou a me reconectar de uma vez por todas”.

No pole dance, Ana descobriu novas habilidades e redescobriu o poder e a sensualidade. “Quando eu postei a primeira foto no pole, foi um sucesso tão grande. Depois, dançando, eu me senti tão maravilhosa, tão mulher! Era o que faltava para me sentir completamente bem. No dia que eu me percebi pendurada naquela barra, de cabeça para baixo, superando meu medo de altura, eu pensei: agora ninguém me segura! Com a dança, eu aprendi a gostar de mim, do meu corpo. Ser gorda e fazer todas essas coisas é muito desafiador, porque duvidam da minha capacidade e eu vou lá e mostro que posso”.

As mudanças na vida de Ana ficam evidentes em seu alto astral, no otimismo, no sorriso fácil e na gargalhada envolvente. O cabelo sempre colorido, a maquiagem caprichada, as roupas descontraídas e confortáveis. Sua amiga Cintia foi quem mostrou a prova dessa evolução ao comparar duas fotos. “Tempos depois que fizemos o rapel, ela mostrou uma foto daquele dia e comparou com uma mais recente em que estava correndo. Na primeira, eu parecia um zumbi, tinha uma aura escura. Na segunda, correndo, estava viva, serelepe”.

Atualmente, Ana tem uma visão diferente de envolvimento e relacionamentos amorosos, ela não sustenta mais a ideia de que é preciso estar com alguém simplesmente para não estar sozinha. Para ela, precisa ser pensado com cuidado. “Relacionamento é uma coisa tão séria, porque não envolve somente duas pessoas, tem família, amigos, etc. Muita gente leva isso de forma irresponsável, são irresponsáveis consigo mesmos, com o outro e, de certa forma, com todos à volta. Nós temos que cuidar da nossa cabeça para não sucumbir às pressões e nos policiar para evitar cair em ciladas como as que eu caí”.

Mas apesar de tantas experiências negativas vividas em seus dois relacionamentos mais duradouros, Ana procura não alimentar mágoas, prefere tentar extrair algo positivo e, hoje, ri dos problemas que enfrentou. “Eu não olho para trás com comiseração, nem fico me lastimando. Tudo foi aprendizado. As lições que não aprendi quando terminei o noivado, eu tive que aprender com esse último. Eu sofri, mas aprendi. Eu sobrevivi e agora estou de volta, numa edição revista e melhorada!”.

Sobrevivendo a um relacionamento abusivo

Traçar um perfil psicológico de pessoas que praticam tais abusos é praticamente impossível, dadas as peculiaridades de cada indivíduo e de cada relação. Ainda assim, no decorrer de cada narrativa, é possível perceber semelhanças de comportamento nas pessoas citadas pelas vítimas. Após cada conflito, um parceiro arrependido e mudado se revelava e usava todo tipo de artifício e promessas para reconquistar a confiança do outro.

Esse padrão de comportamento é chamado de Ciclo da Violência. A psicóloga Sabrina Duarte Cardoso atua há seis anos na Coordenadoria da Infância, Adolescência e da Mulher do Tribunal de Justiça de Sergipe (TJ/SE) e explica que este ciclo passa por três fases: tensão, agressão e a lua de mel. A tensão, por exemplo, pode ser provocada por ciúmes e conflitos, a agressão é o ataque direto e a lua de mel é a reconciliação. “Depois das agressões, o parceiro retorna jurando arrependimento e prometendo jamais tornar a cometer o ato da agressão. Então a relação é retomada, o tempo passa até o próximo momento de tensão e o ciclo completa outra volta”, pontua.

A violência no contexto doméstico não se restringe às agressões físicas, a Lei 11.340/2006, conhecida como lei Maria da Penha descreve os tipos de violência doméstica:

- **Física:** tapas, empurrões, chutes, etc...
- **Psicológica:** proibições como trabalhar, estudar e convívio social.
- **Moral:** calúnias, injúria e difamação.
- **Patrimonial:** roubo de dinheiro ou bens das vítimas.
- **Sexual:** estupro, proibição do uso de anticoncepcional, forçar a vítima se prostituir, etc.

A grande maioria dos casos fica confinada entre as quatro paredes que cercam os cônjuges. Segundo o IBGE, 48% das mulheres agredidas declaram que a violência aconteceu dentro da própria residência do casal. Já no caso dos homens, a pesquisa revelou que apenas 14% foram agredidos no interior de lar (PNAD/IBGE, 2009). Há quem nem tenha ciência de estar vivendo este tipo de relacionamento, como foi o

caso da nossa personagem Laura. A garota inexperiente, vinda do interior, embarcou num relacionamento idealizado que logo se revelou uma grande armadilha, que a manteve presa neste ciclo de violência. A falta de informação foi um agravante para ela, pois ela nem tinha real noção do quanto aquilo era anormal.

O problema é delicado e uma convivência abusiva pode culminar em situações extremas e consequências graves, por isso, falar sobre o assunto é tão importante. Mas não simplesmente expor os casos extremos em páginas e jornais policiais, é preciso entender os envolvidos. Principalmente, porque ainda é comum culpar as vítimas. Perguntar a quem sofreu agressões porque se permitiu a tais situações é quase como agredi-la mais uma vez. Esse tipo de questionamento não colabora em nada com a recuperação da vítima, muito pelo contrário, despertam sentimentos negativos de culpa e remorso. Afinal, como no caso da Ana, mesmo pessoas com históricos de autoestimas elevadas e seguras de si também estão sujeitas a conhecer pessoas tóxicas e viver algum tipo de relacionamento tóxico.

Sabrina observa que, geralmente, os agressores sustentam um perfil de insegurança, fruto de uma cultura machista e uma educação violenta, e utilizam a violência como uma maneira de comunicar sua masculinidade e as companheiras acabam se tornando o alvo dessa agressividade. A pesquisa do Instituto Avon/Data Popular – Percepções dos Homens sobre a Violência Doméstica contra a Mulher, de 2013, revelou um dado que é usado até hoje pelos órgãos engajados na causa. Segundo a pesquisa, 56% dos homens admitem que já xingaram, empurraram, agrediram com palavras, deram tapa, deram soco, impediram de sair de casa e obrigaram a fazer sexo (Data Popular/Instituto Avon 2013).

“Imagine um indivíduo inseguro, com autoestima baixa, que fica ao lado de uma mulher com autoestima elevada e segura de si. Isso expõe a fragilidade dele a todo momento, o que pode ser muito agressivo para ele”, considera a psicóloga. Para ela, a resolução do problema dos relacionamentos abusivos e da violência doméstica também deve passar pela atenção ao agressor. “Eles também precisam de um olhar cuidadoso. É preciso mudar a educação como um todo, na família, na escola e na sociedade, pois deve ser um processo de mudança cultural. Desconstruir ideias como: homem não chora, não deve apanhar na rua sem revidar e estimular o diálogo”, afirma.

Já as consequências para as vítimas costumam ser dolorosas e as repercussões ultrapassam o psicológico e o corpo passa a responder aos traumas vividos. Sabrina explica que há sintomas comuns em pessoas que passaram por experiências tão dramáticas. “Estresse pós-traumático, depressão e pânico são comuns nesses casos, mas também há casos em que elas desenvolvem sintomas fisiológicos como insônia, gastrite e enxaquecas”, comenta. Tanto Ana quanto Laura relataram sofrer com fortes dores físicas causadas pelos traumas psicológicos por que passaram.

Para qualquer pessoa que esteja em um relacionamento abusivo, ou àquelas que enfrentam as consequências de um, é necessário lembrar que elas podem buscar ajuda. Buscar amigos e familiares é o primeiro passo, no entanto, a recuperação depende de muitos mais fatores e profissionais fazem a diferença nesse processo. Sabrina reforça que é preciso compreender e respeitar para ajudar quem está vivendo o ciclo de violência, mas não consegue sair, pois são muitos fatores envolvidos nessa decisão. O Carlos e a Laura enfrentaram, por exemplo, momentos de dependência emocional e financeira e temiam o que poderia acontecer quando saíssem do relacionamento. “É preciso fortalecer a vítima para que ela possa romper o ciclo da violência. Quem atende essas pessoas não pode condenar quem vai e volta para o marido agressor. E, toda vez que ela retorna, temos que atender e acolher até o momento que ela se sinta segura para romper”, enfatiza Sabrina.

É preciso reconhecer que a decisão de rompimento envolve toda uma reorganização da vida da vítima, o que pode ser tão assustador quanto a convivência abusiva. Além da dependência emocional, muitas vítimas acabam se tornando financeiramente dependentes de seus parceiros. Laura tinha medo do divórcio, de não conseguir arcar com as despesas de morar sozinha e, ainda, não poder ajudar a mãe. Carlos estava convencido de que era incapaz e, sem Júlio, não poderia se sustentar. Superar essas barreiras exige muito esforço emocional e, nem sempre, se consegue sem ajuda.

Das três histórias, apenas as duas mulheres buscaram ajuda psicológica, Ana já fazia análise e intensificou a terapia após o segundo relacionamento, já a Laura precisou de acompanhamento após terminar o casamento e enfrentar um estado depressivo e pensamentos suicidas. Por outro lado, Carlos não buscou ajuda

profissional, assim como muitas outras pessoas, talvez por não considerar necessário, por medo ou vergonha.

Quem acessa serviços da rede particular de saúde, incluindo terapias, tem boas chances de superar os traumas e recomeçar, mas quem não tem condições financeiras precisa percorrer um caminho mais extenso. É importante que toda vítima de relacionamento abusivo tenha a quem recorrer, alguém para conversar e desabafar as angústias. A psicóloga Sabrina chama isso de “rede de apoio, formada pelas pessoas mais próximas à vítima, que pode ser um familiar ou um amigo que a apoie a fortalecer para romper o ciclo da violência”.

Sem essa rede primária, é difícil para as vítimas chegarem sozinhas às autoridades, na chamada ‘Rede de Proteção’, em busca de ajuda. O medo e a vergonha são os principais motivos, por isso poder contar com a família e amigos é fundamental, pois eles estimulam a vítima a buscar suporte profissional. Essa rede interestorial é especializada em acolher vítimas de violência física e psicológica e abrange setores como o da saúde, segurança, justiça e assistência social.

À frente da coordenadoria onde Sabrina atua, a juíza Iracy Manguiera explica que a pauta dos relacionamentos abusivos está inclusa em todo o judiciário nacional, por meio da Resolução 254 do Conselho Nacional de Justiça que institui o Programa da Justiça pela Paz em Casa, que define como a Justiça deve tratar esse tipo de caso. “Dentro dessa política está a consolidação de todas as coordenadorias das mulheres e atenção dada ao tema”, detalha. Além de programas e da tramitação de casos de violência doméstica de maneira especializada, a juíza aponta que uma das metas da resolução é o fortalecimento da rede de enfrentamento a este tipo de violência.

Normalmente, a mulher agredida se dirige à delegacia, onde registra uma ocorrência e produz-se um inquérito que vai à justiça. O que vem a seguir varia de caso a caso e Dra. Iracy observa que todas as particularidades envolvidas tornam a questão de alta complexidade. “Não se resolve apenas com a resposta do sistema de segurança e do Poder Judiciário. Ela exige o recrutamento de diversos saberes que perpassam inclusive o saber do operador de direito, por isso precisamos da psicologia, da pedagogia, do serviço social e de outras ciências. É necessário articular com a rede de atendimento, o que inclui a Assistência, com o Suas, a saúde, com o SUS, a

educação e outros órgãos para trabalhar a resposta dada aos casos e, também, a prevenção”, complementa.

Segundo o último Atlas da Violência, lançado no segundo semestre de 2018, foram 221.238 registros de violência doméstica em 2017 enquadrados na Lei Maria da Penha no Brasil, uma média de 606 casos por dia. O Atlas ainda aponta um crescimento nos registros de casos de estupros: em 2017 foram 60.018 casos, 8,4% a mais que no ano anterior. E os casos de feminicídio foram 1.133, representando um crescimento vertiginoso de 82,45%, em comparação com o número de casos registrados em 2016.

Os três relatos apresentados anteriormente são histórias privilegiadas com finais felizes, mas sabemos que muitas outras não terminam assim. E as mulheres ainda são as principais vítimas da violência doméstica. Apesar do medo e do constrangimento, é extremamente necessário que a denúncia seja feita e que se busque ajuda. Pois o ciclo da violência explicado acima vai continuar acontecendo, completando mais voltas, com cada vez menos intervalos de tempo e mais agressividade, o que pode terminar de maneira trágica. Sobreviver a um relacionamento abusivo é romper este ciclo a tempo de conseguir recuperar a autoestima, a confiança e a vontade de viver. Um processo delicado, que pode demorar meses, talvez anos, é verdade, mas necessário. Nossos três personagens mostraram que superar é desconstruir velhos conceitos de amor e relacionamentos e ressignificá-los com humildade e maturidade. Mostraram que é preciso acreditar em si, nos amigos e na família.

Se você está em um relacionamento abusivo, ou conhece alguém que esteja em um, procure ajuda profissional. Não sabe como? Confira uma lista com alguns serviços gratuitos que podem ajudar:

Onde denunciar:

- **Delegacia da Mulher (DAGV):**

Endereço: Rua Itabaiana, 158 - centro, Aracaju

Telefone: 3205-9400

- **Central de Atendimento à Mulher:**

180

- **Polícia Militar:**

190

Onde procurar ajuda:

- **Centro de Valorização da Vida (CVV):**

Disk 188

- **Cras, Creas e Cream**

- **Núcleo de Defesa e Proteção da Mulher (Nudem) - Defensoria Pública:**

Endereço: Rua Santa Luzia, 926, Bairro São José, Aracaju.

Telefone: (79) 3712-7300

- **Clínica de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Sergipe:**

Endereço: Rua Monsenhor Silveira, 412, São José, Aracaju.

Telefone: (79) 3194-7261

- **Clínica de Psicologia UNIT**

Endereço: Avenida Murillo Dantas, 605, Farolândia, Aracaju.

(79) 3218-2213